CONTOS DE TERROR

TOMO I



MARTIN CLARET

CONTOS DE TERROR

TOMO I



Fleete não falava, só rosnava, e seus rosnados eram de lobo, não humanos. Seu espírito humano devia estar enfraquecendo-se ao longo do dia.

CONTOS DE TERROR

TOMO I

Tradução e notas:
Paulo Cezar Castanheira

MARTIN CLARET

SUMÁRIO

Introdução

CONTOS DE TERROR
Tomo I

As dificuldades da vida
A marca da besta

A morte de Halpin Frayser

Ethan Brand
Capítulo de um romance abortivo

A cor do espaço distante

O riquixá fantasma

INTRODUÇÃO

MESTRES DO TERROR: UM BREVE OLHAR AO GÓTICO

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA[1]

O primeiro conto, “As dificuldades da vida — A marca da besta”, e o último, “O riquixá fantasma”, apresentados neste volume foram escritos por Rudyard Kipling (1865–1936). O segundo conto, “A morte de Halpin Frayser”, é de autoria de Ambrose Bierce (1842–1914). O terceiro, “Ethan Brand — Capítulo de um romance abortivo”, é de Nathaniel Hawthorne, seguido do conto “A cor do espaço distante”, publicado por Howard Phillips Lovecraft.

Gostaria de abordar um pouco sobre cada autor e o conto em questão. Decerto, a escolha dessa coletânea de contos não é aleatória, não se trata apenas de uma justaposição de histórias, mas, sobretudo, percebe-se que há nessa coletânea um fio narrativo que conecta essas histórias e seus autores de forma singular, como se houvesse uma linguagem em comum que os une, não só devido ao gênero, mas, também, ao estilo e às características próprias de cada autor, que se conectam, formando um conjunto coeso e coerente.

As duas narrativas de Rudyard Kipling, “As dificuldades da vida — A marca da besta” e “O riquixá fantasma”, têm como espaço literário a Índia, onde Kipling nasceu e viveu. Kipling ganhou o Prêmio Nobel em 1907 devido ao seu grande poder de imaginação, à originalidade, à virilidade de suas ideias, ao seu enorme talento e ao intenso poder

narrativo que caracterizam suas criações literárias.

O primeiro conto, “A marca da besta”, é narrado em primeira pessoa. O narrador juntamente com dois outros personagens — Strickland e Fleete — celebram o ano-novo. Strickland conhece os nativos o suficiente para respeitá-los, já para Fleete esse conhecimento é limitado, além disso ele demonstra certa dificuldade com a língua, o que o distancia ainda mais da cultura e dos nativos. Acrescenta-se o fato de ele ter bebido demasiadamente, mas tudo isso ainda não justificaria seu ato: ao passsar por um templo de Hanuman, o Deus-macaco, Fleete usa seu charuto para fazer uma marca na testa da imagem de Hanuman.

Strickland tinha consciência de que esse ato de profanação traria terríveis consequências para o amigo. Por isso não se espanta quando um leproso, conhecido como Homem de Prata, inteiramente nu e miando como uma lontra, surge por trás da imagem e sem que os outros pudessem evitar agarra Fleete pelos braços e enfia a cabeça dele em seu peito, deixando-lhe uma marca. A partir de então, Fleete passa por um processo de transformação.

Logo, percebe-se a ambiguidade do título, a marca pode referir-se ao ato de Fleete que marca Hanuman, por considerá-lo uma besta. Mas também pode referir-se à marca deixada pelo Homem de Prata em Fleete, que acaba por tornar-se uma besta. Assim, a marca da besta pode ter diferentes sentidos, dependendo da perspectiva de cada personagem. De acordo com a perspectiva de Fleete, que desconhece a cultura local, Hanuman é considerado uma besta. O Homem de Prata, com todo seu estranhamento, é considerado uma besta no sentido animalesco, ele mia como uma lontra e sua face é deformada pela doença. Por outro lado, o ato de Fleete pode ser considerado como uma bestialidade: somente uma pessoa sem conhecimento da cultura alheia poderia cometer tal heresia contra a cultura local. Nesse caso, a marca também indica a marca de uma cultura na outra, mas também pode indicar os limites e as fronteiras

entre duas culturas. Qualquer um com um pouco de conhecimento e bom senso saberia que não se pode ultrapassar tais barreiras, pois as consequências poderiam ser terríveis.

A marginalização da doença juntamente com o misticismo de uma cultura que é desconhecida tanto do personagem, como do leitor, acabam contribuindo para a atmosfera do sobrenatural e causam a sensação de estranhamento no leitor. Desse modo, temos características que são próprias do gótico: a) a representação do terrível; b) uso do sobrenatural; c) uso da técnica do suspense.

De acordo com Vasconcelos (2002), o surgimento do gótico está relacionado com uma importante mudança nas atitudes culturais resultantes de importantes mudanças políticas, econômicas e sociais de que os processos de urbanização, industrialização e a revolução são as faces mais evidentes. Desse ponto de vista, o gótico seria a resposta aos medos e incertezas experimentados nesse período, assim como uma tentativa de superar os limites de ordem racional e moral. Além disso, Vasconcelos (2002) nos lembra que o gótico é permeado por contradições: razão-loucura, excesso-comedimento, real e fantástico, passado e presente, civilizado e bárbaro, sobrenatural e natural. Nesse jogo de contradições há uma constante tensão entre o limite e a transgressão, que definem e caracterizam o gótico.

Tais contradições também podem ser encontradas no outro conto de Kipling, “O riquixá fantasma”, que perturba as fronteiras entre o sobrenatural e o natural e entre o real e o fantástico. Pansay e o seu médico, a Sra. Keith-Wessington e a Srta. Mannering são os personagens dessa história fantástica. Pansay tem um breve caso com a Sra. Keith-Wessington, mas logo se cansa do romance e procura terminar a relação, mas ela se recusa a aceitar o término. Pansay passa a odiá-la e a ser cada vez mais cruel, quando se vê apaixonado pela Srta. Mannering. Pansay e a Srta. Mannering ficam noivos e tudo parece estar muito bem, até que

Pansay começa a ter alucinações com o riquixá da Sra. Keith-Wessington perseguindo-o.

Embora o médico de Pansay procure uma razão plausível para a doença, o leitor acaba hesitando entre o natural e o sobrenatural, o que resulta em uma ruptura ou suspensão na realidade, criando uma incerteza e dúvida no leitor. Não se sabe ao certo se Pansay realmente tem alucinações ou se elas seriam fruto da sua mente culpada por ter abandonado a Sra. Wessington. O leitor, contudo, não pode confiar na percepção deturpada do narrador, já que, de acordo com o médico, o cérebro, a digestão e a visão de Pansay estão levemente afetados, provocando a alucinação. Se, por um lado, o leitor hesita diante dos fatos, Pansay, por outro lado, não hesita em nenhum momento, passando de uma relação a outra, sem que haja um momento de reflexão. Como se esse fosse o único objetivo do riquixá fantasma: vingar-se de Pansay e levá-lo ao mesmo sofrimento.

Tendo em mente que o gótico será o fio narrativo que conecta os contos e os autores dessa coletânea, passaremos agora a abordar o segundo autor, Ambrose Bierce (1842–1914), também considerado um mestre das histórias de terror juntamente com Edgar Allan Poe e H. P. Lovecraft, que Bierce admirava. Se, por um lado, Bierce tinha como predecessores Poe, Lovecraft, Twain e Melville, por outro lado sua obra tem um impacto tremendo na obra de autores pós-modernos como Borges e Cortázar, principalmente devido à sua exploração da linguagem e à sua relação com a percepção.

Nas narrativas de Bierce, a questão da percepção é fundamental, as coisas nem sempre são aquilo que parecem. Geralmente, há uma grande diferença entre a percepção da realidade e a realidade ela mesma. Seus personagens normalmente são cegos pelo medo e por isso apresentam uma visão distorcida da realidade. Consequentemente, o leitor dificilmente poderá confiar no narrador, contudo, ele aceita o pacto de

leitura, compreendendo que aquilo que é dito é verossímil dentro dos limites da narrativa, mas seria completamente improvável no mundo real.

A questão da percepção é também bastante cara ao gótico, pois cria uma ilusão da realidade, a ponto de o leitor não saber separar o que é real do que é ficção. Dessa forma, nossa percepção é absolutamente manipulada pelo autor. O estilo de Ambrose Bierce é bastante econômico; seu estilo é seco, preciso e elegante, apresentando sempre uma visão sardônica da natureza humana. Suas narrativas são marcadas por começos repentinos e inesperados, por uma atmosfera obscura, vagas referências ao tempo, descrições limitadas e eventos impossíveis.

Assim como Poe, Bierce une as histórias de terror às histórias de detetive, bem como podemos observar em "A morte de Halpin Frayser", em que duas narrativas são intercaladas e uma contribui para a resolução da outra. O autor fornece algumas pistas ao leitor desde o princípio do conto para que ele possa resolver o enigma que envolve os dois planos da narrativa. A partir da epígrafe, Bierce apresenta ao leitor o enigma que ele deve solucionar. O medo e o suspense ocorrem na floresta assombrada e onírica e causam o efeito do *unheimlich*, o estranho de Freud. O estranho que um dia foi familiar, mas que por um momento soa como estranho, aterrador. Halpin em meio ao seu sonho aterrorizante depara-se com a morte da mãe, para depois ter de lutar pela sua própria vida. No conto, as fronteiras entre o sonho e a realidade são desnorteadas pela percepção também distorcida do personagem principal, que é tomado pelo medo irracional. Assim, a atmosfera de medo, mistério e terror contribui para a construção do sobrenatural.

O riso terrível, sobrenatural e diabólico lançado no conto de Bierce também perpassa a narrativa de Nathaniel Hawthorne (1804–1864), "Ethan Brand — Capítulo de um romance abortivo". Decerto, o conto é um pouco mais longo que o normal, mas pode-se notar que seria um

fragmento de um romance. O personagem principal, Ethan Brand, é o típico herói do romance, aquele que se vê deslocado do seu ambiente e busca um sentido maior para sua existência.

As narrativas de Hawthorne são povoadas por personagens intelectuais pecadores semelhantes a Fausto, aquele que compactua com o demônio. Ethan, insatisfeito com seu trabalho e com o sentido de sua vida, sai em busca do Pecado Imperdoável. Em sua procura, acaba por cometer o maior pecado contra si mesmo, que seria a negação de si e do outro e o isolamento da raça humana. Após um longo e intenso período de isolamento e questionamento, ele acaba por encontrar em si próprio aquilo que não poderia ter encontrado em outro lugar.

No conto, a representação do cão perseguindo o próprio rabo é uma imitação irônica da busca de Ethan, quando ele percebe que sua tentativa para encontrar o Pecado Imperdoável é tola e impossível, pois, segundo os cristãos, não há tal coisa como um pecado imperdoável, já que Deus é infinitamente misericordioso. Contudo, para Hawthorne, não há pecado sem ação, e ele seria apenas uma ferramenta para examinar os recônditos de seus personagens.

Ao longo da narrativa, Ethan perde o sentimento de fraternidade com aqueles com quem ele convive. Ele endurece seu coração, assim como os homens do vilarejo perdem a alma na bebida, mas o coração de Ethan torna-se petrificado. Blake diz que carregamos o inferno e o céu dentro de nós mesmos. Ethan decide transformar seu coração no próprio inferno.

Assim como as chamas no calcinador, a narrativa é toda circular. O final retorna ao começo, pai e filho diante do fogo. Desse modo, a arte do calcinador diante da sua fornalha também informa a arte do autor diante da sua matéria-prima. A busca do personagem principal, assim como o cão que persegue o próprio rabo, indica que o fim está no começo. A circularidade indica a inevitabilidade da morte, como se o

personagem estivesse aprisionado em seu próprio círculo do qual fosse impossível fugir, como Édipo na encruzilhada.

Howard Phillips Lovecraft (1890–1937), juntamente com Poe, que ele considerava o "Deus da ficção", é também um mestre das histórias de terror. Por aliar o terror à ficção científica, ele popularizou um novo gênero, o terror cósmico, como podemos ver no conto "A cor do espaço distante" e, também, em "Dreams in the Witch House". Nesse conto Lovecraft questiona como a ciência e a filosofia humanas são incapazes de compreender o universo e como as forças caóticas da natureza poderiam varrer a existência humana num simples abrir e fechar de olhos.

Em *The Supernatural Horror in Literature*, publicado em 1927, Lovecraft afirma que o medo é a emoção mais antiga e mais forte da humanidade e que o tipo de medo mais forte e mais antigo é o medo do desconhecido. Nesse livro, uma referência para quem estuda o gótico, Lovecraft discorre a respeito das origens do romance gótico, sobre a obra de Edgar Allan Poe, sobre a tradição dos contos de terror na Inglaterra e na América e finalmente sobre os mestres modernos.

Em "A cor do espaço distante", os personagens são fazendeiros, e a cor misteriosa vem de um meteorito que cai na cidade e terroriza seus habitantes. Mudanças ocorrem na vegetação e nos animais, na água e nos homens. Ao final, o conto leva o leitor a questionar sobre a loucura e a racionalidade do universo. Uma questão também presente em "At the Mountains of Madness".

O conto é apresentado na primeira pessoa, o narrador ouve a história de Ammi Pierce sobre os acontecimentos na fazenda de seu amigo Nahum Gardner. Tudo ocorre num passado longínquo, em junho de 1882, mas que deixa marcas visíveis no presente momento da narrativa. O autor enfatiza que mesmo a linguagem é incapaz de descrever o estranhamento que tomou conta do lugar. Os fatos são descritos com um

toque de irreal e grotesco, a ambientação e a atmosfera são próprias de um conto de terror. Tal atmosfera é construída aos poucos no ambiente da fazenda, que passa de um espaço próspero e frutífero para um espaço mórbido e infértil, cercado pela loucura e por acontecimentos estranhos. A ambientação é sombria, escura, permeada pela solidão e pelo isolamento. Aos poucos os personagens vão perdendo a condição de pertencimento e vão sendo marginalizados pelo resto da sociedade, que os isola e os lança a um espaço de silêncio e solidão.

Esperamos que, a partir dessa breve introdução sobre os autores e seus contos, o leitor consiga obter o conhecimento necessário e pertinente que possa embasar sua leitura e que futuramente possa aprofundar-se nos autores e contos apresentados.

Uma ótima leitura.

REFERÊNCIAS

BATTLES, Paul. “The mark of the beast”: Rudyard Kipling’s apocalyptic vision of the empire. *Studies in short fiction*. Vol. 33, nº 1. 1996. p. 333-344. Disponível em www.jstor.org. Acesso em 30 mar. 2014.

BAYM, Nina. The head, the heart, and the Unpardonable Sin. *The New England Quarterly*. Vol. 40, nº1. 1967. p. 31-47. Disponível em www.jstor.org. Acesso em 30 mar. 2014.

GRENANDER, M. E. The experimental fiction of Ambrose Bierce: Structuring the ineffable. *Modern Fiction Studies*. Vol. 31, nº 2. 1985.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *Supernatural horror in literature*. New York: Pack Lite Books, 1927.

TYREE, J. M. Lovecraft at the automat. *New England Review*. Vol. 29, nº 1. 2008. p. 137-150. Disponível em www.jstor.org. Acesso em 30 mar. 2014.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. Romance Gótico: Persistência do romanesco. *In*: *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

WEGNER, Gregory R. Hawthorne’s “Ethan Brand” and the structure of the literary sketch. *The Journal of Narrative Technique*. Vol. 17, nº 1. 1987. Disponível em www.jstor.org. Acesso em 30 mar. 2014.

CONTOS DE TERROR

TOMO I





AS DIFICULDADES DA VIDA
A MARCA DA BESTA



RUDYARD KIPLING

Seus deuses ou meus deuses: você sabe,
ou sei eu, quais são mais fortes?
PROVÉRBIO NATIVO.

A leste de Suez, afirmam alguns, cessa o controle direto da Providência; ali o homem é entregue ao poder dos deuses e demônios da Ásia, a Providência da Igreja da Inglaterra só exerce uma supervisão ocasional e modificada no caso dos ingleses.

Essa teoria explica alguns dos horrores mais desnecessários da vida na Índia: e pode ser esticada para explicar a minha história.

Meu amigo Strickland, da polícia, que conhece bem os nativos da Índia, pode dar testemunho dos fatos do caso. Dumoise, nosso médico, também viu o que vimos Strickland e eu. A conclusão que tirou da evidência foi completamente incorreta. Agora ele está morto; morreu de maneira muito curiosa, descrita em outra parte.

Quando veio para a Índia, Fleete tinha um pouco de dinheiro e algumas terras nos Himalaias, perto de um lugar chamado Dharmasala. As duas propriedades lhe foram deixadas por um tio, e ele veio para financiá-las. Era um homem grande, pesado, amável e inofensivo. Seu conhecimento dos nativos era evidentemente limitado, e ele se queixava das dificuldades da língua.

Veio da sua casa nas montanhas para passar o ano-novo na estação, e

se hospedou com Strickland. Na noite de ano-novo houve um grande jantar no clube, e a noite estava desculpavelmente úmida. Quando se reúnem vindo dos pontos mais distantes do império, os homens têm o direito de ser exuberantes. Da fronteira veio um contingente de Catch-em-alive-O's, que durante um ano não tinham visto nem vinte rostos brancos e tinham o hábito de viajar quinze milhas para jantar no forte seguinte, com o risco de receber uma bala khyber onde deveriam repousar as bebidas ingeridas. Aproveitaram bem a sua nova segurança, pois tentaram jogar bilhar com uma bola de ouriço encontrada no jardim, e um deles levava o marcador pela sala, entre os dentes. Meia dúzia de agricultores tinham chegado do sul e contavam mentiras ao Maior Mentiroso na Ásia, que tentava superar todas as histórias. Todos estavam lá, cerravam fileiras e avaliavam nossas baixas em número de mortos e feridos caídos durante o ano anterior. A noite estava muito úmida, e lembro que cantamos "Auld Lang Syne"[1] com os pés na taça do campeonato de polo e a cabeça entre as estrelas, jurando que éramos todos amigos queridos. Então, alguns de nós partiram e anexaram a Birmânia, outros tentaram abrir o Sudão e foram abertos pelos *fuzzies*[2] naquela luta cruel em torno de Suaquém, outros encontraram estrelas e medalhas, outros se casaram, o que foi ruim, alguns fizeram outras coisas ainda piores, e também houve quem continuasse preso aos nossos grilhões, lutando para ganhar dinheiro com base em experiências insuficientes.

Fleete começou a noite tomando xerez e bíter, bebeu champanhe até a hora da sobremesa, depois Capri puro e ardente com toda a força do uísque, bebeu Benedictine com o café, quatro ou cinco uísques com soda para aperfeiçoar suas tacadas de bilhar, cerveja às duas e meia da manhã, fechando a noite com um conhaque envelhecido. Como consequência, ao sair às três e meia da madrugada, para um frio congelante de dez graus negativos, ficou com raiva do seu cavalo por ter

tossido e tentou saltar para a sela. O cavalo se soltou e correu para os estábulos; então Strickland e eu formamos uma Guarda de Desonra para levar Fleete para casa.

Nossa estrada atravessava o bazar, próximo a um pequeno templo de Hanuman, o deus-macaco, uma divindade importante, digna de respeito. Todos os deuses têm características boas, assim como todos os sacerdotes. Pessoalmente, dou muita importância a Hanuman, e trato bem o seu povo, os grandes macacos cinzentos das montanhas. Nunca se sabe quando se vai precisar de um amigo.

Havia luz no templo e, quando passamos, ouvimos vozes de homens cantando hinos. Num templo nativo, os sacerdotes se levantam em todas as horas da noite para honrar o seu deus. Fleete correu até os degraus, deu tapinhas nas costas de dois sacerdotes e, com toda seriedade, amassou a cinza do seu charuto na testa da imagem de pedra vermelha de Hanuman. Strickland tentou arrastá-lo para fora, mas ele se sentou e disse solenemente:

— Essshtá veno? A marca da b-bessshta! Eu fiz. Não essshtá ótima?

Em meio minuto o templo ficou agitado e barulhento, e Strickland, que sabia a consequência de profanar os deuses, disse que alguma coisa aconteceria. Ele, em virtude da sua posição oficial, do longo tempo de residência no país e por gostar da companhia dos nativos, já era conhecido dos sacerdotes e se sentiu constrangido. Fleete se sentou no chão, e se recusou a se levantar. Dizia que o “o velho Hanuman” era um travesseiro muito macio.

Então, sem nenhum aviso, um Homem de Prata surgiu de um recesso atrás da imagem do deus. Estava completamente nu naquele frio cortante, e seu corpo brilhava como prata congelada, pois era o que a Bíblia chama de “leproso branco como a neve”. Além disso, ele não tinha rosto, porque era um leproso de muitos anos, sua doença pesava sobre ele. Nós dois paramos para levantar Fleete, e o templo se enchia cada

vez mais de gente que parecia sair da terra. De repente, o Homem de Prata correu até debaixo dos nossos braços, soltou um ruído igual ao miado de uma lontra, agarrou o corpo de Fleete e deitou a cabeça dele no seu peito antes que pudéssemos arrancá-lo. E então se afastou para um canto miando, enquanto a multidão bloqueava todas as portas.

Os sacerdotes ficaram com muita raiva, mas, quando o Homem de Prata aninhou Fleete, isso pareceu acalmá-los.

Após um minuto de silêncio um deles veio até Strickland e disse, em perfeito inglês:

— Leve o seu amigo embora. Ele já acabou com Hanuman, mas Hanuman não acabou com ele.

A multidão abriu caminho e levamos Fleete para a estrada.

Strickland estava com muita raiva. Disse que nós três poderíamos ser esfaqueados, que Fleete devia agradecer às estrelas por ter escapado sem ferimentos.

Fleete não agradeceu a ninguém. Disse que queria ir para a cama. Estava gloriosamente bêbado.

Fomos em frente, Strickland calado e com raiva. Fleete começou a tremer e suar, dizendo que os cheiros do bazar eram muito fortes, e se perguntava por que permitiam matadouros tão perto das residências inglesas.

— Não está sentindo o cheiro de sangue?

Finalmente, ao raiar do dia, nós o colocamos na cama, e Strickland me convidou para mais um uísque com soda. Enquanto bebíamos, ele mencionou o problema no templo e admitiu que ficou completamente perplexo. Strickland detesta ser mistificado pelos nativos, porque na sua profissão ele deve superá-los com as próprias armas deles. Ainda não conseguiu fazê-lo, mas nos próximos quinze ou vinte anos terá feito algum progresso, ainda que pequeno.

— Eles deviam ter-nos espancado em vez de miar para nós. Eu me

pergunto o que queriam. Não gosto nem um pouco disso.

Eu disse que o Comitê Administrativo do templo provavelmente apresentaria uma ação criminal contra nós por insulto à religião deles. Havia uma seção do Código Penal da Índia que tratava exatamente do crime cometido por Fleete. Strickland disse que esperava que eles tomassem essa atitude. Antes de sair, fui olhar o quarto de Fleete e ele estava deitado sobre o lado direito, coçando o lado esquerdo do peito. Às sete da manhã, fui deitar-me sentindo frio, deprimido e inconformado.

À uma da tarde fui à casa de Strickland para saber como estava a cabeça de Fleete. Imaginei que estivesse doendo. Ele estava tomando o café da manhã e não parecia bem. Não estava calmo, pois gritava com a cozinheira porque suas costeletas não estavam malpassadas. Era uma curiosidade um homem capaz de comer carne crua depois de uma noite úmida. Disse isso a Fleete e ele sorriu.

— Vocês criam mosquitos estranhos nesta terra — disse ele. — Estou cheio de picadas, mas todas no mesmo lugar.

— Vamos dar uma olhada nessas picadas — disse Strickland. — Podem ter desinchado desde hoje de manhã.

Enquanto as costeletas eram preparadas, Fleete abriu a camisa e nos mostrou, um pouco acima do lado direito do peito, uma marca, a cópia perfeita das rosetas negras, as cinco ou seis manchas irregulares arranjadas em círculo na pele do leopardo. Strickland olhou e disse:

— Hoje de manhã estava só cor-de-rosa. Agora está preta.

Fleete correu para o espelho.

— Meu Deus! Está horrível. O que é isto?

Não soubemos responder. Naquele momento chegaram as costeletas e Fleete devorou três do modo mais ofensivo: só mastigava do lado direito e jogou a cabeça sobre o ombro direito enquanto devorava. Ao terminar, percebeu que estava comportando-se de maneira estranha, pois disse em tom de desculpa:

— Acho que nunca senti tanta fome na minha vida. Comi quase sem mastigar, como um avestruz.

Depois da refeição, Strickland me pediu para ficar.

— Não vá embora. Fique aqui e passe a noite.

Como a minha casa não ficava longe da de Strickland, aquele pedido era absurdo. Mas ele insistiu, e ia dizer alguma coisa quando foi interrompido por Fleete, que declarou, envergonhado, que ainda estava com fome. Strickland mandou um homem até a minha casa para buscar a minha roupa de cama e um cavalo, e nós três descemos até os seus estábulos para matar o tempo até a hora de sairmos a cavalo. O homem que gosta de cavalos nunca se cansa de examiná-los, e, quando dois homens estão matando o tempo dessa maneira, reúnem conhecimentos e mentiras um sobre o outro.

Havia cinco cavalos no estábulo, e nunca vou esquecer a cena quando tentamos examiná-los. Pareciam ter enlouquecido. Recuavam e relinchavam, quase quebravam as baias; suavam e tremiam, espumavam e estavam loucos de medo. Os cavalos de Strickland conheciam-no bem, tal como seus cachorros, o que tornava tudo mais curioso. Saímos do estábulo com medo de os animais se atirarem, em pânico. Então Strickland voltou lá e me chamou. Os cavalos ainda estavam assustados, mas nos deixaram “acariciá-los” e brincar com eles, então colocamos as cabeças deles no nosso peito.

— Eles não estavam com medo de NÓS — disse Strickland. — Sabe, eu daria três meses de salário se OUTRAGE aqui soubesse falar.

Mas Outrage era mudo, só podia aceitar os carinhos do dono e bufar pelas narinas, como é o costume dos cavalos quando querem explicar certas coisas mas não conseguem. Fleete retornou enquanto ainda estávamos nas baias, e no momento em que os cavalos o viram, o medo se manifestou novamente. Mal conseguimos sair dali sem coices. Strickland disse: — Parece que eles não gostam de você, Fleete.

— Tolice — respondeu Fleete —, minha égua me segue como um cachorro. Foi até ela, que estava numa baia isolada. Mas quando afastou as barras, a égua saltou, derrubou-o e fugiu para o jardim. Eu ri, mas Strickland não gostou. Tomou o bigode nas duas mãos e puxou até quase arrancá-lo do rosto. Fleete, em vez de sair em busca da sua propriedade, bocejou, dizendo que estava com sono. Foi para a casa e se deitou, o que era um modo imbecil de passar o dia de ano-novo.

Strickland sentou-se comigo nos estábulos e perguntou se eu tinha notado algo peculiar nos modos de Fleete. Eu disse que ele tinha comido como um animal, mas que isso podia ser o resultado de viver sozinho nas montanhas, fora do alcance de uma sociedade refinada e elevada como a nossa. Strickland não achou graça. Creio que nem ouviu o que eu disse, pois sua próxima frase se referiu à marca no peito de Fleete, e eu disse que ela poderia ter sido causada pela mosca espanhola, ou talvez uma marca de nascença, agora visível pela primeira vez. Concordamos que era horrível de ver, e Strickland aproveitou para dizer que eu era um idiota.

— Não posso dizer o que estou pensando — falou ele —, porque você diria que eu sou louco; mas, se puder, fique comigo durante os próximos dias. Quero que você vigie Fleete, mas não me diga o que está pensando até eu tomar uma decisão.

— Mas tenho de jantar fora hoje à noite —, expliquei.

— Eu também — respondeu Strickland —, e Fleete também. Isso se ele não mudar de ideia.

Andamos em silêncio pelo jardim fumando, até nossos cachimbos se apagarem, porque éramos amigos e a conversa estraga o bom fumo. E então fomos acordar Fleete, que já estava acordado, andando pelo quarto.

— Quero mais costeletas —, disse. — Podem servir-me mais algumas?

Nós dois rimos.

— Vá vestir-se. Os cavalos estarão prontos em um minuto.

— Está bem. Mas só saio depois de ter comido as costeletas, malpassadas.

Ele parecia falar sério. Eram quatro horas e havíamos tomado o desjejum à uma; ainda assim, durante muito tempo ele exigiu as costeletas malpassadas. Depois vestiu roupas de montaria e saiu para a varanda. Seu cavalo — a égua ainda não fora encontrada — não permitiu que ele se aproximasse. Os três cavalos estavam intratáveis, loucos de medo; finalmente Fleete disse que preferia ficar em casa e comer alguma coisa. Strickland e eu saímos a cavalo. Ao passarmos pelo templo de Hanuman, o Homem de Prata saiu e miou para nós.

— Ele não é um dos sacerdotes habituais — disse Strickland. — Particularmente, acho que eu gostaria de meter as mãos nele.

Aquela noite, nosso galope na pista de corridas não teve energia. Os cavalos estavam desanimados, moviam-se como se estivessem completamente exaustos.

— O medo após o desjejum foi demais para eles — disse Strickland.

Essa foi sua única observação durante o passeio. Acho que uma ou duas vezes ele praguejou para si mesmo, mas isso não conta.

Voltamos no escuro, às sete horas, e vi que não havia luz no bangalô.

— Bandidos desleixados, os meus empregados!

Meu cavalo recuou diante de alguma coisa bem na entrada de carros; Fleete se levantou sob o seu focinho.

Strickland gritou.

— O que você está fazendo, rastejando pelo jardim?

Mas os dois cavalos saltaram e quase nos derrubaram. Desmontamos ao lado dos estábulos e fomos até Fleete, que estava de quatro sob as laranjeiras.

— Que diabos há de errado com você?

— Nada, nada nesse mundo —, disse Fleete, falando rápido mas com

voz gutural. — Estou jardinando e botanizando, sabe? O cheiro da terra é delicioso. Acho que vou dar um passeio, um longo passeio, a noite toda.

Notei então que havia alguma coisa excessivamente errada, e disse a Strickland:

— Não vou sair para jantar.

— Graças a Deus! Vamos, Fleete, levante. Você vai acabar ficando com febre se continuar aí no chão. Vamos entrar para jantar e acender as luzes. Vamos todos jantar em casa.

Fleete se levantou, contrariado, e disse:

— Sem luzes, sem luzes. Está muito mais agradável aqui. Vamos jantar aqui fora, vamos comer mais umas costeletas, muitas delas, malpassadas, sangrentas e com cartilagem.

Ora, uma noite de dezembro no norte da Índia é enregelante, e a sugestão de Fleete era como a ideia de um maníaco.

— Vamos entrar. Vamos entrar imediatamente.

Fleete entrou, e quando foi iluminado pelas lâmpadas vimos que estava lambuzado de terra dos pés à cabeça. Devia ter rolado no jardim. Evitou a luz e foi para o quarto. Era difícil olhar para seus olhos. Atrás deles, não dentro deles, havia uma luz verde, se é que você me entende, e o lábio inferior do homem estava pendurado.

Strickland disse:

— Hoje vai ter encrenca, uma grande encrenca, hoje à noite. Continue com a sua roupa de montaria.

Esperamos e esperamos pela volta de Fleete. Enquanto isso, pedimos o jantar. Podíamos ouvi-lo andando no seu quarto, no escuro. Logo veio do quarto um longo uivo de lobo.

As pessoas escrevem e falam tranquilamente do sangue gelando nas veias, do cabelo arrepiando e coisas assim. As duas sensações são horríveis demais para brincar com elas. Meu coração parou como se uma

faca tivesse sido enfiada dentro dele, e Strickland ficou branco como a toalha de mesa.

O uivo se repetiu e foi respondido por outro, vindo de longe no campo.

Aquilo trouxe o horror para o teto dourado. Strickland se lançou correndo até o quarto de Fleete. Eu o segui, e o vimos saindo pela janela. Seus ruídos guturais imitavam um animal selvagem. Ele não foi capaz de responder quando gritamos; apenas cuspia.

Não lembro bem o que se seguiu, mas acho que Strickland deve tê-lo atordoado com uma pancada da descalçadeira, ou eu não teria como me sentar sobre o seu peito. Fleete não falava, só rosnava, e seus rosnados eram de lobo, não humanos. Seu espírito humano devia estar enfraquecendo-se ao longo do dia e finalmente morreu no crepúsculo. Estávamos lidando com uma fera, que antes fora Fleete.

Tudo aquilo estava além de toda a experiência humana e racional. Tentei dizer “hidrofobia”, mas não conseguia pronunciar a palavra, pois sabia que estava mentindo.

Amarramos a fera com correias de couro, do *punkah*,[3] amarramos juntos os polegares e os dedões dos pés e a amordaçamos com uma calçadeira, que é uma mordaça muito eficaz quando se sabe usá-la. Levamos então a besta para a sala de jantar e mandamos um homem buscar Dumoise, o médico, pedindo que ele viesse imediatamente. Após despachar o mensageiro e tentar acalmar a respiração, Strickland disse:

— Não adianta. Isso não é trabalho de médico.

Eu também sabia que ele falava a verdade.

A cabeça da fera estava livre, e ela a jogava de um lado para o outro. Quem entrasse na sala pensaria que estávamos curando a pele de um lobo, o delito mais odioso de todos.

Strickland sentou-se sem dizer nada, com o queixo apoiado na palma da mão, observando a fera que se contorcia no chão. A camisa se rasgara

durante a luta e exibia a roseta no lado esquerdo do peito, destacando-se como uma pústula.

Enquanto observávamos em silêncio, ouvimos alguma coisa lá fora miando como uma lontra. Levantamo-nos os dois e, respondo por mim, não por Strickland, estávamos fisicamente e de fato nos sentindo mal. Como os homens no Pinafore,[4] dissemos um ao outro que era o gato.

Dumoise chegou, e nunca vi o homenzinho tão chocado, de modo tão pouco profissional. Disse que era um caso penoso de hidrofobia, e que nada poderia ser feito. Pelo menos qualquer medida paliativa só poderia prolongar a agonia. A fera estava espumando na boca. Fleete, conforme contamos a Dumoise, tinha sido mordido por cachorros uma ou duas vezes. Qualquer um que tenha uma meia dúzia de *terriers* pode tomar uma mordida vez por outra. Dumoise não foi capaz de oferecer assistência. Só podia atestar que Fleete estava morrendo de hidrofobia. A fera uivava, pois tinha conseguido livrar-se da calçadeira. Dumoise disse que estava pronto a atestar a causa da morte, que o fim era inevitável. Era um homenzinho bom e se ofereceu para ficar conosco; mas Strickland recusou a oferta. Não queria envenenar o ano-novo do médico. Só lhe pediu para não informar ao público a verdadeira causa da morte de Fleete.

Assim Dumoise foi embora, profundamente agitado. Ao cessar o ruído das rodas da carruagem, Strickland me disse, sussurrando, as suas suspeitas. Eram tão improváveis que ele não ousava dizê-las em voz alta; e eu, que acreditava nas suas opiniões, estava tão envergonhado por acreditar naquelas suspeitas que fingi não acreditar.

— Mesmo que o Homem de Prata tivesse amaldiçoado Fleete por ter profanado a imagem de Hanuman, a punição não poderia ter chegado tão depressa.

Enquanto eu dizia isso o grito lá fora voltou, e a fera caiu num paroxismo de luta até ficarmos com medo de que as correias que a

continham acabassem por ceder.

— Veja! Se isso acontecer seis vezes, farei justiça com minhas próprias mãos. E ordeno que você me ajude.

Strickland foi até o seu quarto e depois de alguns minutos voltou com os canos de uma velha espingarda, um pedaço de linha de pesca, uma corda grossa e sua pesada cama. Relatei que as convulsões foram seguidas por gritos após dois segundos e que a fera parecia mais fraca.

Strickland murmurou:

— Mas ele não pode tirar a vida! Mas ele não pode tirar a vida!

Apesar de saber que argumentava contra mim mesmo, respondi:

— Talvez seja um gato. Tem de ser um gato. Se o Homem de Prata é o responsável, por que ele criou coragem para vir até aqui?

Strickland pôs lenha na lareira, colocou os canos no fogo, espalhou a linha na mesa e quebrou uma bengala em duas partes. Havia uma jarda[5] de linha de pesca, tripa enrolada em fio tal como é usada na pesca do masheer,[6] e amarrou as duas pontas num laço.

E então perguntou:

— Como vamos prendê-lo? Tem de ser preso vivo e sem ferimentos.

Eu disse que tínhamos de confiar na Providência e sair sem fazer barulho com os tacos de polo até a vegetação do jardim, diante da casa. O homem ou o animal que havia gritado estava evidentemente se movendo em volta da casa com a regularidade de uma sentinela. Poderíamos esperar no meio da vegetação e derrubá-lo assim que se aproximasse.

Strickland aceitou a sugestão. Deslizamos pela janela do banheiro, rumo à varanda da frente, cruzamos a passagem das carruagens e entramos na vegetação.

Sob o luar, vimos o leproso surgir de trás da casa. Estava totalmente nu, e de tempos em tempos miava e parava para dançar com a própria sombra. Era uma visão pouco atraente, e ao pensar no pobre Fleete, que

sofria tal degradação por causa de uma criatura tão horrível, afastei todas as minhas dúvidas e decidi ajudar Strickland, desde os canos aquecidos até o laço de linha, desde os quadris até a cabeça e de volta aos quadris, todas as torturas que se fizessem necessárias.

O leproso parou por um momento na varanda da frente, e nós saltamos sobre ele com os tacos. Ele era maravilhosamente forte, e tivemos medo de que conseguisse fugir ou se ferir mortalmente antes que conseguíssemos prendê-lo. Tínhamos a ideia de que os leprosos eram criaturas frágeis, mas não era verdade. Strickland puxou suas pernas e o derrubou, e eu pus o pé no seu pescoço. Ele miou horrivelmente, e mesmo através das minhas botas de montaria senti que seus músculos não eram os músculos de um homem limpo.

Ele tentou atacar-nos com a mão e os tocos de pé. Prendemos uma corrente de cachorro em volta dele, sob os braços, e o arrastamos de costas até o saguão e a sala de jantar onde estava a fera. Lá o amarramos com as correias de couro de um baú. Ele não fez nenhuma tentativa de fugir, apenas miou.

Quando o colocamos diante da fera, a cena foi além de qualquer descrição. A fera se curvou para trás num arco, como se tivesse sido envenenada com estricnina, e gemeu penosamente. Muitas outras coisas aconteceram, mas não podem ser descritas aqui.

— Acho que eu tinha razão — disse Strickland. — Agora vamos pedir que ele cure a vítima.

Mas o leproso se limitou a miar. Strickland enrolou uma toalha na mão e tirou os canos do fogo. Eu passei a metade da bengala pelo laço de linha de pesca e prendi o leproso confortavelmente à cama de Strickland. Então, entendi como homens, mulheres e crianças podem suportar ver uma bruxa queimada viva; pois a fera gemia no chão e, apesar de o Homem de Prata não ter rosto, era possível ver os sentimentos horríveis que passavam pela pedra que tomou o seu lugar,

exatamente como as ondas de calor brincam no ferro aquecido ao rubro, por exemplo, canos de arma.

Strickland protegeu os olhos com as mãos durante um momento e começamos a trabalhar. Essa parte não deve ser impressa.

A alvorada começava a raiar quando o leproso falou. Seus miados não tinham sido satisfatórios até aquele ponto. A fera tinha desmaiado de exaustão e a casa estava quieta. Soltamos o leproso e lhe dissemos para extirpar o espírito mau. Ele rastejou até a fera e pôs a mão sobre o lado esquerdo do peito dela. Apenas isso. Então, caiu de cara e chorou, respirando com força.

Observamos a cara da fera e vimos a alma de Fleete voltar aos seus olhos. Então, o suor começou a minar na sua testa, e os olhos, eram agora olhos humanos, se fecharam. Esperamos por uma hora, mas Fleete ainda dormia. Nós o levamos para o seu quarto e pedimos que o leproso fosse embora, oferecendo-lhe a cama, o lençol para cobrir sua nudez, as luvas e as toalhas com as quais o tínhamos tocado, além do chicote que havíamos prendido ao seu corpo. Ele se enrolou no lençol e saiu para a madrugada, sem falar nem miar.

Strickland limpou o rosto e se sentou. Ao longe, na cidade, um gongo soou as sete horas.

— Exatamente vinte e quatro horas! E fiz o suficiente para garantir a minha demissão do serviço, além de um quarto permanente num asilo de loucos. Você acredita que estamos acordados?

Os canos vermelhos tinham caído no chão e queimavam o tapete. O cheiro era completamente real.

Naquela manhã, às onze, fomos juntos acordar Fleete. Olhamos e vimos que a roseta preta de leopardo tinha desaparecido do seu peito. Ele estava tonto e cansado, mas quando nos viu disse:

— Ora, vergonha, amigos. Feliz ano-novo. Nunca misturem bebidas. Estou quase morto.

— Muito obrigado, mas você está um pouco atrasado — disse Strickland. — Estamos na manhã do dia dois. Você dormiu mais profundamente que um dia inteiro.

A porta abriu e o pequeno Durmoise enfiou a cabeça. Tinha vindo a pé, e imaginou que tivéssemos de banhar Fleete.

— Trouxe uma enfermeira. Suponho que ela possa entrar para… o que for necessário.

— Certamente — concordou Fleete animado, sentando-se na cama. — Traga suas enfermeiras.

Dumoise ficou mudo. Strickland o levou para fora e explicou que podia ter sido um erro de diagnóstico. Mas o médico continuou mudo e saiu correndo da casa. Considerava prejudicada a sua reputação profissional, e estava inclinado a ver aquela recuperação como uma questão pessoal. Strickland também saiu. Quando voltou, disse que tinha ido ao Templo de Hanuman oferecer uma reparação pela profanação do deus, mas como resposta teve garantias de que nenhum homem branco tocara o ídolo, que ele era a encarnação de todas as virtudes que operavam sob uma ilusão.

— O que você acha? — perguntou-me.

— "Há mais coisas…" — eu ia dizendo.

Mas Strickland detesta essa citação. Diz que, de tanto uso, está surrada.

Outra coisa interessante me assustou tanto quanto tudo o que aconteceu durante a agitação da noite. Depois de se vestir, Fleete veio à sala de jantar e farejou. Tinha um truque singular quando fungava.

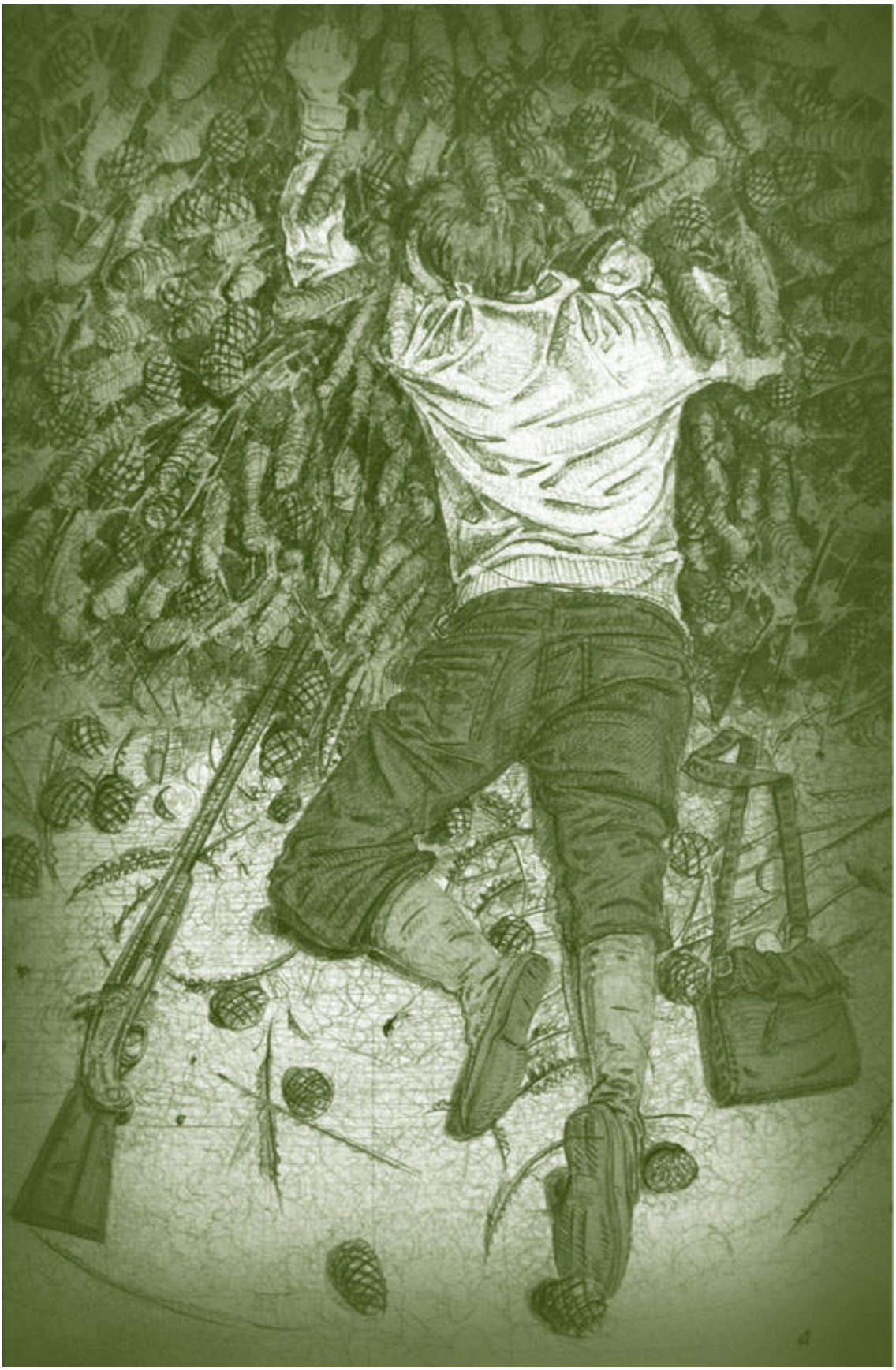
— Cheiro horrível de cachorro aqui — disse. — Você devia realmente cuidar melhor dos seus *terriers*. Tente enxofre, Strick.

Mas Strickland não respondeu. Agarrou as costas de uma cadeira e, sem aviso, teve um acesso impressionante de histeria. É horrível ver um homem forte tomado pela histeria. Percebi então que tínhamos lutado

pela alma de Fleete contra o Homem de Prata naquela sala e que nos tínhamos desgraçado para sempre como ingleses. Sorri, engasguei e arquejei tão vergonhosamente como Strickland, enquanto Fleete pensava que ambos tínhamos enlouquecido. Nunca lhe contamos o que tínhamos feito.

Alguns anos depois, quando Strickland já havia casado e por causa da sua esposa passou a frequentar a igreja, revisamos o caso impassivelmente; Strickland sugeriu que eu devia torná-lo público.

Eu mesmo não consigo ver esse passo como capaz de esclarecer o mistério; porque, em primeiro lugar, ninguém vai acreditar numa história tão desagradável e, em segundo lugar, é fato conhecido de todo homem sensato que os deuses dos pagãos são de pedra e latão, portanto, qualquer tentativa de tratá-los de outra forma está merecidamente condenada.



A MORTE DE HALPIN FRAYSER



AMBROSE BIERCE

I

Pois pela morte é criada mudança maior do que tudo que já foi mostrado. Enquanto em geral o espírito que se afastou retorna vez por outra, e é por vezes visto por aqueles em carne e osso (aparecendo na forma do corpo que levava), ainda assim já aconteceu de o corpo verdadeiro, sem o espírito, ter caminhado. E é atestado por aqueles que encontraram os que viveram para falar que um lich[1] assim criado não tem afeição natural nem lembrança dela, mas apenas ódio. Também é sabido que alguns espíritos, que em vida foram benignos, pela morte se tornam completamente maus.

— HALL

Numa noite escura de verão, um homem, ao acordar de um sono sem sonhos numa floresta, ergueu a cabeça da terra e, olhando por alguns momentos a escuridão, disse: “Catherine Larue”. Nada mais disse; ele nem sequer sabia por que havia dito aquilo.

O homem era Halpin Frayser. Viveu em Santa Helena, mas onde vive hoje é incerto, pois está morto. Alguém que pratica o dormir na floresta sem nada sob si além das folhas secas e a terra úmida, e nada por cima além dos galhos dos quais caíram as folhas e o céu do qual caiu a terra, não pode esperar grande longevidade, e Frayser já tinha chegado aos trinta e dois anos. Há pessoas neste mundo, milhões de pessoas, e de longe as melhores pessoas, que consideram aquela uma era muito avançada. São as crianças. Para aqueles que veem a viagem da vida desde o porto de partida, o barco que já percorreu uma distância considerável parece já estar próximo da praia distante. Mas não é certo que Halpin Frayser tenha chegado à morte por exposição às intempéries.

Passara todo o dia nas colinas a oeste do Napa Valley, procurando

pombos e outras caças pequenas da estação. No fim da tarde o tempo ficou nublado e ele se desorientou; embora só tivesse de descer a encosta, sempre o caminho da segurança quando alguém se perde, a ausência de trilhas o impediu de tal forma que ainda estava na floresta quando caiu a noite. Incapaz de penetrar no escuro as moitas de manzanita e outros arbustos, completamente perdido e vencido pelo cansaço, deitou-se perto da raiz de uma grande lichieira e caiu num sono sem sonhos. Somente horas depois, no meio da noite, um dos misteriosos mensageiros de Deus — deslizando à frente de uma multidão de seus companheiros que corriam rumo ao oeste, seguindo a linha da aurora — pronunciou a palavra que acorda no ouvido do homem adormecido, e este se sentou e falou, sem saber por que, um nome, não sabia de quem.

Halpin Frayser não era um grande filósofo nem cientista. A circunstância de, ao acordar de um sono profundo à noite no meio da floresta, ter falado em voz alta um nome que não tinha na memória nem na mente não lhe provocou uma curiosidade iluminada para investigar o fenômeno. Apenas achou estranho, e com um ligeiro tremor, como se respeitasse o frio da noite, deitou-se novamente e dormiu. Mas esse sono já não foi sem sonhos.

Sonhou que estava caminhando por uma estrada poeirenta que parecia branca na sombra crescente de uma noite de verão. De onde vinha e aonde levava, e por que viajava por ela, ele não sabia, embora tudo parecesse simples e natural, como é comum nos sonhos; pois, na Terra Além da Cama, as surpresas deixam de perturbar e o julgamento repousa. Logo chegou a uma encruzilhada; ali havia uma outra estrada menos movimentada, com a real aparência de estar abandonada há muito tempo, porque, pensou ele, de certo levava a algum lugar mau. Mesmo assim, ele a tomou sem vacilar, impelido por uma necessidade imperiosa.

À medida que avançava, tomou consciência de que seu caminho era

assombrado por existências invisíveis que não conseguia representar de forma clara na mente. Do meio das árvores, dos dois lados, ele ouvia sussurros quebrados e incoerentes numa língua estranha, mas que ainda assim podia entender parcialmente. Pareciam-lhe falas fragmentadas de uma monstruosa conspiração contra seu corpo e alma.

Já se passara muito tempo depois do anoitecer, mas, ainda assim, a floresta interminável por onde viajava era iluminada por um brilho pálido sem ponto de difusão, pois a misteriosa iluminação não permitia nenhuma sombra. Uma poça rasa na depressão do sulco antigo de uma roda, como se houvesse chovido recentemente, atraiu seu olhar com um brilho vermelho. Ele se dobrou e mergulhou a mão nela, que manchou-lhe os dedos; era sangue! Sangue, ele então observou, estava por todo lado à sua volta. As plantas que cresciam viçosas na margem da estrada mostravam sangue em borrões e golfadas nas suas folhas grandes e largas. Manchas de poeira seca entre os sulcos salpicadas de pontos, como se por uma chuva vermelha. Grandes maculações vermelhas poluíam os troncos das árvores e o sangue pingava como orvalho de suas folhas.

Tudo isso ele observou com um terror que não parecia incompatível com o cumprimento de uma expectativa natural. Pareceu-lhe tudo expiação de algum crime que, apesar de ter consciência da sua culpa, ele não conseguia lembrar. Diante das ameaças e mistérios que o rodeavam, a consciência era um horror adicional. Em vão ele procurou, num reexame mental retrógrado da sua vida, reproduzir o momento do seu pecado; cenas e incidentes desordenados voltaram à memória, uma imagem apagando a outra, ou se misturando com ela em confusão e obscuridade, mas em nenhuma delas ele teve um vislumbre do que procurava. Esse malogro aumentou o seu terror; sentiu-se como alguém que assassinou no escuro, sem saber quem nem por quê. Tão assustadora era a situação — a luz misteriosa queimava com ameaça tão silenciosa e

terrível; as plantas nocivas, as árvores que por anuência comum são investidas de uma melancolia ou caráter pernicioso bem ali diante de sua visão, conspirando contra a sua paz; do alto e de todos os lados chegavam os sussurros chocantes e os suspiros de criaturas tão obviamente não desta terra —, tudo era tão assustador, que não foi capaz de suportar mais, e, com grande esforço para quebrar um feitiço maligno que prendia suas faculdades ao silêncio e à inação, gritou com toda a força dos pulmões! Sua voz, quebrada, ao que parece, em uma multidão infinita de sons desconhecidos, seguiu balbuciando e gaguejando para regiões distantes da floresta e morreu no silêncio, e tudo voltou a ser como antes. Mas ele iniciou uma resistência e foi encorajado:

"Não vou submeter-me sem ser ouvido. Talvez haja poderes não malignos viajando por esta estrada amaldiçoada. Vou deixar para eles um registro e um apelo. Vou relacionar meus erros, as perseguições que sofro, eu, um mortal desamparado, um penitente, um poeta que não ofende!". Halpin Frayser era poeta apenas como era penitente: no seu sonho.

Tirando de dentro da roupa uma pequena carteira de couro vermelho, metade da qual tinha folhas para memorando, descobriu que não tinha lápis. Cortou um ramo de arbusto, mergulhou-o numa poça de sangue e escreveu rapidamente. Mal havia tocado o papel com a ponta do seu ramo, quando irrompeu um acesso baixo de riso, a uma distância desmedida, e foi ficando mais alto, parecendo aproximar-se cada vez mais; um riso sem alma, sem coração e sem alegria, como o do mergulhão, solitário na margem do lago à meia-noite; um riso que culminou num grito sobrenatural muito próximo e foi morrendo em lentas gradações, como se o ser amaldiçoado que o emitia se afastasse para a extremidade do mundo de onde tinha vindo. Mas o homem sentiu que não era verdade, que ele continuava próximo e não se movera.

Bem devagar, uma sensação estranha começou a dominar o seu corpo e a sua mente. Não seria capaz de dizer qual, se houve algum, dos seus sentidos foi afetado; ele a sentia mais como uma manifestação da consciência, uma misteriosa tranquilidade mental, de uma presença dominadora, uma malevolência sobrenatural de natureza diferente das existências invisíveis que enxameavam em sua volta e superior a elas em poder. Sabia que uma delas havia emitido aquele riso pavoroso. E, agora, parecia aproximar-se dele; de que direção não sabia dizer, não ousava conjecturar. Todos os seus medos anteriores foram esquecidos ou fundidos no terror gigantesco que agora o mantinha em transe. Fora isso, ele tinha só um pensamento: completar o seu apelo escrito aos poderes benignos que, atravessando a floresta assombrada, talvez pudessem salvá-lo se lhe fosse negada a bênção da aniquilação. Escrevia com terrível rapidez, o sangue nos seus dedos corria sem renovação pelo ramo, mas, no meio de uma frase, suas mãos negaram servir à sua vontade: seus braços caíram ao lado do corpo e o livro à terra. Impotente para se mover ou gritar, ele se viu encarando o rosto nitidamente desenhado e os olhos sem expressão da sua mãe, ali parada, branca e em silêncio, vestida para o túmulo!

II

Na juventude, Halpin Frayser vivia com os pais em Nashville, Tennessee. Os Fraysers eram ricos, com uma boa posição naquela sociedade que sobreviveu ao naufrágio gerado pela Guerra Civil. Seus filhos tiveram as oportunidades sociais e educacionais da sua época e lugar, e responderam às boas associações e instrução com maneiras amáveis e mentes cultas. Sendo o mais novo e não muito robusto, Halpin foi um tanto mimado. Tinha uma dupla desvantagem, a da atenção da mãe e a da omissão do pai. Frayser pai era o que era todo homem sulista de posses: um político. Sua região, ou melhor, sua seção e estado

demandavam seu tempo e atenção de maneira tão exigente que, para os membros da sua família, ele era obrigado a dar um ouvido parcialmente ensurdecido pelo trovão dos capitães políticos, inclusive por seus próprios gritos.

O jovem Halpin tinha uma tendência sonhadora, indolente, muito romântica, um tanto mais dedicada à literatura que ao direito, a profissão para a qual foi criado. Entre os parentes que professavam o moderno credo da hereditariedade se entendia que nele o caráter do falecido Myron Bayne, um bisavô materno, tinha revisitado os vislumbres da lua, pelos quais Bayne foi suficientemente afetado a ponto de ser um poeta de considerável distinção colonial. Se não chegou a ser especialmente observado, era observável que um Frayser que não fosse o orgulhoso possuidor de um suntuoso volume das ancestrais “obras poéticas” (impressão paga pela família e há muito retiradas de um mercado inóspito) era de fato um Frayser raro, havia uma indisposição ilógica para honrar o grande falecido na pessoa do seu sucessor espiritual. Halpin era em geral condenado como uma ovelha negra intelectual, pronta a qualquer momento a desgraçar o rebanho balindo com métrica. Os Fraysers do Tennessee eram pessoas práticas, não práticas no sentido popular de devoção a atividades sórdidas, mas por terem um robusto desprezo por todas as qualidades de um homem inadequadas à vocação saudável para a política.

Para fazer justiça ao jovem Halpin, deve-se dizer que, apesar de nele estarem fielmente reproduzidas as características mentais e morais atribuídas pela história e tradição familiar ao famoso bardo colonial, sua sucessão ao dom e à faculdade divina terá sido puramente inferencial. Não somente nunca se soube que ele tivesse cortejado a Musa, mas, na verdade, ele não seria capaz de escrever corretamente um verso para se salvar do Matador dos Sábios. Ainda assim, não havia como saber quando a faculdade adormecida poderia despertar e tanger a lira.

De qualquer forma, o jovem foi nesse intervalo uma ovelha negra muito independente. Entre ele e sua mãe havia a mais perfeita simpatia, pois secretamente a senhora era discípula devotada do grande e falecido Myron Bayne, embora com o tato geral e justificadamente admirado em seu caráter feminino (apesar dos caluniadores empedernidos, que insistem em ser tal tato essencialmente a mesma coisa que astúcia), ela sempre cuidou de esconder essa fraqueza de todos os olhos, a não ser dos olhos daqueles que também a compartilhavam. A culpa comum de ambos com relação a isso foi uma ligação adicional entre eles. Se durante a juventude de Halpin sua mãe o "mimara", ele tinha certamente feito a sua parte para ser mimado. À medida que crescia, até chegar àquela vida adulta que atinge um sulista que não se importa com o caminho tomado pelas eleições, a ligação entre ele e sua linda mãe, a quem desde a primeira infância ele chamou de Katy, tornou-se a cada ano mais forte e mais terna. Nessas duas naturezas românticas era evidente, de forma característica, aquele fenômeno negligenciado, a dominância do elemento sexual em todas as relações da vida, fortalecendo, suavizando e embelezando até mesmo as relações de consanguinidade. Os dois eram praticamente inseparáveis, e os estranhos que observavam seus modos não raro os viam erroneamente como amantes.

Certo dia, ao entrar no *boudoir* da sua mãe, Halpin Frayser beijou-a na testa, brincou um pouco com um cacho de cabelo escuro que se soltara dos grampos e disse com um óbvio esforço para aparentar calma:

— Você se importaria muito, Katy, se eu fosse chamado à Califórnia por algumas semanas?

Não foi necessário que Katy respondesse com os lábios, suas faces deram uma resposta instantânea. Evidentemente ela se importaria e muito; as lágrimas inundaram seus grandes olhos castanhos como testemunho corroborativo.

— Ah, meu filho — suspirou, olhando o rosto dele com infinita ternura —, eu devia saber que este dia chegaria. Não fui eu que passei acordada a metade da noite chorando, porque, durante a outra metade, sonhei que o Avô Bayne me apareceu em sonho e parou ao lado do retrato dele, ainda jovem, também, e belo, apontando o seu na mesma parede? E, quando olhei, pareceu-me que eu não era capaz de ver as feições; você tinha sido pintado com um lenço no rosto igual ao que colocamos nos mortos. O seu pai riu de mim, mas você e eu, querido, sabemos que essas coisas sempre têm razão. E eu vi por baixo do pano as marcas de mãos no seu pescoço; perdoe-me, mas não estamos acostumados a esconder essas coisas um do outro. Talvez você tenha outra interpretação. Talvez isso não tenha sido um aviso de que você vai para a Califórnia. Ou, quem sabe, você talvez me leve com você?

É preciso confessar que essa interpretação inteligente do sonho, à luz de evidências recentemente descobertas, não foi considerada inteiramente digna de confiança pela mente mais lógica do filho; tivesse ele, pelo menos naquele momento, uma convicção de que o sonho fazia prever um desastre mais simples e imediato, ainda que menos trágico, que a visita à costa do Pacífico. Halpin Frayser teve a impressão de que seria garroteado em sua terra natal.

— Não existem fontes medicinais na Califórnia? — resumiu a Sra. Frayser antes que ele tivesse tempo de lhe dar o verdadeiro significado do sonho. — Lugares onde uma pessoa se recupera de reumatismo e nevralgia? Veja, meus dedos estão tão rígidos… e tenho quase certeza de que sou acometida por fortes dores durante o sono — ela estendeu a mão para que ele a examinasse. Que diagnóstico o jovem pode ter pensado ser melhor esconder com um sorriso, o historiador não é capaz de declarar, mas sente-se obrigado a dizer que dedos menos rígidos e mostrando menos evidências, até mesmo de dores insensíveis, raramente foram submetidos a exame médico pelo mais íntegro paciente desejoso

de uma receita de cenários desconhecidos. O resultado foi que dessas duas pessoas excêntricas com noções igualmente excêntricas de dever, uma foi para a Califórnia, como exigido pelo interesse do seu cliente, e a outra permaneceu em casa, de acordo com um desejo que seu marido não tinha sequer consciência de ter manifestado.

Halpin Frayser caminhava durante uma noite escura pelo cais de São Francisco quando subitamente algo o surpreendeu e o desconcertou e ele se fez marinheiro. Foi, de fato, “shangaizado” a bordo de um navio imponente, e viajou para um país longínquo. Seus infortúnios também não terminaram com a viagem, pois o navio foi lançado à terra numa ilha do Pacífico Sul, e só seis anos depois os sobreviventes foram resgatados por uma audaz escuna mercante e levados de volta a São Francisco.

Apesar de pobre na bolsa, Frayser não era menos orgulhoso em espírito do que tinha sido nos anos que pareceram ter ocorrido séculos e séculos antes. Não aceitava assistência de estranhos, e foi enquanto vivia com um companheiro sobrevivente perto da cidade de Santa Helena, esperando notícias e dinheiro de casa, que saiu, caçando e sonhando.

III

A aparição que enfrentava o sonhador na floresta assombrada, uma coisa tão igual, ainda assim tão diferente da sua mãe, era horrível! Não provocava amor nem desejos em seu coração; não veio acompanhada de lembranças agradáveis de um passado dourado, não inspirava sentimentos de nenhuma espécie — todas as melhores emoções estavam envoltas em medo. Tentou virar-se e fugir da frente dela, mas suas pernas pareciam de chumbo; não foi capaz de levantar os pés do chão. Seus braços caíram inertes ao lado do corpo. Manteve apenas o controle dos olhos, que não ousou afastar das órbitas sem brilho da aparição, pois

sabia não ser uma alma sem corpo, mas a mais assustadora de todas as existências que infestavam aquela floresta assombrada, um corpo sem alma! No seu olhar vazio não havia amor nem piedade nem inteligência, nada a que dirigir um pedido de misericórdia. “O apelo não se sustenta”, pensou com uma absurda reversão ao jargão profissional, tornando a situação mais horrível, como a brasa de um charuto iluminando um túmulo.

Por um tempo — em que o mundo pareceu tão logo tornar-se cinzento pela idade e o pecado, e a floresta assombrada, depois de cumprir o seu propósito na monstruosa culminação dos seus terrores, desapareceu da sua consciência com todas as visões e sons —, a aparição continuou próxima, encarando-o com a malevolência descuidada de uma fera selvagem. Então esticou as mãos à frente e saltou sobre ele com incrível ferocidade! Aquela atitude liberou as energias físicas dele sem libertar a sua vontade; sua mente ainda estava encantada, mas seu corpo poderoso e seus membros ágeis, dotados de uma vida própria cega e insensata, resistiram vigorosamente e bem. Por um instante ele pareceu ver aquela disputa antinatural entre uma inteligência morta e um mecanismo vivo apenas como espectador: essas ilusões existem nos sonhos; ele então recuperou sua identidade quase como se saltasse para dentro de si, e o autômato tenso tinha uma vontade de mando tão alerta e feroz como a do seu assustador antagonista.

Mas que mortal é capaz de enfrentar a criatura dos seus sonhos? A imaginação que cria o inimigo já está vencida; o resultado do combate é a causa do combate. Apesar das suas lutas, apesar da sua força e atividade, que pareciam perdidas num vazio, ele sentiu os dedos frios se fecharem em torno da sua garganta. Trazido de volta à terra, ele viu acima de si, à distância de uma mão da própria face, o rosto morto e distorcido, e então tudo tornou-se negro. Um som igual à batida de tambores distantes, o murmúrio de um enxame de vozes, um grito forte

lançando tudo no silêncio… Halpin Frayser sonhou que estava morto.

IV

A uma noite clara e quente se seguiu uma manhã de névoa muito úmida. Por volta do meio da tarde do dia anterior formou-se uma leve brisa de vapor, mero adensamento da atmosfera, o fantasma de uma nuvem preso à encosta oeste do monte Santa Helena, bem no alto, ao longo das altitudes estéreis próximas ao topo. Era tão fina e tão diáfana, tão parecida com um sonho tornado visível, que alguém poderia ter dito: "Olhe depressa! Logo ela vai desaparecer".

Em instantes ela se tornou maior e mais densa. Em uma de suas extremidades, prendia-se à montanha, na outra estendia-se para o norte e o sul, reunindo pequenas manchas de névoa que pareciam sair da encosta no nível exato, com um desejo inteligente de ser absorvida. E assim ela cresceu e cresceu, até que o topo não fosse mais visto do vale e sobre este se estendesse um dossel opaco e cinzento. Em Calistoga, próxima do início do vale e do sopé da montanha, houve uma noite e uma manhã sem estrelas. A neblina, descendo sobre o vale, tinha avançado para o sul, engolindo uma fazenda depois da outra, até apagar completamente a cidade de Santa Helena, a nove milhas[2] de distância. A poeira da estrada estava riscada de sulcos; as árvores pingavam umidade; os pássaros repousavam em silêncio nos seus abrigos; a luz matinal era pálida e assustadora, sem cor nem fogo.

Dois homens saíram da cidade de Santa Helena à primeira luz da madrugada e caminharam rumo ao norte, ao longo da estrada para Calistoga. Levavam armas nos ombros, e ainda assim ninguém que conhecesse essas questões os teria confundido com caçadores de pássaros ou animais. Um deles era auxiliar de xerife em Napa e o outro era detetive em São Francisco: Holker e Jaralson respectivamente. O

trabalho dos dois era caçar homens.

— Ainda estamos longe? — perguntou Holker enquanto caminhavam, seus pés levantavam a poeira branca sob a superfície úmida da estrada.

— A Igreja Branca? Só mais uma meia milha[3] — respondeu o outro. — Por falar nisso, ela não é branca nem é igreja; é uma escola abandonada, cinzenta pelo tempo e pelo descaso. Antigamente lá se rezavam missas, quando ainda era branca, e há um cemitério que seria o deleite de um poeta. Você é capaz de adivinhar por que eu o chamei e lhe disse para vir armado?

— Ora, esse tipo de coisa nunca me incomodou. Sempre acabei descobrindo que você era muito comunicativo na hora certa. Mas, se me permite tentar adivinhar, você quer que eu o ajude a prender um cadáver no cemitério.

— Você se lembra de Branscom? — perguntou Jaralson, tratando com a devida desatenção o humor do colega.

— O sujeito que cortou a garganta da mulher? Claro que lembro; perdi uma semana de trabalho no caso e tive muitas despesas. Há uma recompensa de quinhentos dólares por ele, mas nenhum de nós pôs os olhos nele. Você não está querendo dizer…

— Estou. Ele esteve o tempo todo debaixo do nariz de todos vocês. Vem à noite ao velho cemitério da Igreja Branca.

— Aquele demônio! Foi lá que enterraram a mulher dele.

— Bem, vocês deviam ter tido o bom senso de suspeitar que algum dia ele voltaria ao túmulo dela!

— O último lugar onde alguém poderia esperar que ele voltasse.

— Mas vocês esgotaram todas as outras possibilidades. Sabendo do seu fracasso, plantei lá uma armadilha para ele.

— E você o encontrou?

— Maldição! Ele me encontrou. O canalha sempre levou vantagem e me fazia viajar. Graças a Deus ele não me esfaqueou. Ele é bom, e

calculo que a metade daquela recompensa é suficiente para mim, caso você esteja necessitado.

Holker riu com bom humor, e explicou que seus credores nunca foram mais importunos.

— Eu só queria mostrar-lhe o terreno e arquitetar um plano com você — o detetive explicou. — Achei que seria melhor estarmos armados, mesmo durante o dia.

— O homem deve estar louco — disse o auxiliar de xerife. — A recompensa é pela sua captura e condenação. Se ele está louco, não pode ser condenado.

O Sr. Holker ficou tão profundamente afetado por esse possível fracasso da justiça que parou involuntariamente no meio da estrada. Depois, retomou a caminhada com um zelo abatido.

— Bem, ele parece louco — concordou Jaralson. — Tenho de admitir que nunca vi um infeliz mais mal barbeado, mal tosquiado e desgrenhado fora da honrada ordem dos vagabundos. Mas eu fui atrás dele, e não posso decidir abrir mão dele. E, de qualquer forma, existe glória para nós. Não existe outra alma que saiba que ele está deste lado das Montanhas da Lua.

— Está bem — disse Holker —, vamos chegar e examinar o terreno — e acrescentou, nas palavras de uma antiga inscrição de túmulos: — “onde em breve você vai jazer”, quero dizer, se o velho Branscom se cansar de você e da sua intrusão impertinente. Por falar nisso, outro dia me disseram que esse não é o verdadeiro nome dele.

— E qual é?

— Não me lembro. Eu tinha perdido o interesse no infeliz e o nome não se fixou na minha memória, acho que alguma coisa parecida com Pardee. A mulher cuja garganta ele teve o mau gosto de cortar era viúva quando a conheceu. Tinha vindo para a Califórnia para visitar alguns parentes, existe gente que de vez em quando faz essas coisas. Mas, você

já sabe de tudo isso.

— Naturalmente.

— Mas, sem saber o nome correto, por que feliz inspiração você conseguiu encontrar o túmulo certo? O homem que me disse o nome comentou que estava entalhado na cabeceira da cama.

— Não sei qual é o túmulo certo — Jaralson aparentemente estava um tanto relutante em admitir sua ignorância de ponto tão importante do seu plano. — Tenho observado o lugar em geral. Uma parte do nosso trabalho hoje de manhã vai ser identificar aquele túmulo. Aqui está a Igreja Branca.

Durante uma boa distância a estrada fora margeada por campos nos dois lados, mas agora havia, à esquerda, uma floresta de carvalhos, lichieiras e abetos gigantescos cujas partes inferiores mal eram vistas, escuras e fantasmagóricas, na neblina. A vegetação rasteira era, em alguns lugares, espessa, mas não impenetrável. Por um tempo Holker não avistou nada do edifício, mas quando entraram na floresta ele se revelou, num contorno cinzento indistinto através da neblina, parecendo enorme e distante. Mais alguns passos e ele surgiu à distância de um braço, nítido, escuro de umidade e insignificante em tamanho. Tinha a forma comum de uma escola rural, pertencia à classe arquitetônica do caixote; tinha uma base de pedras, um teto coberto de musgo e espaços vazios para janelas, de onde os vidros e caixilhos haviam partido muito tempo antes. Estava arruinado, mas não era uma ruína, um típico substituto californiano do que passou a ser conhecido nos guias de viagem como “monumentos do passado”. Mal olhando essa estrutura pouco interessante, Jaralson entrou na vegetação rasteira úmida.

— Vou mostrar onde ele me assaltou — disse. — É aqui o cemitério.

Aqui e ali entre os arbustos se viam pequenos cercados que continham os túmulos, às vezes apenas um. Eram reconhecidos como túmulos pelas pedras descoloridas ou placas apodrecidas na cabeça e no pé, inclinadas

em todos os ângulos possíveis, algumas caídas; pelas cercas arruinadas em volta, ou, raramente, pelo próprio monte que mostrava o cascalho entre as folhas caídas. Em muitos casos, nada marcava o ponto onde jaziam os restos de algum pobre mortal que, deixando “um grande círculo de amigos entristecidos”, havia sido por eles abandonado, exceto uma depressão na terra, mais duradoura que a dos espíritos dos amigos enlutados. As trilhas, se trilhas tivessem existido, estavam há muito obliteradas; árvores de tamanho considerável puderam crescer nos túmulos e empurravam com raízes e galhos as cercas circundantes. Sobre tudo pairava aquele ar de abandono e decadência, que em outros lugares parece não se ajustar de modo tão certo e significativo quanto numa aldeia dos mortos esquecidos.

À medida que os dois homens, Jaralson à frente, forçavam a passagem entre as árvores novas, o homem de iniciativa parou de repente e trouxe a arma até a altura do peito. Emitiu uma nota grave de aviso e parou imóvel, os olhos fixos em alguma coisa à frente. Com dificuldade, impedido pela vegetação, seu companheiro, apesar de não ver nada, imitou a postura e parou, preparado para o que desse e viesse. Instantes depois Jaralson se moveu cautelosamente à frente, seguido pelo outro.

Sob os galhos de um abeto enorme jazia o corpo morto de um homem. Parados em silêncio acima do corpo, eles notaram os pormenores que atraem primeiro a atenção — o rosto, a atitude, as roupas —; tudo que da forma mais imediata e simples responde às perguntas silenciosas da curiosidade solidária.

O corpo estava deitado de costas, as pernas abertas. Um braço junto ao corpo, o outro para o lado; mas este último estava curvado, a mão próxima à garganta. Os dois punhos estavam cerrados com força. Toda a atitude era de resistência desesperada, mas ineficaz, a quê?

Ao lado estavam uma espingarda e uma sacola de caça, através de cujas malhas se via a plumagem de pássaros mortos. Por todo lado havia

evidências de luta furiosa; pequenos brotos de carvalho venenoso curvos e desnudados de folhas e casca; folhas mortas e em decomposição tinham sido arrastadas em montes e espinhaços nos dois lados das pernas pela ação de outros pés que não os deles; ao lado dos quadris se viam impressões inconfundíveis de joelhos humanos.

A natureza da luta era evidenciada por um olhar à garganta e ao rosto do morto. Enquanto o peito e as mãos eram brancos, a garganta e o rosto estavam roxos, quase pretos. Os ombros jaziam sobre um monte baixo, e a cabeça estava voltada para trás em um ângulo impossível; os olhos inchados fitavam o vazio, na direção oposta à dos pés. Da espuma que lhe enchia a boca aberta, projetava-se a língua, negra e também inchada. A garganta mostrava contusões horríveis; não reles marcas de dedos, mas ferimentos e lacerações feitos por duas mãos fortes, enterradas na carne mole, mantendo a pressão até muito depois da morte. Peito, garganta e rosto estavam molhados; a roupa estava saturada; gotas de água condensada da neblina enfeitavam os cabelos e o bigode.

Tudo isso os dois homens observaram sem nada dizer, quase a um olhar. Então, Holker falou:

— Pobre-diabo! Foi um castigo violento!

Jaralson examinava atento a floresta em torno, a espingarda engatilhada presa nas duas mãos, com o dedo no gatilho.

— O trabalho de um maníaco — completou sem tirar os olhos da floresta. — Executado por Branscom-Pardee.

Algo meio oculto entre as folhas que se moviam sobre a terra atraiu a atenção de Holker. Era uma caderneta de couro vermelho. Ele a apanhou e abriu. Continha folhas de papel branco para memorandos, e sobre a primeira folha estava o nome “Halpin Frayser”. Escritas em vermelho nas páginas seguintes, rabiscadas rapidamente e quase ilegíveis, estavam as linhas a seguir, que Holker leu em voz alta enquanto o seu companheiro continuava a examinar os limites cinza-escuros daquele

mundo estreito, ouvindo algo preocupante nas gotas que caíam de todos os galhos carregados:

Enfeitiçado por um encanto misterioso, parei
Na escuridão iluminada de uma floresta encantada.
O cipreste e a murta trançavam os galhos,

Significantes, em fatal irmandade.

O salgueiro meditativo sussurrou para o teixo;
Sob eles a sombra mortal da noite e a arruda
Com *immortelles* entretecidas em estranhas
Formas funéreas, e cresciam urtigas horríveis.

Nenhum canto de pássaro nem zumbido de abelhas,
Nenhuma folha leve levantada pela brisa benfazeja:
O ar todo estagnado, e o Silêncio era
Uma coisa viva que respirava entre as árvores.

Espíritos conspiradores sussurravam no escuro,
Mal ouvidos, os segredos tranquilos do túmulo.
Sangue as árvores todas pingavam; as folhas
Brilhavam à luz-feitiço com uma cor rósea.

Gritei bem alto! O encanto, não quebrado,
Se apoiava sobre meu espírito e minha vontade.
Sem alma, sem coração, sem esperança e solitário,
Lutei contra os monstruosos presságios do mal!

Finalmente o…

Holker parou; não havia mais nada a ler. O manuscrito se interrompia assim, na metade de uma linha.

— Parece Bayne — disse Jaralson, que era um quase erudito à sua moda. Tinha reduzido a vigilância e parou, olhando o corpo.

— Quem é Bayne? — Holker perguntou sem curiosidade.

— Myron Bayne, um sujeito que floresceu nos primeiros anos da nação, mais de um século atrás. Escreveu coisas muito melancólicas; eu tenho a sua obra completa. Esse poema não está nela, mas deve ter sido omitido por engano.

— Está frio — comentou Holker. — Vamos parar por aqui; temos de chamar o legista de Napa.

Jaralson não disse nada, mas fez um movimento de concordância. Bem rente ao local onde terminava a pequena elevação de terra em que jaziam a cabeça e os ombros do morto, seu pé esbarrou em algo duro sob as folhas decompostas da floresta. Deu um chute para ver o que era. Tratava-se de uma cabeceira de cama, e sobre ela se viam palavras que ele mal conseguiu decifrar: “Catherine Larue”.

— Larue, Larue! — Holker exclamou com animação repentina. — Ora, esse é o verdadeiro nome de Branscom, e não Pardee. E, pelo amor de Deus, agora tudo me volta à memória, o nome da mulher assassinada era Frayser!

— Há aqui um mistério ignóbil — disse o detetive Jaralson. — Detesto tudo que é assim.

Então à frente deles, saindo da neblina, aparentemente de muito longe, ouviu-se o som de uma risada, um riso baixo, deliberado e sem alma, com não mais alegria que o da hiena que vagueia no deserto à noite; um riso que se tornou cada vez mais alto, mais claro, mais distinto e terrível, até parecer sair do lado de fora do círculo de visão de ambos; um riso tão antinatural, tão desumano, tão diabólico, que enchia aqueles caçadores de homens com um senso de terror indizível! Não moveram suas armas, nem pensaram nelas. Assim como surgira do silêncio, assim também o riso morreu; de um grito culminante que parecera estar dentro

dos seus ouvidos, ele se afastou na distância até que suas notas enfraquecidas, alegres e mecânicas se reduziram ao silêncio, a uma distância imensurável.

ETHAN BRAND
CAPÍTULO DE UM ROMANCE ABORTIVO

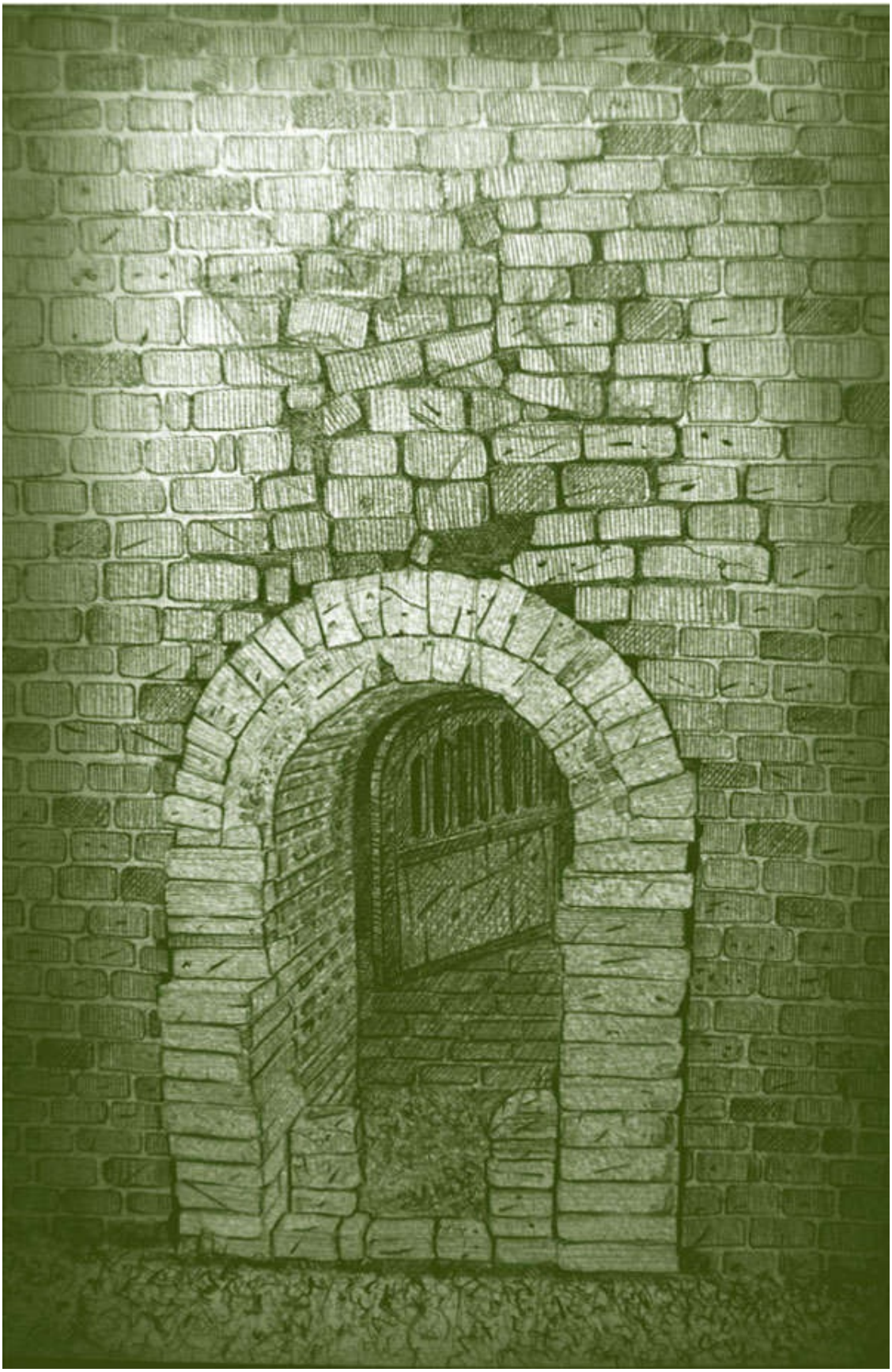


NATHANIEL HAWTHORNE

Bartram, operário calcinador, um homem duro, pesado, enegrecido de carvão, estava sentado vigiando o forno, ao anoitecer, enquanto seu filhinho brincava de construir casas com fragmentos de mármore espalhados. De repente, os dois ouviram uma gargalhada vinda da encosta abaixo deles; uma gargalhada não alegre, mas lenta, até solene, como o vento sacudindo os galhos na floresta.

— Pai, o que é isso? — perguntou o menino, abandonando o brinquedo e se apertando entre os joelhos do pai.

— Ah, algum bêbado, eu acho — respondeu o calcinador —, algum sujeito alegre no bar da aldeia, que não teve coragem de rir muito alto lá dentro com medo de arrancar o teto da casa. Por isso, aí está ele, sacudindo a barriga no sopé do Gray Lock.



— Mas, pai — insistiu o menino, mais sensível que o obtuso idiota de meia-idade —, ele não está rindo como um homem alegre. É por isso que o barulho me assusta!

— Não seja bobo, filho! — gritou o pai asperamente. — Você nunca vai chegar a ser um homem, eu juro; há muito da sua mãe em você. Já o vi assustar-se até com o sussurro de uma folha. Ora! Aí vem o sujeito alegre. Você vai ver que não há mal algum nele.

Enquanto conversavam, Bartram e seu filhinho vigiavam sentados o mesmo calcinador que tinha sido o cenário da vida solitária e meditativa de Ethan Brand antes de ele começar a busca pelo Pecado Imperdoável. Como vimos, muitos anos já se tinham passado desde a noite portentosa em que se desenvolveu pela primeira vez a IDEIA. Mas o forno calcinador na encosta da montanha continuava sem defeito, não havia sido mudado em nada desde que ele lançara os seus obscuros pensamentos no brilho intenso da fornalha e os fundira no pensamento único que se apossou da sua vida. Era uma estrutura em torre, rude, redonda, de cerca de seis metros de altura, uma construção pesada de pedras brutas, com um volume de terra acumulada em torno da parte mais larga da sua circunferência, de forma que blocos e fragmentos de mármore pudessem ser trazidos em carroças e atirados lá dentro, pelo alto. Havia uma abertura na base da torre, como a boca de um forno, mas suficientemente grande para permitir a entrada de um homem curvado, e dotada de uma porta maciça. Com a fumaça e os jatos de fogo que saíam pelas fendas e frestas dessa porta — que parecia ser a própria entrada da encosta —, ela lembrava nada mais que a entrada para as regiões infernais, que os pastores das Montanhas Aprazíveis tinham o costume de mostrar aos romeiros.

Existem muitos fornos iguais naquele trecho da região, usados para queimar o mármore branco que compõe grande parte da substância das colinas. Alguns deles — construídos anos antes e há muito abandonados,

com ervas crescendo no vazio do interior aberto para o céu e capim e flores silvestres crescendo nas frestas das pedras — parecem relíquias da Antiguidade, e ainda serão pulverizados com os liquens de séculos futuros. Outros, nos quais o operário calcinador ainda alimenta o fogo diário, oferecem pontos de interesse a quem está viajando entre as colinas e se senta num tronco ou numa lasca de mármore para conversar com o homem só. É uma ocupação solitária e, às vezes, quando se é inclinado a pensar, intensamente contemplativa, como se provou no caso de Ethan Brand, que meditou sobre aquele estranho objetivo, em anos idos, enquanto alimentava o fogo nesse mesmo forno.

O homem que agora vigiava o fogo era de uma espécie diferente, e não se perturbava com pensamento algum, a não ser os poucos necessários ao seu trabalho. A intervalos frequentes, ele arrastava o peso ruidoso da porta de ferro ou agitava as brasas imensas com uma vara comprida. Dentro do forno se viam as chamas ondulantes e selvagens e o mármore queimando, quase fundido com a intensidade do calor; já do lado de fora, o reflexo do fogo tremulava na complexidade escura da floresta em volta, mostrando no primeiro plano um pequeno quadro luminoso e vermelho da cabana, a fonte ao lado da porta, a figura atlética e enegrecida de carvão do operário calcinador e a criança meio assustada, encolhendo-se na proteção da sombra do pai. Quando a porta foi novamente fechada, reapareceu a luz suave da lua meio cheia, que tentava sem resultado traçar as formas indistintas das montanhas vizinhas; e, mais alto no céu, havia uma congregação diáfana de nuvens, ainda tingidas pelo róseo pôr do sol, apesar de no fundo do vale o sol já ter desaparecido havia muito tempo.

O menino se aproximou ainda mais do pai, pois se ouviram passos subindo a encosta e uma forma humana afastou os arbustos que se juntavam sob as árvores.

— Olá! Quem vem lá? — gritou o calcinador, irritado com a timidez

do filho, porém meio infectado por ela. — Avance e se mostre, como um homem, ou vou jogar este pedaço de mármore na sua cabeça!

— Você me oferece uma saudação grosseira — disse uma voz melancólica que se aproximava. — Ainda assim, não pretendo nem desejo uma mais gentil, nem mesmo diante do meu próprio fogo.

Para ver com mais clareza, Bartram abriu a porta de ferro do forno, de onde emergiu imediatamente um jato violento de luz, que atingiu o rosto e o corpo do estranho. A um olhar desatento, não parecia haver nada de notável no seu aspecto, o de um homem magro e alto vestindo roupas camponesas marrons e grosseiras, com o bordão e os sapatos pesados de um andarilho. Quando se aproximou, fixou os olhos muito brilhantes na luz da fornalha, atentamente, como se visse, ou esperasse ver, lá dentro algum objeto digno de nota.

— Boa-noite, estranho — disse o operário calcinador — de onde você vem tão tarde do dia?

— Venho da minha busca — respondeu o andarilho — pois ela finalmente terminou.

“Bêbado!… Ou louco!” — murmurou Bartram para si mesmo. “Esse sujeito vai dar-me trabalho. Quanto mais cedo eu o dispensar, melhor.”

O menino, todo trêmulo, sussurrou para o pai, implorando para que ele fechasse a porta do forno, para não haver tanta luz; pois existia alguma coisa no rosto do homem que metia medo, mas ele não conseguia desviar o olhar. E, de fato, até mesmo os sentidos embotados e apáticos do calcinador começaram a se impressionar com algo indescritível naquele rosto fino, rude e pensativo, de cabelos grisalhos, soltos, e olhos fundos que brilhavam como fogo na entrada de uma caverna misteriosa. Mas, ao fechar a porta, o estranho se voltou para ele e falou num tom calmo e familiar fazendo Bartram sentir que ele, afinal, era um homem são e sensato.

— Vejo que o seu trabalho se aproxima do fim — disse o homem. —

Esse mármore já está queimando há três dias. Mais algumas horas e a pedra vai converter-se em cal.

— Ora, quem é você? — perguntou o calcinador. — Parece conhecer o meu trabalho tão bem como eu mesmo.

— E tenho de conhecer — disse o estranho —, pois fiz esse mesmo trabalho durante muitos anos, e também aqui, neste mesmo lugar. Mas, você é novo por estas bandas. Nunca ouviu falar de Ethan Brand?

— O homem que saiu em busca do Pecado Imperdoável? — Bartram deu uma risada.

— Ele mesmo — respondeu o estranho. — E achou o que procurava, por isso está de volta.

— O quê! Então você é o próprio Ethan Brand? — gritou o calcinador, estupefato. — Sou novo por aqui, como você disse, e dizem que já se passaram dezoito anos desde que você partiu do sopé do Gray Lock. Mas posso dizer-lhe que o pessoal ainda fala de Ethan Brand naquela vila, e da missão que o levou para longe deste forno de calcinação. E então, você encontrou o Pecado Imperdoável?

— Isso mesmo!

— Se for uma pergunta aceitável — continuou Bartram —, onde ele poderia estar?

Ethan Brand colocou o dedo sobre o próprio coração:

— Aqui!

E então, sem demonstrar alegria no rosto, mas como se movido por um reconhecimento involuntário do absurdo infinito de procurar em todo o mundo o que estava mais próximo de si mesmo, e de procurar em todos os corações menos no seu próprio o que não estava escondido em nenhum outro peito, ele rompeu numa risada de desprezo. Era a mesma risada lenta e pesada que quase assustara o calcinador ao anunciar a aproximação do viandante.

Aquela risada entristeceu a encosta solitária da montanha. O riso,

quando fora de lugar, de tempo, ou quando explode a partir de um estado desordenado de sentimentos, pode ser a modulação mais terrível da voz humana. O riso de alguém que dorme, mesmo uma criança pequena, o riso do louco, o riso selvagem aos berros de um idiota de nascença são sons que às vezes provocam tremores quando os ouvimos, e preferimos sempre esquecer. Os poetas nunca imaginaram manifestações de demônios ou de duendes tão assustadoramente adequadas quanto o riso. E mesmo o calcinador obtuso sentiu os nervos abalados quando aquele estranho examinou o próprio coração e explodiu numa risada que rolou para longe na noite, e reverberou indistintamente entre as colinas.

— Joe — disse ele ao filhinho —, corra até a taverna na aldeia e diga aos folgazões de lá que Ethan Brand voltou e que ele encontrou o Pecado Imperdoável!

O menino disparou para a sua missão, à qual Ethan Brand não opôs objeção; aliás, mal pareceu notar. Sentou-se num tronco, olhando fixamente a porta de ferro do forno. Quando o menino já não podia ser visto nem mais se ouviam os seus passos pisando primeiro nas folhas caídas e depois na trilha pedregosa da montanha, o calcinador começou a lamentar a sua saída. Sentiu que a presença do pequeno tinha sido uma barreira entre o convidado e ele próprio, que ele agora teria de tratar, de coração para coração, com um homem que acabara de confessar ter cometido o único crime para o qual o céu não oferecia clemência. Esse crime, no seu indistinto negrume, parecia lançar sombras sobre ele. Os pecados do próprio calcinador subiram dentro dele, amotinando a sua memória com uma agitação de formas más que afirmavam o parentesco com o Pecado Mestre, o que quer que isso possa ser, que é concebido e afagado no âmbito da natureza corrupta do homem. Eram todos uma única família; corriam entre o seu peito e o de Ethan Brand e levavam saudações sombrias de um para o outro.

Então Bartram se lembrou das histórias desse homem estranho que

entraram para a tradição local, desse homem que chegou até ele como uma sombra da noite e se pôs à vontade no lugar que já fora seu, depois de uma ausência tão longa que até pessoas mortas, mortas e enterradas há anos, teriam mais direito que ele a estar à vontade. Ethan Brand, era o que se dizia, havia conversado com o próprio Satã diante das chamas daquele forno. No passado, a lenda fora motivo de riso, mas agora parecia terrível. De acordo com essa história, antes de partir na sua busca, Ethan Brand se havia acostumado, noite após noite, a invocar um demônio fitando o forno quente, para conversar com ele sobre o Pecado Imperdoável; homem e demônio trabalhando para criar a imagem de uma culpa que não podia ser expiada nem perdoada. E, com o primeiro raio de sol sobre a montanha, o demônio entrava pela porta de ferro para se instalar no elemento mais intenso de fogo, até ser novamente convocado para participar da tarefa horrível de estender a possível culpa do homem além do alcance da infinita misericórdia celeste.

Enquanto o calcinador lutava contra o horror desses pensamentos, Ethan Brand se levantou do tronco e abriu a porta do forno. Essa ação se ajustava tão bem à ideia na mente de Bartram que ele quase esperou ver o rubro Rei do Mal sair da fornalha furiosa.

— Espere! Espere! — gritou com uma trêmula tentativa de riso; pois sentia vergonha do medo, apesar de estar dominado por ele. — Pelo amor de Deus, não invoque o seu demônio agora!

— Homem! — respondeu severamente Ethan Brand. — Para que eu preciso do demônio? Eu o deixei atrás de mim, seguindo os meus passos. É com pecadores sem importância que ele se ocupa. Não tema por eu abrir a porta. Só estou agindo de acordo com o antigo costume, e vou avivar o seu fogo, como o calcinador que já fui.

Mexeu os vastos carvões, colocou mais lenha e se curvou para olhar o interior da prisão do fogo, sem medo do brilho feroz que tornava o seu rosto vermelho. O calcinador sentou-se, observando, e suspeitava do

objetivo desse estranho convidado; se não para invocar um demônio, pelo menos para lançar-se nas chamas e assim desaparecer do olhar do homem. Ethan Brand, entretanto, recuou em silêncio e fechou a porta do forno.

— Já olhei — disse ele — dentro de muitos corações humanos sete vezes mais quentes de paixões pecaminosas que o fogo deste forno. Mas, não descobri neles o que eu procurava. Não, não o Pecado Imperdoável!

— O que é o Pecado Imperdoável? — perguntou o calcinador; e então se afastou mais do companheiro, tremendo de medo de que as suas perguntas fossem respondidas.

— É o pecado que cresceu no meu próprio peito — respondeu Ethan Brand de pé, com o orgulho que distingue todos os entusiastas do tipo dele. — Um pecado que não cresceu em nenhum outro lugar! O pecado de um intelecto que triunfou sobre o senso de fraternidade com o homem e a reverência por Deus, e sacrificou tudo às suas poderosas exigências! O único pecado que merece a recompensa da agonia imortal! De boa vontade, se tivesse de fazer tudo novamente, eu incorreria a culpa. Intrépido, aceito o castigo!

— O homem perdeu a cabeça — murmurou o calcinador para si mesmo. — Talvez seja um pecador como todos nós, nada mais provável; mas posso jurar, ele também é louco.

Entretanto, ele se sentia incomodado com a situação, sozinho com Ethan Brand naquela encosta selvagem, e ficou feliz ao ouvir o murmúrio de vozes e passos do que parecia ser um grupo numeroso, tropeçando nas pedras e roçando a folhagem. Pouco depois surgiu todo um regimento preguiçoso, acostumado a lotar a taverna da vila, composto de três ou quatro indivíduos que, desde a partida de Ethan Brand, bebiam misturas de aguardentes diante da lareira durante o inverno e fumavam cachimbo sob a varanda no verão. Rindo ruidosamente e misturando todas as vozes em uma conversa sem

cerimônia, irromperam sob o luar e nas linhas de luz do fogo que iluminavam o espaço aberto diante do forno de calcinação. Bartram voltou a escancarar a porta, inundando o lugar de luz para que todos tivessem a visão clara de Ethan Brand, e este a deles.

Ali, entre outros antigos conhecidos, estava um homem antes onipresente, agora quase acabado, que no passado com certeza seria encontrado no hotel de qualquer aldeia próspera do país. Era um agente. Aquele espécime do gênero era um homem murcho e ressecado, enrugado e de nariz vermelho, vestindo um casaco marrom bem cortado com botões de latão, que, durante não se sabe quanto tempo, manteve sua mesa de canto no salão do bar, e ainda fumava o que parecia ser o mesmo charuto aceso havia vinte anos. Tinha grande fama como contador de piadas curtas, embora, quem sabe, menos por causa do humor intrínseco do que pelo sabor de conhaque e fumaça de charuto que impregnava todas as suas ideias e expressões, além da sua própria pessoa. Outro rosto bem lembrado, apesar de ter sofrido alterações, era o do advogado Giles, como as pessoas ainda o chamavam por cortesia; um velho maltrapilho, vestindo camisa suja e calça de tecido grosseiro. Esse pobre sujeito fora advogado durante o que ele chamava de seus melhores dias, um profissional astuto em grande voga entre os litigantes da aldeia; mas a bebida, em todas as suas formas, consumida em todas as horas do dia, de manhã, de tarde e de noite, levou-o a abandonar o trabalho intelectual para realizar vários tipos de trabalho braçal, até que, afinal, e para citar sua própria frase, caiu no caldeirão de sabão. Em outras palavras, Giles passou a ser, modestamente, um operário que fabricava sabão. Tornou-se, por fim, um fragmento de ser humano: parte de um pé foi cortada por um machado e uma de suas mãos foi arrancada inteira pela garra diabólica de uma máquina a vapor. Ainda assim, apesar de a mão corpórea ter desaparecido, permaneceu no local uma mão espiritual, pois ao estender o toco do pulso Giles jurava que sentia o

polegar e os dedos invisíveis, tudo tão vívido como antes da amputação. Era um coitado mutilado e infeliz; mas um coitado que o mundo não pisoteava, não tinha o direito de desprezar este e nenhum outro estágio da sua infelicidade, pois ele ainda mantinha a coragem e o espírito de um homem, nunca precisou de caridade. Com apenas uma mão, infelizmente a esquerda, lutava uma batalha ferrenha contra a carência e as circunstâncias hostis.

No meio do grupo havia também outro personagem que, apesar de certos pontos de semelhança com o advogado Giles, tinha várias diferenças. Tratava-se do médico da aldeia, um homem de mais ou menos cinquenta anos que, num período anterior da vida, era apresentado como quem fazia visitas profissionais a Ethan Brand durante a suposta insanidade deste. Agora era uma figura de semblante furioso, rude e brutal, ainda que meio cavalheiresa, com alguma coisa selvagem, arruinada e desesperada na fala e em todos os detalhes dos seus gestos e modos. O conhaque dominava esse homem como um espírito mau, e tornava-o grosseiro e violento, como um animal selvagem e infeliz, como uma alma perdida; supunha-se haver nele uma habilidade maravilhosa, dons inatos de cura, além dos que a ciência médica poderia oferecer, e por isso a sociedade tomou conta dele e não permitiu que afundasse para além do seu alcance. Assim, oscilando para lá e para cá sobre o seu cavalo, e resmungando junto do leito, ele visitava todos os quartos de doente por muitas milhas na região, entre as cidades das montanhas, e às vezes levantava um moribundo como se por milagre ou, então, com a mesma frequência, é claro, enviava o paciente para um túmulo aberto muitos anos antes do que seria devido. O doutor mantinha na boca um cachimbo eterno, sempre aceso com o fogo do inferno (como disse alguém fazendo alusão ao hábito de praguejar).

Esses três notáveis avançaram e saudaram Ethan Brand, cada um à sua maneira, convidando-o sinceramente a compartilhar o conteúdo de

certa garrafa preta, em que, afirmavam, encontraria coisa que valia muito mais a pena do que procurar o Pecado Imperdoável. Mente alguma, que se tenha torturado em meditação intensa e solitária em busca de um estado de entusiasmo, é capaz de sofrer o tipo de contato com modos baixos e vulgares de pensar e sentir a que Ethan Brand era agora submetido, e que o faziam duvidar, estranho dizer, uma dúvida dolorosa, de que tivesse de fato encontrado o Pecado Imperdoável, e que o tivesse encontrado dentro de si mesmo. Toda a questão em que ele tinha exaurido a vida, e mais que a vida, parecia uma ilusão.

— Deixem-me! — disse ele com violência. — Seus animais selvagens, que se transformaram assim, ressecando a alma com bebidas de fogo! Não quero nada de vocês. Anos e anos atrás procurei nos seus corações e não achei nada para o meu propósito. Vão embora!

— Ora, seu patife grosseiro! — gritou o doutor, furioso. — É assim que se responde à bondade dos seus melhores amigos? Então deixe-me dizer a verdade: você não encontrou o Pecado Imperdoável, assim como o menino Joe ali não o encontrou. Você não passa de um louco, como eu lhe disse vinte anos atrás; nem melhor nem pior que um louco, e o melhor companheiro do velho Humphrey aqui!

Apontou um velho maltrapilho, com longos cabelos brancos, rosto magro e olhos incertos. Durante alguns anos, no passado, esse velho passeou entre as montanhas perguntando sobre a filha a todos os viajantes que encontrava. A moça, ao que parece, tinha fugido com uma trupe de artistas de circo; e vez por outra chegavam à vila notícias dela, e se contavam lindas histórias da sua aparência brilhante ao cavalgar no picadeiro, ou de como realizava feitos maravilhosos na corda bamba.

O pai de cabelos brancos se aproximou de Ethan Brand e olhou o seu rosto.

— Dizem que você correu toda a terra — falou ele, torcendo as mãos com força. — Você deve ter visto a minha filha, pois ela é uma figura

grandiosa no mundo, todos vão vê-la. Ela mandou notícia para o seu velho pai, ou disse quando vai voltar?

Os olhos de Ethan Brand se desviaram dos olhos do velho. Aquela filha, de quem ele esperava ansioso uma palavra de saudação, era a Ester da nossa história, a moça que, com propósito tão frio e desumano, Ethan Brand fizera cobaia do seu experimento, e durante o processo consumiu, absorveu e talvez tenha aniquilado a sua alma.

— Sim — murmurou, afastando-se do velho viajante. — Não é ilusão. Existe um Pecado Imperdoável!

Enquanto se passavam essas coisas, uma cena alegre acontecia na área alegre de luz, ao lado da fonte e diante da porta da cabana. Vários jovens da aldeia, homens e mulheres, tinham corrido para a colina, levados pela curiosidade de ver Ethan Brand, o herói de tantas lendas conhecidas da infância. Mas, não achando nada notável no seu aspecto, nada além de um viajante bronzeado, bem-vestido e com os sapatos empoeirados, sentado olhando o fogo, como se imaginasse figuras entre as brasas, esses jovens logo se cansaram de observá-lo. Acontece que havia outro divertimento ao alcance das mãos. Um velho judeu alemão, viajando com um diorama nas costas, estava passando pela estrada da montanha em direção à aldeia no momento em que o grupo saía de lá e, na esperança de conseguir algum lucro no dia, o artista os acompanhou até o forno de calcinação.

— Venha, velho holandês! — gritou um dos jovens. — Deixe-nos ver as suas figuras, se você jurar que vale a pena vê-las!

— Claro, capitão — respondeu o judeu. Fosse por uma questão de cortesia ou artifício, ele chamava a todos de capitão. — Vou mostrar a vocês, de fato, algumas figuras soberbas!

Então, colocando a sua caixa na posição adequada, convidou os rapazes e moças a ver pelos orifícios de vidro, e passou a exibir uma série dos mais horríveis rabiscos e manchas de tinta que nenhum artista

itinerante jamais teve coragem de impor ao seu círculo de espectadores, como se fossem espécimes de obras-primas. As figuras estavam gastas, rasgadas, cheias de rachaduras e rugas, sujas de manchas de fumo e, de modo geral, na condição mais deplorável. Algumas pretendiam ser cidades, edifícios públicos e castelos arruinados da Europa; outras representavam as batalhas de Napoleão e as batalhas navais de Nelson; e no meio delas se via uma mão gigantesca, marrom e peluda, que poderia ser vista como a Mão do Destino, apesar de, na verdade, ser apenas a mão do apresentador com o dedo indicador apontando várias cenas do conflito, enquanto o proprietário dava as ilustrações históricas. Quando, com muita alegria, diante da sua deficiência de mérito, a apresentação foi concluída, o alemão pediu a Joe que pusesse o rosto na caixa. Visto através das lentes, o rosto rosado e redondo assumiu o aspecto mais estranho imaginável de uma imensa criança titânica, com a boca a abrir um grande sorriso, os olhos e todas as outras feições transbordando de alegria com a piada. Mas, de repente, aquele rosto alegre empalideceu e sua expressão se transformou em horror, pois o menino facilmente impressionável se assustou com o olho de Ethan Brand fixado sobre ele através da lente.

— O senhor dá medo ao pequeno homem, capitão — disse o alemão, levantando a silhueta escura e forte do rosto, antes abaixada. — Mas olhe novamente, e vou fazer o senhor ver algo admirável, palavra de honra!

Ethan Brand olhou por um instante o interior da caixa e depois, recuando, fitou o alemão. O que havia visto? Aparentemente nada, pois um jovem curioso que tinha olhado quase no mesmo instante só viu um espaço de lona vazio.

— Agora eu me lembro de você — murmurou Ethan Brand para o apresentador.

— Ah, capitão — sussurrou o judeu de Nuremberg com um sorriso

triste —, descobri que esse Pecado Imperdoável é uma questão pesada na minha caixa! Por minha fé, capitão, carregá-la pela montanha exauriu meus ombros neste longo dia.

— Cale-se! — respondeu Ethan Brand, severo. — Ou entre naquela fornalha!

A apresentação do judeu mal tinha terminado quando um cachorro velho e grande, que parecia ser o próprio dono, já que ninguém no grupo reclamou a sua posse, decidiu que era hora de se fazer objeto de atenção pública. Até então ele se mostrara um cachorro muito calmo e bem-disposto, indo de um para outro e, por ser sociável, oferecendo a cabeçorra para um carinho de qualquer mão gentil que estivesse disposta a tanto trabalho. Mas agora, de repente, esse quadrúpede grave e venerável, por iniciativa própria, sem a menor sugestão de ninguém, começou a correr atrás do rabo que, para aumentar o absurdo da cena, era muito mais curto do que devia. Nunca se vira tamanha ansiedade na busca de um objeto que não poderia jamais ser alcançado; nunca se ouviu tamanha explosão de rosnados, latidos e mordidas, como se uma ponta do corpo do ridículo animal fosse inimiga mortal e imperdoável da outra ponta. O vira-lata girava cada vez mais rápido, e mais rápido fugia a brevidade inalcançável da sua cauda; e cada vez mais altos e ferozes se tornavam a animosidade e os seus uivos de raiva; até que, completamente exausto e tão distante do seu objetivo como sempre estivera, o cachorro velho e idiota interrompeu a sua exibição, tão de repente como tinha começado. Logo depois voltou a ser tão manso, calmo, sensato e respeitável na sua postura como quando se apresentara ao grupo.

Como se poderia supor, a apresentação foi saudada com riso unânime, palmas e gritos de bis, e o cachorro respondeu agitando tudo que podia ser agitado da cauda; mas parecia completamente incapaz de repetir o esforço tão bem-sucedido de divertir os espectadores.

Enquanto isso, Ethan Brand tinha voltado para o tronco e, movido pela percepção de alguma analogia remota entre o próprio caso e o daquele vira-lata a perseguir a própria cauda, irrompeu numa risada terrível que, mais que qualquer outra simbologia, expressava as condições do seu ser interior. A partir daquele momento, acabou a alegria do grupo; estavam todos consternados, temendo ouvir aquele som funesto reverberando no horizonte, temendo que uma montanha o ribombasse para a seguinte e prolongasse o horror nos seus ouvidos. Então, murmurando uns para os outros que já era tarde, que a lua já tinha quase sumido, que a noite de agosto estava esfriando, correram todos para casa, deixando o calcinador e o pequeno Joe tratarem como pudessem do convidado indesejado. Não fossem esses três seres humanos, o espaço aberto na encosta seria de solidão, engastada na vasta escuridão da floresta. Além do horizonte escuro, a luz do forno iluminava os troncos imponentes e a folhagem quase negra dos pinheiros, misturada com o verdor mais claro dos carvalhos, bordos e álamos novos, enquanto aqui e ali jaziam os cadáveres gigantescos de árvores mortas, decompondo-se no solo coberto de folhas. E pareceu ao pequeno Joe, um menino timorato e imaginativo, que a floresta silenciosa prendia a respiração até que alguma coisa terrível acontecesse.

Ethan Brand jogou mais lenha no fogo e fechou a porta do forno; então, olhando por sobre o ombro o calcinador e seu filho, mandou, em vez de aconselhar, que os dois fossem descansar.

— Quanto a mim — disse —, tenho problemas que sou obrigado a meditar. Vou vigiar o fogo, como fazia nos velhos tempos.

“E suponho que vai chamar o demônio do forno para lhe fazer companhia”, murmurou Bartram, que aumentava a amizade com a garrafa preta mencionada antes. “Mas pode vigiar, se quiser, e chame tantos demônios quantos queira! Quanto a mim, prefiro muito mais um bom sono.”

— Venha, Joe!

Ao seguir o pai entrando na cabana, o menino olhou para trás, na direção do viajante, e lágrimas desceram dos seus olhos, pois o seu espírito jovem teve uma intuição da solidão terrível e fria em que aquele homem se tinha envolvido.

Depois que eles saíram, Ethan Brand sentou-se, ouvindo os estalos da lenha em chamas e olhando os pequenos espíritos do fogo que saíam pelas frestas da porta. Mas, essas ninharias, antes tão conhecidas, prenderam muito pouco a sua atenção, pois lá no fundo da mente repassava a mudança gradual, mas maravilhosa, que se fizera dentro dele por meio da busca a que se havia devotado. Lembrou-se de como o orvalho da noite tinha caído sobre ele, de como a floresta escura tinha sussurrado para ele, como as estrelas brilharam sobre ele, um homem simples e amoroso a observar o fogo nos anos passados, sempre cismando enquanto a lenha queimava. Lembrou-se da ternura, amor e simpatia pela humanidade, e da pena pela culpa e angústia humanas com que ele havia contemplado pela primeira vez aquelas ideias, que depois se tornaram a inspiração da sua vida; lembrou-se da reverência com que tinha olhado dentro do coração do homem, vendo-o como um templo originalmente divino e que, apesar de profanado, ainda merecia ser considerado sagrado por um irmão; lembrou-se do medo terrível com que havia pedido o insucesso da sua busca e orado para que o Pecado Imperdoável nunca lhe fosse revelado. Seguiu-se então aquele vasto desenvolvimento intelectual que, no seu progresso, perturbou o equilíbrio entre coração e mente. A Ideia que dominou a sua vida tinha operado como meio de educação; continuara a cultivar seus poderes ao ponto mais alto a que eles eram suscetíveis; ela o havia erguido do nível de um trabalhador iletrado até chegar ao de uma eminência entre as estrelas, aonde os filósofos da terra, carregados do conhecimento das universidades, poderiam tentar sem sucesso subir depois dele. Tudo para

o intelecto! Mas onde ficava o coração? Este, de fato, tinha definhado, contraído, endurecido, perecido! Deixara de participar da pulsação universal. Havia perdido o controle da cadeia magnética da humanidade. Não era mais o homem-irmão, abrindo as câmaras ou as masmorras de nossa natureza humana com a chave da simpatia sagrada, que lhe dava o direito de participar de todos os seus segredos; agora era um observador frio, que via a humanidade como o objeto do seu experimento e, no final, convertia homem e mulher em seus títeres, puxando os fios que os fazia moverem-se conforme os graus de crime necessários ao seu estudo.

Assim, Ethan Brand se tornou um demônio. Começou a sê-lo a partir do momento em que a sua natureza moral deixou de manter o ritmo de melhoramento em paralelo com seu intelecto. E agora, como o seu maior esforço e inevitável desenvolvimento, como a flor linda e brilhante e a fruta rica e deliciosa do trabalho da sua vida, ele tinha produzido o Pecado Imperdoável!

“O que mais tenho a procurar? O que mais a realizar?”, disse Ethan Brand para si mesmo. “A minha tarefa está terminada, e bem terminada!”

Partindo do tronco com certo entusiasmo nos passos, subindo o monte de terra que se erguia contra a circunferência da fornalha de calcinação, ele chegou ao topo da estrutura. Era um espaço de talvez dez pés[1] de diâmetro, de um lado a outro, apresentando uma vista da superfície superior da imensa massa de mármore quebrado com que se enchia o forno. Todos esses muitos blocos e fragmentos de mármore estavam vermelhos e incandescentes, enviando grandes jatos de chamas azuis que tremiam no alto e dançavam loucamente, como se estivessem dentro de um círculo mágico, e depois mergulhavam e voltavam a se erguer com atividade múltipla e contínua. Quando o homem solitário se curvou diante e acima desse terrível fogo corporificado, o calor explosivo se lançou contra ele com um sopro que o teria queimado e murchado num

instante.

Ethan Brand ficou de pé e elevou os braços ao alto. As chamas azuis brincavam no seu rosto, e lhe davam a luz terrível e medonha que poderia ajustar-se à sua expressão; era um demônio a ponto de se lançar nesse abismo de intenso tormento.

— Ó, Mãe Terra — gritou ele —, que já não és mais minha Mãe e em cujo seio este corpo nunca será desintegrado! Ó, humanidade, cuja fraternidade eu lancei fora e pisoteei sob os meus pés o teu grande coração! Ó, estrelas do céu, que há muito brilharam sobre mim, como se a me guiar para a frente e para o alto! Adeus a todos, para sempre. Venha, elemento mortal do Fogo, agora meu amigo familiar! Abraça-me como eu te abraço!

Naquela noite, o som de um ribombo assustador de riso rolou pesadamente no sono do calcinador e do seu filho pequeno; formas escuras de horror e angústia assombraram os sonhos de ambos, e pareciam ainda presentes na rude choupana quando abriram os olhos para o dia.

— Acorde, menino, acorde! — gritou o calcinador, olhando à sua volta. — Graças aos Céus, a noite afinal acabou; e em vez de passar outra noite como esta, vou vigiar o meu forno completamente acordado durante um ano. Esse Ethan Brand, com essa impostura de um Pecado Imperdoável, não me fez favor nenhum ao tomar o meu lugar!

Saiu da choupana seguido pelo pequeno Joe, que segurava com força a mão do pai. O sol da manhã já derramava o seu ouro sobre as montanhas, e, apesar de ainda estarem na sombra, os vales sorriam alegres diante da promessa de um dia claro que se aproximava depressa. A aldeia, aprisionada pelos morros que se erguiam suavemente em torno dela, parecia ter descansado em paz no côncavo da grande mão da Providência. Todas as casas eram claramente visíveis; as pequenas torres das duas igrejas apontavam para o alto e recebiam o brilho prévio da luz

do céu ensolarado no galo do seu topo. A taverna estava agitada, e a figura do velho agente ressecado na fumaça, charuto na boca, era vista sob a varanda. A velha montanha Gray Lock era glorificada com uma nuvem dourada sobre a cabeça. Da mesma forma, espalhadas sobre o peito das outras montanhas em volta, havia massas de névoa branca, em formas fantásticas, algumas delas já bem no fundo do vale, outras bem altas, perto do topo, e ainda outras da mesma família de névoa ou nuvem pairando na radiância dourada da atmosfera superior. Quase parecia que um homem mortal poderia ascender às regiões celestiais passando de uma para outra das nuvens que descansavam sobre as montanhas, e delas para a irmandade superior que navegava no ar. A terra estava tão ligada ao céu que era um sonho olhar para ela.

Para completar aquele encanto do familiar e do caseiro que a natureza adota tão imediatamente numa cena como aquela, a diligência descia a estrada da montanha com estrépito, e o cocheiro fez soar sua buzina, enquanto o eco capturava as notas e as interligava numa harmonia rica, variada e elaborada, de que o executante original só podia reivindicar uma pequena parte. As grandes montanhas executavam um concerto, cada uma contribuindo com uma melodia de doçura no ar.

O rosto do pequeno Joe de repente se iluminou.

— Papai querido — gritou ele, saltando alegremente para a frente e para trás —, aquele homem estranho foi embora, o céu e as montanhas parecem todos alegres por isso!

— É verdade — respondeu o calcinador com uma imprecação —, mas ele deixou o fogo baixar, e se quinhentas barricas de cal não se perderem não há de ser graças a ele. Se eu encontrar o sujeito por aqui outra vez, vou ter vontade de jogá-lo numa fornalha!

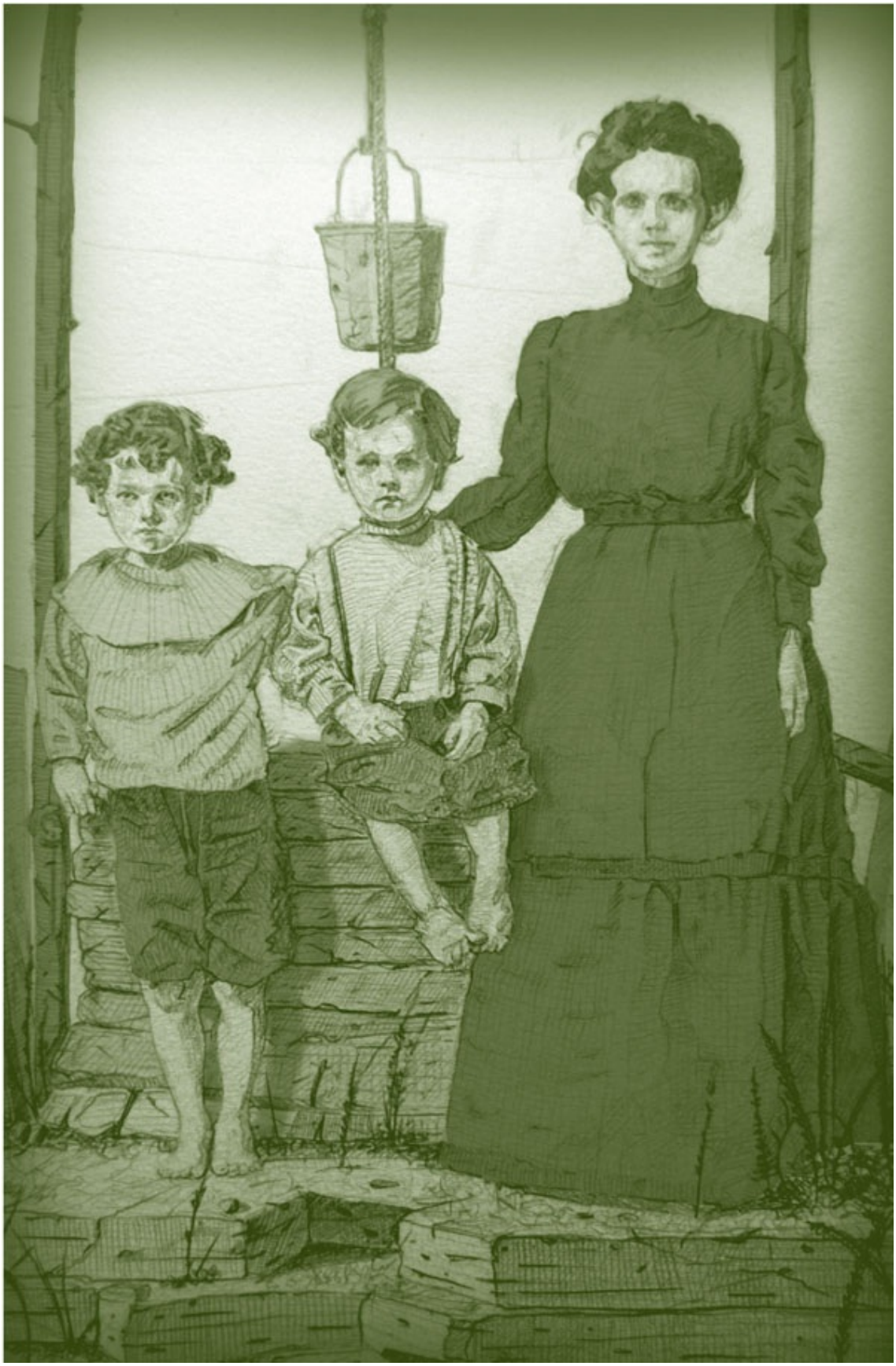
Levando na mão o longo bastão, ele subiu ao topo do forno. Depois de uma pausa, chamou o filho.

— Venha cá, Joe!

O pequeno Joe subiu correndo pela terra acumulada e parou ao lado do pai. Todo o mármore estava queimado, numa cal perfeita e branca. Mas, na superfície, no meio do círculo, também branco como a neve e completamente convertido em cal, um esqueleto humano, na atitude de uma pessoa que, depois de uma longa labuta, se deitou para um longo repouso. Entre as costelas, estranho dizer, se via a forma de um coração humano.

— O coração do sujeito era feito de mármore? — exclamou Bartram, perplexo diante do fenômeno. — De qualquer forma, ele está queimado no que parece uma cal especialmente boa; e, juntando todos os ossos, meu forno está meia barrica mais rico por causa dele.

Assim dizendo, o rude calcinador ergueu o seu bastão e, ao deixá-lo cair sobre o esqueleto, os restos de Ethan Brand se quebraram em lascas.



A COR DO ESPAÇO DISTANTE



H. P. LOVECRAFT

A oeste de Arkham[1] as colinas sobem agrestes, e há vales com florestas fechadas que nenhum machado cortou. Existem vales escuros e estreitos, onde as árvores se inclinam de uma forma fantástica e onde pequenos regatos correm sem nunca terem recebido sequer o lampejo de um raio de sol. Nas encostas suaves há fazendas, antigas e pedregosas, com chalés baixos cobertos de musgo meditando eternamente os segredos da Nova Inglaterra sob o abrigo de grandes rochedos; mas, agora, estão todos vazios, as largas chaminés desmoronando e as paredes laterais revestidas abaulando perigosamente sob os tetos *gambrel*.[2]

As pessoas do passado se foram, e estrangeiros não gostam de viver lá. Franco-canadenses tentaram, italianos tentaram e os poloneses chegaram e partiram. Não por causa de alguma coisa que se veja, ou ouça, ou se possa manusear, mas por causa de alguma coisa imaginada. O lugar não é bom para a imaginação e não traz sonhos repousantes à noite. Deve ser isso o que mantém os estrangeiros a distância, pois o velho Ammi Pierce nunca lhes contou nenhuma lembrança dos dias estranhos. Ammi, cuja cabeça foi um tanto excêntrica durante anos, é o único que ainda permanece, ou que fala dos dias passados; e ele tem coragem para tanto porque a sua casa é muito próxima do campo aberto e das estradas movimentadas em torno de Arkham.

Antes, houve uma estrada que corria sobre as colinas e atravessava os vales, passando exatamente onde é hoje a charneca; mas as pessoas

deixaram de usá-la e a nova estrada foi aberta bem mais ao sul. Vestígios da antiga ainda podem ser encontrados no meio das ervas daninhas daquele lugar deserto, e alguns deles vão permanecer mesmo depois de muitas das depressões serem inundadas pelo novo reservatório. Então as florestas escuras serão derrubadas e a charneca se estenderá até bem abaixo das águas azuis, cuja superfície vai refletir o céu e ondular sob o sol. E os segredos dos dias estranhos se juntarão aos segredos das profundezas; e se juntarão ao conhecimento do velho oceano, e a todo o mistério da terra primal.

Quando percorri as colinas e os vales executando o levantamento topográfico para o novo reservatório, me disseram que o lugar era diabólico. Foi o que me disseram em Arkham, e como ela é uma cidade muito antiga, cheia de lendas de feiticeiras, pensei que o mal estivesse ligado a algo que durante séculos as vovós contaram às crianças. O nome "charneca maldita" me pareceu muito estranho e teatral, e me perguntei como ele havia entrado no folclore de um povo puritano. Então vi por mim mesmo aquele sombrio entrelaçamento de vales e encostas a oeste, e nada que não o seu próprio mistério ancestral passou a me espantar. Era de manhã quando eu a vi, mas as sombras sempre pairam ali. As árvores cresciam muito fechadas, os troncos eram grandes demais para qualquer floresta da Nova Inglaterra. Havia um enorme silêncio nas trilhas escuras entre elas, e o terreno era muito macio, com o musgo e os tapetes úmidos de anos infinitos de decomposição.

Nos espaços abertos, principalmente ao longo da estrada velha, havia poucas fazendas nas encostas; às vezes com todos os edifícios de pé, às vezes com apenas um ou dois, e às vezes com uma chaminé solitária ou um celeiro. Ervas e arbustos daninhos reinavam, e coisas furtivas se arrastavam sob a vegetação. Acima de tudo isso pairava uma névoa agitada e opressiva; um toque de irreal e grotesco, como se algum elemento vital de perspectiva ou *chiaroscuro* estivesse torto. Não me

espantou que os estrangeiros não quisessem ficar, pois essa não era uma região onde se pudesse dormir. Parecida demais com uma paisagem de Salvator Rosa;[3] parecida demais com alguma xilogravura proibida de um conto de terror.

Mas nem mesmo isso era tão ruim quanto a maldita charneca. Eu o soube no momento em que cheguei a ela, no fundo de um vale espaçoso; pois nenhum outro nome se ajustaria tão bem àquilo, e nada se ajustaria tão bem àquele nome. Era como se um poeta tivesse inventado a frase por ter visto exatamente aquela região. Ao vê-la, pensei que devia ser o resultado de um incêndio; mas por que nada de novo se havia desenvolvido naqueles cinco acres de desolação cinzenta que se espalhava, aberta para o céu como um lugar corroído por ácido nas florestas e campos? Espalhava-se principalmente ao norte da estrada antiga, mas ocupava um pouco do outro lado. Senti uma estranha relutância ao me aproximar, e finalmente cheguei, mas apenas porque o meu trabalho me obrigou a atravessá-la e deixá-la para trás. Não havia nenhuma vegetação, de qualquer espécie, naquela ampla extensão, mas somente uma poeira ou cinza fina que nenhum vento parecia mover. As árvores próximas eram doentias e atrofiadas, e muitos troncos mortos se erguiam ou jaziam em decomposição na margem. Ao caminhar apressado por ali, vi à minha direita tijolos e pedras caídos de uma velha chaminé e de um celeiro, e a boca negra escancarada de um poço abandonado, cujos vapores estagnantes executavam truques estranhos com as nuanças da luz do sol. Mesmo a longa subida na floresta escura à frente me pareceu agradável, por comparação, e deixei de me espantar com os murmúrios assustados do povo de Arkham. Nunca houvera casa ou ruína nas proximidades; mesmo nos dias antigos, o lugar devia ter sido solitário e remoto. E, ao crepúsculo, temeroso de passar novamente por aquele lugar assustador, tomei outro caminho de volta à cidade, pela curiosa estrada ao sul. Tive um vago desejo de que algumas nuvens se

juntassem, pois uma estranha timidez diante dos profundos vazios no céu acima havia tomado conta da minha alma.

À noite, perguntei aos velhos de Arkham sobre a charneca maldita, e o que significava a expressão “dias estranhos” evasivamente murmurada por tantas pessoas. Mas não obtive boas respostas, a não ser que o mistério era muito mais recente do que eu pensava. Não era uma questão de velhas lendas, mas alguma coisa ocorrida durante a vida das pessoas que falavam. Acontecera durante os “oitenta”, e uma família havia desaparecido ou sido morta. Quem contava nunca era exato; e como todos me diziam para não dar atenção às histórias loucas do velho Ammi Pierce, eu o procurei na manhã seguinte, depois de saber que ele vivia sozinho num velho chalé instável, onde as árvores começam a se tornar bem grossas. Era um lugar assustadoramente antigo, e já tinha começado a exalar o leve odor miasmático que adere às casas que permanecem de pé há muito tempo. Só depois de bater com muita insistência consegui acordar o velho, e, quando ele veio arrastando timidamente os pés até a porta, percebi que não estava feliz por me ver. Não era tão frágil como eu esperava; mas tinha os olhos abaixados de uma forma curiosa, e as suas roupas malcuidadas e barba branca o faziam parecer muito abatido e triste.

Sem saber como lançá-lo nas suas histórias, fingi um assunto de trabalho; falei a ele do meu levantamento e fiz perguntas vagas sobre o distrito. Ele era muito mais vivo e educado do que eu fora levado a acreditar, e antes que me desse conta, já estava entendendo tanto sobre o assunto quanto qualquer pessoa com quem eu tivesse conversado em Arkham. Ele não era igual aos outros caipiras que eu tinha conhecido nas áreas onde deveria haver um novo reservatório. Dele não vieram protestos pelas velhas florestas e terras de cultivo que seriam perdidas, embora talvez viessem se a sua casa não estivesse fora dos limites do futuro lago. Alívio era tudo que ele demonstrava; alívio diante da

destruição dos antigos vales que havia percorrido durante toda a vida. Estariam melhor agora, sob a água, melhor sob a água desde os dias estranhos. E, com essa abertura, a sua voz rouca baixou enquanto o seu corpo se inclinava para a frente, e o seu indicador direito começou a apontar de forma trêmula e impressionante.

Foi então que ouvi a história, e enquanto a voz desconexa murmurava, rouca, tremi repetidamente, apesar do dia de verão. Muitas vezes tive de arrancar o narrador dos seus devaneios, separar pontos científicos que ele sabia apenas por uma lembrança de papagaio meio apagada da fala de algum professor, ou preencher as lacunas onde o seu senso de lógica e continuidade se rompia. Quando terminou, não me espantei por sua memória ter falhado um pouco, ou por o povo de Arkham não gostar de falar muito sobre a maldita charneca. Voltei correndo para o meu hotel, antes do pôr do sol, pois não queria ver as estrelas nascerem sobre mim em campo aberto; e no dia seguinte retornei a Boston, para me demitir do meu emprego. Não me sentia capaz de voltar àquele caos obscuro de velhas florestas e encostas, ou de voltar a enfrentar a maldita charneca cinzenta, onde um poço negro escancarava a boca ao lado de tijolos e pedras desmoronados. Agora o reservatório logo vai ser construído, e todos aqueles velhos segredos estarão seguros sob muitos metros de água. Mas nem mesmo assim eu gostaria de visitar a região à noite, pelo menos não sob as estrelas; e nada me convenceria a beber a nova água da cidade de Arkham.

Tudo tinha começado, disse o velho Ammi, com o meteorito. Antes dele, desde os julgamentos das bruxas, nunca houvera lendas loucas e, mesmo então, aquelas florestas a oeste não provocavam nem a metade do medo da pequena ilha no Miskatonic, onde o demônio tinha o seu tribunal ao lado de um altar solitário mais antigo que os índios. Não havia florestas assombradas, e a sua escuridão fantástica nunca foi terrível antes dos dias estranhos. Então chegou aquela nuvem branca ao

meio-dia, aquela fileira de explosões no ar, e o pilar de fumaça do vale, bem longe na floresta. E, à noite, toda Arkham ficou sabendo da grande rocha que caiu do céu e se enterrou no chão, ao lado do poço na fazenda de Nahum Gardner. Era a casa que ficava onde depois estaria a maldita charneca; a bela casa branca de Nahum Gardner, entre jardins e pomares férteis.

Nahum havia ido à cidade para avisar ao povo sobre a pedra, e no caminho parou na casa de Ammi Pierce. Ammi tinha então quarenta anos, e todas as coisas estranhas se fixavam com força na sua mente. Ele e a mulher foram até lá com os três professores da Universidade Miskatonic, que na manhã seguinte correram a ver o estranho visitante vindo de algum espaço estelar desconhecido. Perguntavam-se por que no dia anterior Nahum havia dito que a pedra era muito grande. Tinha encolhido, disse Nahum, indicando o monte marrom sobre a terra rasgada e o capim queimado, próximo ao poço arcaico na frente do seu jardim; mas os homens sábios responderam que pedras não encolhem. O seu calor se prolongou persistentemente, e Nahum declarou que ela havia emitido um brilho fraco à noite. Os professores testaram com um martelo de geólogo e descobriram que, estranhamente, ela era macia. Na verdade, era tão macia que quase parecia plástico; eles então cortaram uma amostra com uma goiva — em vez de lascar com uma talhadeira — para levar à universidade e fazer testes. Usaram um balde velho da cozinha de Nahum, pois até mesmo aquele pequeno pedaço se recusava a esfriar. Na viagem de volta, pararam na casa de Ammi para descansar e ficaram preocupados quando a Sra. Pierce observou que o fragmento se tornava cada vez menor e estava queimando o fundo do balde. Na verdade, não era grande, mas talvez eles tivessem extraído menos do que pensavam.

No dia seguinte — tudo isso aconteceu em junho de 1882 —, os professores partiram novamente, em grande excitação. Ao passarem pela

casa de Ammi, contaram a ele as coisas estranhas que ocorreram com a amostra, como ela desaparecera completamente quando a colocaram em uma proveta de vidro. A proveta também havia desaparecido, e os sábios falaram da estranha afinidade da pedra pela sílica. Ela tinha agido de forma quase inacreditável naquele laboratório bem-ordenado; não reagia e não mostrava gases oclusos ao ser aquecida no carvão, era completamente negativa no bórax e depois se mostrou não volátil em qualquer temperatura, inclusive na da chama do maçarico de oxi-hidrogênio. Sobre uma bigorna, ela se revelou bastante maleável, e no escuro a sua luminosidade era muito marcante. Recusou-se teimosamente a ficar fria, e logo a universidade ficou realmente empolgada. Ao ser aquecida diante do espectroscópio, expôs faixas brilhantes diferentes de todas as cores conhecidas do espectro normal, assim houve muitas conversas agitadas sobre novos elementos, bizarras propriedades óticas e outras coisas que os homens de ciência perplexos costumam dizer quando se veem diante do desconhecido.

Como ela era muito quente, testaram-na num cadinho com todos os reagentes adequados. Água não resultou em nada. O mesmo com ácido clorídrico. Ácido nítrico e até mesmo *aqua regia* simplesmente chiaram e esguicharam contra a sua tórrida invulnerabilidade. Ammi teve dificuldade em lembrar todas essas coisas, mas reconheceu alguns dos solventes quando os mencionei na ordem comum de uso. Amônia, soda cáustica, álcool e éter, o nauseabundo dissulfeto de carbono e muitos outros; mas, apesar de o peso diminuir de forma contínua com o tempo, e o fragmento parecer esfriar lentamente, não houve mudança nos solventes que provasse ataque à substância. Porém, sem dúvida, tratava-se de um metal. Em primeiro lugar, era magnético; e depois da imersão em solventes ácidos parecia haver traços dos padrões de Widmanstäten encontrados em ferro meteórico. Quando o resfriamento se tornou considerável, os testes foram conduzidos em vidro; e foi numa proveta

de vidro que os professores deixaram todos os fragmentos tirados durante os trabalhos da amostra original. Na manhã seguinte, fragmentos e proveta haviam desaparecido sem deixar vestígios, e somente uma área queimada marcava o lugar na prateleira de madeira onde tinham sido deixados.

Os professores disseram tudo isso a Ammi quando pararam à sua porta, e mais uma vez ele os acompanhou para ver o mensageiro pétreo das estrelas, embora dessa vez sua mulher não fosse junto. O meteorito com certeza havia diminuído, e mesmo os sóbrios professores não podiam duvidar da verdade do que viam. Em volta da massa marrom que encolhia perto do poço havia em espaço vago, exceto onde a terra afundara; apesar de no dia anterior a pedra ter sete pés,[4] agora mal tinha cinco.[5] Ainda estava quente, e os sábios estudaram a sua superfície com curiosidade ao tirar outro pedaço maior, com martelo e talhadeira. Dessa vez cortaram profundamente e, quando afastaram a massa menor, viram que o núcleo da coisa não era homogêneo.

Expuseram o que parecia ser o lado de um grande glóbulo colorido embutido na substância. Era quase impossível descrever a cor, que lembrava uma das faixas do estranho espectro do meteoro; só por analogia eles a chamaram de cor. De textura brilhante, ao ser batido de leve pareceu quebradiço e oco. Um dos professores bateu com força com um martelo e ele se abriu com um estalo nervoso. Nada foi emitido, e todo traço da coisa desapareceu com a perfuração, deixando um espaço esférico oco de cerca de três polegadas[6] de diâmetro; todos pensaram ser provável que outros seriam descobertos à medida que a substância externa desaparecesse.

Inútil conjecturar. Assim, após uma tentativa fútil de perfurar para encontrar outros glóbulos, os pesquisadores partiram novamente com o novo espécime, que no laboratório se mostrou tão desconcertante quanto o seu predecessor. Além de ser quase plástico, ter calor, magnetismo,

uma leve luminosidade, esfriar levemente sob ácidos fortes, possuir um espectro desconhecido, desaparecer no ar e atacar compostos de sílica, resultando em destruição mútua, não apresentava nenhuma característica identificadora; e, ao final dos testes, os cientistas da universidade foram forçados a reconhecer que não eram capazes de classificá-lo. Não tinha nada do planeta, mas um pedaço do grande espaço exterior; e, como tal, dotado de propriedades externas e obediente a leis externas.

Naquela noite houve uma tempestade, e no dia seguinte, quando os professores saíram da casa de Nahum, tiveram mais um triste desapontamento. A pedra, apesar de magnética, devia ter alguma propriedade elétrica peculiar; pois, como disse Nahum, ela havia "atraído raios" com uma persistência singular. Seis vezes no espaço de uma hora o fazendeiro viu um raio atingir o sulco no jardim da frente, e quando a tempestade chegou ao fim não sobrava nada, a não ser um buraco afogado em terra desbarrancada, ao lado do velho poço. As escavações não deram frutos, e os cientistas confirmaram o fato do completo desaparecimento. O fracasso era total, e, assim sendo, não havia mais nada a fazer a não ser voltar para o laboratório e testar novamente o fragmento evanescente guardado com cuidado em chumbo. Aquele fragmento tinha durado uma semana, no fim da qual nada de valor fora aprendido sobre ele. Ao terminar, não sobrou nenhum resíduo, e com o tempo os professores já não tinham tanta certeza de que realmente haviam visto com olhos alertas aquele vestígio oculto dos abismos espaciais; aquela única, estranha mensagem de outros universos e outros reinos da matéria, força e existência.

Como era natural, os jornais de Arkham exploraram o incidente com patrocínio universitário, e enviaram repórteres para entrevistar Nahum Gardner e sua família. Pelo menos um diário de Boston também enviou um escritor, e Nahum se tornou rapidamente uma espécie de celebridade

local. Era um homem magro e amável, de mais ou menos cinquenta anos, que vivia com a mulher e três filhos na simpática casa da fazenda, no vale. Ele e Ammi, bem como as suas mulheres, se visitavam com frequência; depois de todos aqueles anos, Ammi só tinha para ele palavras elogiosas. Nas semanas seguintes, ele parecia levemente orgulhoso pela atenção que sua fazenda atraía, e sempre falava do meteorito. Os meses de julho e agosto seguintes foram quentes; Nahum trabalhou duro na colheita de feno no seu pasto, do outro lado do regato Chapman; o seu carro barulhento cortava fundos sulcos nas faixas sombreadas. O trabalho o cansava mais que nos outros anos, e ele sentia que a idade começava a pesar.

Chegou então o tempo das frutas e da colheita. Peras e maçãs amadureciam devagar, e Nahum jurou que os seus pomares prosperavam como nunca antes. As frutas cresciam até alcançar um tamanho fenomenal e um brilho raro, e com tal abundância que ele teve de comprar barricas extras para guardar a colheita futura. Mas, com o amadurecimento veio o amargo desapontamento, pois toda aquela linda produção tinha doçura ilusória, nem um único item era bom para comer. No sabor delicioso das peras e maçãs surgiu um amargor secreto e nauseante, de forma que mesmo uma leve mordidela induzia uma aversão duradoura. O mesmo se deu com os melões e tomates, e Nahum viu, amargurado, que toda a sua colheita estava perdida. Ligando rapidamente os acontecimentos, declarou que o meteorito tinha envenenado o solo, e agradeceu aos céus por a maior parte das outras culturas estar num terreno mais alto, junto da estrada.

O inverno chegou cedo, e foi muito frio. Ammi via Nahum cada vez mais raramente, e observou que ele começava a parecer preocupado. O restante da sua família também parecia mais taciturno; as idas à igreja ou a vários eventos sociais da região ficaram mais esparsas. Ninguém encontrou causa para essa reserva ou melancolia, embora todos na

família confessassem vez por outra uma saúde mais debilitada ou uma sensação de vaga inquietude. O próprio Nahum deu a declaração mais definitiva quando disse que se sentia perturbado por algumas pegadas na neve. Eram as pegadas normais de esquilos vermelhos, coelhos brancos e raposas, mas o fazendeiro, pensativo, afirmou duvidar disso, não estava muito certo quanto à natureza das pegadas e sua disposição na neve. Ele nunca foi mais específico, mas parecia pensar que elas não eram tão características da anatomia e hábitos conhecidos de esquilos, coelhos e raposas. Ammi ouvia sem interesse essa conversa, até uma noite em que algo cruzou o seu trenó diante da casa de Nahum, quando voltava de Clark's Corners. A lua apareceu mais cedo, um coelho cruzou a estrada e os saltos daquele animal eram mais longos do que gostariam Ammi ou o seu cavalo. Este último, na realidade, quase fugiu correndo e precisou ser contido por uma rédea firme. Desde então Ammi teve mais respeito pelas histórias de Nahum, e se perguntou por que os cachorros de Gardner pareciam tão medrosos e trêmulos toda manhã, sem a menor vontade de latir.

Em fevereiro, os garotos McGregor, de Meadow Hill, saíram para caçar marmotas, e não muito longe da fazenda de Gardner recolheram um espécime muito peculiar. As proporções do corpo pareciam levemente alteradas, de uma forma estranha, impossível de descrever, ao passo que a cara tinha uma expressão que ninguém jamais havia visto numa marmota. Os garotos ficaram muito assustados e logo jogaram a coisa fora, e assim só seus relatos grotescos chegaram às pessoas da região. Mas os cavalos assustados perto da casa de Nahum já eram coisa conhecida, e o ponto de partida de um ciclo de lenda murmurada estava rapidamente assumindo forma.

As pessoas juravam que a neve derretia mais depressa perto da fazenda de Nahum do que em qualquer outro lugar, e no início de março houve uma discussão assustada no armazém de Potter, em Clark's

Corners. Stephen Rice passou pela casa de Gardner pela manhã e observou copos-de-leite brotando da lama na margem da floresta, do outro lado da estrada. Nunca antes se viram coisas daquele tamanho, com cores tão estranhas que não caberiam em palavras. As suas formas eram monstruosas, e o cavalo bufou devido a um cheiro que pareceu a Stephen completamente sem precedentes. Naquela tarde várias pessoas passaram por ali para ver as plantas anormais, e todos concordaram que coisas como aquelas nunca deveriam brotar num mundo saudável. As frutas ruins do outono anterior foram livremente mencionadas, e circulou de boca em boca que havia veneno na terra de Nahum. Claro, foi o meteorito; e, lembrando-se do quanto os homens da universidade tinham achado estranha aquela pedra, vários fazendeiros falaram a eles sobre o veneno.

Um dia eles fizeram uma visita a Nahum; mas, por não gostar de histórias fantásticas, foram muito conservadores nas suas inferências. As plantas eram certamente diferentes, mas os copos-de-leite são um tanto estranhos na forma e cor. Talvez algum elemento mineral da pedra tenha penetrado o solo, mas logo seria lavado. E quanto às pegadas e aos cavalos assustados, claro que eram apenas conversa de caipira, certamente iniciada pelo meteorito. Na verdade, não havia nada que homens sérios pudessem fazer em casos de fofoca descontrolada, pois caipiras supersticiosos dizem e acreditam em qualquer coisa. E, assim, durante todos os dias estranhos os professores se mantiveram afastados, com desprezo. Apenas um deles, mais de um ano e meio depois, ao receber dois frascos de poeira para análise num caso policial, lembrou-se de que a cor estranha dos copos-de-leite era muito parecida com uma das faixas anômalas de luz exibida pelo fragmento de meteoro no espectroscópio, igual ao frágil glóbulo encontrado dentro da pedra caída do espaço infinito. De início, as amostras na análise desse caso emitiram as mesmas faixas estranhas, embora mais tarde elas tenham perdido essa

propriedade.

As árvores floresciam prematuramente na fazenda de Nahum, e à noite elas balançavam ominosamente ao vento. O segundo filho de Nahum, Thaddeus, um rapaz de quinze anos, jurava que elas também balançavam quando não havia vento; mas a isso nem mesmo os rumores davam crédito. Porém, com certeza havia agitação no ar. Toda a família Gardner desenvolveu o hábito de não falar das coisas que ouvia, sons aos quais não poderia dar nome de maneira consciente. Ouvir era, de fato, mais um produto dos momentos em que a consciência parecia quase fugir. Infelizmente esses momentos aumentavam a cada semana, até tornar conhecimento comum que "havia alguma coisa errada com a família de Nahum". Quando brotaram, as primeiras saxífragas tinham outra cor estranha; não igual, mas claramente aparentada à dos copos-de-leite e também desconhecida de qualquer um que as visse. Nahum levou alguns brotos a Arkham e os mostrou ao editor do *Gazette*, mas aquele dignitário se limitou a escrever sobre eles um artigo cômico, em que os receios dos caipiras eram expostos a um educado ridículo. Nahum errou ao contar ao insensível homem da cidade como as gigantescas borboletas manto-de-luto se comportavam em relação àquelas saxífragas.

Abril trouxe uma espécie de loucura para o povo da região, a estrada que passava pela casa de Nahum caiu em desuso, até ser finalmente abandonada. Era a vegetação. Todas as árvores do pomar floresciam em cores estranhas, e através do solo pedregoso do jardim e da pastagem adjacente surgiu uma planta bizarra, que somente um botânico seria capaz de associar à flora da região. Não se via nenhuma cor saudável, com exceção do capim e das folhagens verdes; mas por toda parte se viam aquelas variantes prismáticas de algum tom primário subjacente, doentio, sem lugar entre as cores conhecidas do planeta Terra. As "culatras de holandês" tornaram-se uma ameaça sinistra, e as raízes cresciam insolentes, na sua perversão cromática. Ammi e os Gardners

pensaram que grande parte daquelas cores tinha uma espécie de familiaridade perturbadora, e decidiram que elas lembravam o glóbulo quebradiço no meteoro. Nahum arou e semeou os dez acres de pasto e o terreno do alto, mas não fez nada na terra em volta da casa. Sabia que não valeria a pena, e esperou que as estranhas germinações do verão retirassem todo o veneno do solo. Agora estava preparado para praticamente tudo, acostumara-se à sensação de algo ao seu lado prestes a emitir um ruído. A marginalização da sua casa pelos vizinhos afetou-o, claro; mas afetou ainda mais a sua mulher. Os meninos não sofreram tanto, pois passavam o dia na escola; mas não conseguiam evitar o medo dos boatos. Thaddeus, um garoto especialmente sensível, foi quem sofreu mais.

Em maio chegaram os insetos, e a casa de Nahum se transformou num pesadelo de zumbidos e rastejamentos. Muitos bichos não eram comuns no aspecto e nos movimentos, e os seus hábitos noturnos contradiziam toda a experiência anterior. A família começou a vigiar durante a noite, vigiar em todas as direções aleatoriamente, à procura de alguma coisa, não sabia o quê. Foi então que eles souberam que Thaddeus estava certo quanto às árvores. A Sra. Gardner foi a próxima a vê-las da sua janela, quando observava os galhos inchados de um bordo contra o céu enluarado. Os galhos sem dúvida se moviam, e não havia vento. Devia ser a seiva. O estranhamento tinha entrado em tudo que crescia. Mas a descoberta seguinte não foi feita por ninguém da família Gardner, pois a familiaridade os havia embotado. O que eles já não viam foi visto por um tímido vendedor de moinhos de vento de Bolton que, desconhecedor das lendas da região, passou por ali certa noite. O que ele contou em Arkham mereceu um parágrafo curto no *Gazette*; foi lá que todos os fazendeiros, inclusive Nahum, o viram pela primeira vez. A noite era escura e as lâmpadas da charrete eram fracas, mas nas proximidades de uma fazenda no vale que, todos entenderam do relato, devia ser a

fazenda de Nahum, a escuridão não era tão densa. Uma luminosidade fraca, mas distinta, parecia unir a toda a vegetação — capim, folhas e flores —, e em certo momento um elemento separado de fosforescência se moveu furtivamente no terreno próximo ao celeiro.

Até então o capim parecera intocado e as vacas pastavam livremente no terreno perto da casa, mas já no final de maio o leite começou a ficar ruim. Então Nahum levou as vacas para as terras altas e o problema acabou. Pouco tempo depois, a mudança no capim e nas folhas se tornou evidente aos olhos: toda a verdura se tornava cinzenta e desenvolvia uma qualidade singular de fragilidade. Ammi era então a única pessoa que ainda visitava o lugar, e as suas visitas se tornavam cada vez mais espaçadas. Quando terminaram as aulas, os Gardners se viram totalmente isolados do mundo, e por vezes permitiam que Ammi resolvesse coisas para eles na cidade. Curiosamente, enfraqueciam física e mentalmente, e ninguém se surpreendeu quando circulou a notícia da loucura da Sra. Gardner.

Aconteceu em junho, mais ou menos na data do aniversário da queda do meteoro, e a pobre mulher gritou por causa de certas coisas no ar que ela não conseguia descrever. Nos seus desvarios, não havia um único substantivo específico, apenas verbos e pronomes. As coisas se moviam, se alteravam e esvoaçavam, e os ouvidos reagiam a impulsos que não eram realmente sons. Alguma coisa lhe estava sendo tomada, ela estava sendo drenada de alguma coisa, e alguma coisa se prendia a ela que não devia prender-se, alguém tinha de afastá-la, nada ficava imóvel à noite, as paredes e janelas se moviam. Nahum não a mandou para o asilo do condado; deixou-a andar pela casa enquanto ela não fizesse mal a si própria ou aos outros. Mesmo quando a sua expressão mudou, ele não fez nada. Mas quando os filhos passaram a ter medo dela e Thaddeus quase desmaiou diante das caretas que ela lhe fazia, ele decidiu mantê-la trancada no sótão. Em julho ela já não falava, rastejava de quatro e,

antes do fim daquele mês, Nahum teve a ideia louca de que ela parecia levemente luminosa no escuro, como agora lhe parecia ser o caso da vegetação próxima.

Um pouco antes de tudo isso os cavalos debandaram. Algo os tinha assustado durante a noite, e os relinchos e coices nas baias foram terríveis. Parecia não haver nada que os acalmasse, e quando Nahum abriu a porta do estábulo eles todos saltaram para fora, como veados assustados. Foi necessária uma semana para encontrar os quatro, e quando foram encontrados estavam inúteis e intratáveis. Alguma coisa se havia rompido nos seus cérebros, e todos tiveram de ser sacrificados a tiros. Nahum tomou um cavalo emprestado de Ammi para fazer feno, mas o animal se recusou a se aproximar do celeiro. Recuava, empacava, relinchava e, no fim, não fez nada além de levá-lo para o pátio, enquanto os homens usavam sua própria força para levar a pesada carroça suficientemente perto do celeiro para trabalhar com o forcado. E durante todo esse tempo a vegetação se tornava cinzenta e quebradiça; até as flores, antes de cores tão estranhas, agora ficavam cinzentas, e as frutas nasciam cinzentas, deformadas e sem gosto. Ásteres e arnicas floresciam cinzentas e distorcidas, e as rosas, zínias e malvas-rosa no jardim tinham uma aparência tão blasfema que o filho mais velho de Nahum as arrancou com a enxada. Os insetos estranhamente inchados morreram por essa época, e até as abelhas deixaram as suas colmeias e fugiram para a floresta.

Por volta de setembro toda a vegetação se desmanchava num pó cinzento, e Nahum temia que as árvores morressem antes que o veneno fosse lavado do solo. A sua mulher agora tinha acessos de gritos horríveis, ele e os filhos viviam em constante estado de tensão nervosa. Agora eram eles que evitavam as pessoas, e, quando a escola reabriu, os rapazes não compareceram. Mas foi Ammi, numa das suas raras visitas, que percebeu que a água do poço já não era boa. Tinha um gosto

horrível, que não era exatamente fétido nem exatamente salobro, e ele aconselhou o amigo a cavar outro poço nas terras altas, para ser usado enquanto o solo não voltasse a ser bom. Mas Nahum ignorou o conselho, pois já estava insensível para as coisas estranhas e desagradáveis. Ele e os filhos continuaram a usar a água estragada tão descuidada e mecanicamente como comiam suas refeições pobres e mal cozidas, e executavam as suas tarefas ingratas e monótonas ao longo dos dias sem propósito. Havia neles uma resignação impassível, como se caminhassem em outro mundo, entre linhas de guardas sem nome, até o destino certo e conhecido.

Thaddeus enlouqueceu em setembro, depois de uma visita ao poço. Tinha ido com um balde e voltou de mãos vazias, gritando e agitando os braços, caindo às vezes num riso nervoso ou num cochicho a respeito do "movimento das cores lá embaixo". Dois casos numa única família já era ruim demais, porém Nahum manteve a coragem. Deixou o filho correr louco durante uma semana, até começar a tropeçar e se machucar; então trancou-o num quarto no sótão, na frente do quarto da sua mãe. A maneira como gritavam um com o outro de trás das portas trancadas era terrível, em especial para o pequeno Merwin, para quem eles conversavam numa língua terrível, que não era desta terra. Merwin estava ficando assustadoramente imaginativo, e sua agitação piorou depois que o seu irmão, o amigo preferido, foi trancado no sótão.

Quase ao mesmo tempo, começou a mortandade entre os animais. As galinhas se tornavam cinzentas e morriam depressa, com a carne muito seca e ruidosa ao corte. Os porcos engordavam muito além do comum e depois passavam por mudanças repugnantes, que ninguém conseguia explicar. A carne era evidentemente inútil, e Nahum não sabia mais o que fazer. Nenhum veterinário rural ousava aproximar-se da sua fazenda, e os veterinários da cidade de Arkham estavam perplexos. Os suínos começaram a se tornar cinzentos e frágeis e cair aos pedaços

antes de morrerem, e seus olhos e focinhos desenvolveram alterações singulares. Era tudo muito inexplicável, pois eles nunca tinham sido alimentados com a vegetação corrompida. Então alguma coisa atacou as vacas. Certas áreas, às vezes todo o corpo, se tornavam secas ou comprimidas, e eram comuns colapsos atrozes ou desintegrações. Nos estágios finais, e o resultado era sempre a morte, haveria passagem ao cinzento e à fragilização, como acontecia aos porcos. Não se tratava de envenenamento, pois todos os casos ocorriam num estábulo fechado e sem perturbações. Nenhuma mordida de animais ambulantes poderia ter trazido o vírus, pois qual animal da terra pode passar através de obstáculos maciços? Só podia ser uma doença natural, mas que doença poderia provocar tais resultados estava além da capacidade de entendimento de todos. Quando chegou a colheita, não havia animal sobrevivente no lugar, pois gado e aves estavam mortos e os cachorros tinham fugido. Os cachorros, três no total, desapareceram todos uma noite, e nunca mais se soube deles. Os gatos já tinham fugido algum tempo antes, mas a sua fuga quase não foi notada, pois agora não parecia haver mais ratos, e somente a Sra. Gardner estimava os graciosos felinos.

No dia dezenove de outubro, Nahum chegou cambaleando à casa de Ammi com notícias pavorosas. A morte havia chegado para o pobre Thaddeus no seu quarto, no sótão, e de uma forma indescritível. Nahum cavou um túmulo no cemitério da família, atrás da fazenda, e colocou lá o que tinha encontrado. Não podia ser nada vindo de fora, pois a janelinha com barras e a porta trancada estavam intactas; mas parecia o que havia acontecido no estábulo. Ammi e sua mulher consolaram o homem aflito da melhor forma possível, mas tremeram ao fazê-lo. O terror puro parecia prender-se aos Gardners e a tudo que tocavam, e a própria presença de um deles na casa era um sussurro de regiões inominadas e inomináveis. Ammi acompanhou Nahum até a casa com a

maior relutância, e fez o que pôde para acalmar os soluços histéricos do pequeno Merwin. Zenas não precisava ser acalmado, pois ultimamente não fazia nada além de olhar o espaço e obedecer às ordens do pai; Ammi pensou que o seu destino foi misericordioso. Vez por outra os gritos de Merwin recebiam uma resposta abafada do sótão, e, a um olhar interrogador de Ammi, Nahum disse que a esposa estava cada dia mais fraca. Quando a noite se aproximava, Ammi conseguiu ir embora; pois nem mesmo a amizade era suficiente para fazê-lo ficar naquele lugar quando começasse o brilho fraco da vegetação e as árvores talvez balançassem sem vento. Era muita sorte Ammi não ser mais imaginativo. Mesmo como estavam as coisas, a sua mente se alterava muito pouco; mas fosse ele capaz de ligar e refletir sobre todos os fatos portentos à sua volta, ter-se-ia tornado um maníaco absoluto. Ao crepúsculo, ele correu para casa, os gritos da louca e do menino nervoso soando horrivelmente nos seus ouvidos.

Três dias depois, Nahum irrompeu bem cedo na cozinha de Ammi e, na ausência do anfitrião, gaguejou uma história desesperada enquanto a Sra. Pierce ouvia, aterrada. Dessa vez era o pequeno Merwin. Havia desaparecido. Saíra tarde da noite com uma lanterna e um balde para água e não tinha voltado. Havia dias que ele vinha desestruturando-se, e mal sabia o que estava fazendo. Gritava por tudo. Houve um grito desvairado vindo do jardim, mas, antes que o pai pudesse chegar à porta, o menino tinha desaparecido. Não se via o brilho da lanterna que ele levara e nenhum vestígio do menino. Naquele momento, Nahum pensou que a lanterna e o balde também haviam desaparecido; mas quando chegou a manhã e o homem voltou da busca de toda a noite nas florestas e campos, descobriu algumas coisas muito curiosas perto do poço. Havia uma massa de ferro esmagada e meio fundida que certamente parecia ser a lanterna; ao passo que, ao lado, um cabo curvado e aros tortos de ferro ambos também meio fundidos, pareciam

indicar o que sobrara do balde. E era tudo. Nahum estava além da capacidade de imaginar, a Sra. Pierce estava pasmada e Ammi, quando voltou e ouviu a história, não foi capaz de sugerir nada. Merwin tinha desaparecido e não valia a pena contar às pessoas da vizinhança, pois agora elas evitavam todos os Gardners. Também não valia a pena contar às pessoas em Arkham, que riam de tudo. Thad estava morto, e agora Merwin estava morto. Alguma coisa se aproximava, aproximava… e esperava para ser vista e ouvida. Nahum morreria logo e queria que Ammi cuidasse da sua mulher e de Zenas, se sobrevivessem a ele. Tudo aquilo tinha de ser algum tipo de julgamento, embora ele não conseguisse perceber para que, pois, até onde sabia, sempre havia andado de cabeça erguida nos caminhos do Senhor.

Durante duas semanas Ammi não viu Nahum; então, preocupado com o que poderia ter acontecido, superou o medo e fez uma visita à casa de Gardner. Não saía fumaça da grande chaminé, e por um momento o visitante temeu o pior. O aspecto de toda a fazenda era chocante: capim cinzento e seco, folhas no chão, trepadeiras caindo em ruínas frágeis de paredes e telhados arcaicos, e grandes árvores nuas agarrando o céu cinzento de novembro com uma malevolência que Ammi sentiu ter vindo de alguma mudança sutil no arranjo dos galhos. Mas Nahum estava vivo, afinal. Fraco, deitado num sofá na cozinha de teto baixo, mas perfeitamente consciente e capaz de dar ordens simples a Zenas. O cômodo estava mortalmente frio; e enquanto Ammi tremia de forma visível, o dono da casa gritava em voz rouca, pedindo a Zenas mais lenha. E lenha, de fato, era muito necessária, pois a lareira cavernosa estava apagada e vazia, com uma nuvem de fuligem pairando no vento frio que descia pela chaminé. Logo Nahum lhe perguntou se a lenha extra lhe havia trazido conforto, e então Ammi viu o que tinha acontecido. A corda mais forte por fim se rompera, e a mente do infeliz fazendeiro estava protegida de mais tristeza.

Ammi perguntou com muito tato, mas não conseguiu obter informações claras sobre o desaparecimento de Zenas. “No poço… ele vive no poço…” era tudo que o pai melancólico conseguia dizer. Passou então pela mente do visitante a lembrança repentina da esposa louca, e mudou a linha de inquirição. “Nabby? Ora, aqui está ela!” foi a resposta surpresa do pobre Nahum, e Ammi logo viu que teria de procurar sozinho. Deixou o inofensivo balbuciante no sofá, pegou as chaves no prego ao lado da porta e subiu as escadas rangentes até o sótão. Lá era muito apertado e fétido, e não se ouvia som algum, vindo de nenhuma direção. Das quatro portas, apenas uma estava trancada, e nesta ele experimentou várias chaves do chaveiro que levava consigo. A terceira chave serviu, e depois de algum trabalho Ammi abriu a porta branca e baixa.

Dentro estava muito escuro, pois a janela era pequena e meio obscurecida pelas barras grosseiras de madeira; e Ammi não viu nada no chão de tábuas largas. O fedor era insuportável, e antes de avançar ele teve de recuar para outro cômodo e voltar com os pulmões cheios de ar respirável. Quando entrou, viu algo escuro no canto e, ao ver mais de perto, deu um grito. Enquanto gritava, teve a impressão de que uma nuvem momentânea eclipsou a janela, e um segundo depois sentiu um sopro, como de uma corrente odiosa de vapor. Cores estranhas dançavam diante dos seus olhos; se um horror presente não o tivesse entorpecido, teria pensado no glóbulo do meteoro que o martelo do geólogo havia quebrado e na vegetação mórbida que brotara na primavera. Tal como estava, só pensou na monstruosidade blasfema à sua frente, que tinha claramente compartilhado o destino inominável do jovem Thaddeus e do gado. Mas, o mais terrível em todo aquele horror era a coisa se mover lenta e imperceptivelmente, enquanto continuava a se desmanchar.

Ammi não me deu outros particulares daquela cena, mas a figura no

canto escuro do sótão não reaparece na sua história como um objeto móvel. Há coisas que não podem ser mencionadas, e o que é feito na humanidade comum é por vezes cruelmente julgado pela lei. Entendi que não havia mais nenhuma coisa móvel no sótão, e que abandonar lá qualquer coisa capaz de se mover teria sido um ato tão monstruoso que condenaria ao tormento eterno todo ser responsável. Qualquer um que não um fazendeiro impassível teria desmaiado ou enlouquecido, mas Ammi atravessou a porta baixa e trancou o segredo amaldiçoado atrás de si. Agora teria de cuidar de Nahum, que tinha de ser alimentado e transportado para um lugar onde pudesse receber cuidados.

Começando a descer a escada escura, Ammi ouviu uma pancada embaixo de si. Teve a impressão de que um grito fora abafado, e se lembrou, nervoso, do vapor pegajoso que havia soprado por ele no quarto pavoroso do andar de cima. Qual presença fora animada pelo seu grito e sua entrada no local? Imobilizado por um medo indefinido, ouviu outros sons lá embaixo. Sem dúvida, alguma coisa pesada estava sendo arrastada, e fazia um barulho detestável e pegajoso, como uma espécie demoníaca e suja de sucção. Com o senso associativo aguçado, elevado a alturas febris, pensou inexplicavelmente no que vira no andar de cima. Meu Deus! Que mundo de sonhos assustador era aquele em que se metera? Não ousava mover-se nem para a frente nem para trás; ficou ali tremendo diante da curva negra da escada. Cada mínimo detalhe da cena ardia em seu cérebro. Os sons, a sensação de terror expectante, a escuridão, a dificuldade do degrau estreito e, graças ao Bom Deus, a leve, mas inconfundível, luminosidade visível na madeira trabalhada: nos degraus, chapas, ripas expostas e vigas.

Ouviu-se então um relincho frenético do cavalo de Ammi lá fora, seguido imediatamente por um tropel que indicava a fuga furiosa. No momento seguinte, cavalo e charrete já estavam fora do alcance dos ouvidos, deixando um homem assustado nas escadas escuras a adivinhar

o que teria espantado o animal. Mas isso não foi tudo. Houve outro som lá fora. Algo caindo dentro de um líquido — água —, possivelmente um poço. Tinha deixado Herói solto ao lado dele, e uma roda da charrete devia ter encostado no parapeito e derrubado uma pedra dentro do poço. E, para completar, a fosforescência pálida brilhava naquele trabalho em madeira detestavelmente antigo. Deus! Como era velha a casa! A maior parte construída antes de 1670, e o teto *gambrel* no máximo em 1730.

Agora se ouvia com clareza um ruído fraco, como algo raspando no chão, e Ammi apertou na mão o porrete que por algum motivo havia pegado no sótão. Enchendo-se lentamente de coragem, ele terminou de descer e foi até a cozinha. Mas não completou a caminhada, porque o que procurava já não estava ali. Tinha vindo encontrá-lo e ainda estava pouco mais que vivo. Se ele se arrastara sozinho ou por forças externas, Ammi não sabia; mas a morte o habitara. Tudo tinha ocorrido na última meia hora, mas o colapso, a perda de cor e a desintegração já estavam muito avançados. Era horrivelmente quebradiço, e fragmentos secos se soltavam. Ammi não podia tocá-lo, mas olhou horrorizado a paródia distorcida do que antes fora um rosto.

— O que foi isso, Nahum… o que foi isso? — sussurrou ele.

E os lábios fendidos e inchados só conseguiram estalar uma última resposta.

— Nada… a cor… ela queima… fria e úmida, mas queima… vivia no poço… eu vi… uma espécie de fumaça… igual às flores na última primavera… o poço brilhava à noite… Thad e Merwin e Zenas… tudo vivo… chupava a vida de tudo… naquela pedra… deve ter vindo naquela pedra que amaldiçoou todo o lugar… não sei o que ela quer… aquela coisa redonda que os homens da universidade arrancaram da pedra… eles quebraram… era da mesma cor… a mesma, como as flores e as plantas… devia ter mais delas… sementes… sementes… elas cresceram… vi esta semana pela primeira vez… ficou forte com Zenas…

era um menino grande, cheio de vida… abate a sua mente e depois o pega… o esgota… na água do poço… você tinha razão… água do mal… Zenas nunca voltou do poço… não deu para fugir… atrai você… você sabe que alguma coisa vai acontecer, mas não adianta… já vi muitas vezes depois que Zenas foi tomado… onde está Nabby, Ammi?… Minha cabeça não está bem… não sei há quanto tempo eu não lhe dou comida… vai pegar ela se não tomarmos cuidado… só uma cor… o rosto dela já está começando a ter aquela cor, às vezes, à noite… e ela queima e suga… vem de algum lugar onde as coisas não são como aqui… um daqueles professores disse… e ele tinha razão… cuidado, Ammi, ele vai fazer mais… suga a vida…

Mas foi só isso. Não conseguiu mais falar porque desabou completamente. Ammi estendeu uma toalha de mesa vermelha xadrez sobre o que sobrou e saiu para os campos pela porta dos fundos. Subiu a encosta até o pasto de dez acres e foi cambaleando até chegar em casa pela estrada do norte e a floresta. Não podia passar pelo poço do qual o seu cavalo tinha fugido. Tinha olhado pela janela e viu que não faltava nenhuma pedra no parapeito. Então, a charrete não havia soltado coisa alguma, o som de água viera de outra coisa, outra coisa que entrara no poço depois de ter acabado com o pobre Nahum.

Quando Ammi chegou à sua casa, os cavalos e a charrete já estavam lá, por isso sua mulher tivera acessos de ansiedade. Depois de acalmá-la sem dar explicações, ele partiu imediatamente para Arkham e notificou as autoridades que a família Gardner já não existia. Não ofereceu detalhes, apenas informou sobre as mortes de Nahum e Nabby, pois a de Thaddeus já era conhecida, e mencionou que a causa parecia ser a mesma estranha condição que já havia matado o gado. Também declarou que Merwin e Zenas tinham desaparecido. Houve muitas perguntas na polícia, e no fim Ammi foi forçado a acompanhar três policiais à fazenda dos Gardners, junto com o juiz criminal, o médico-

legista e o veterinário que tinha tratado dos animais doentes. Ele foi contra a vontade, pois a tarde avançava e ele temia o cair da noite naquele lugar amaldiçoado, mas era reconfortante ter a companhia de tanta gente.

Os seis homens foram numa charrete de quatro lugares, seguindo a charrete de Ammi, e chegaram à casa da fazenda pesteada por volta das quatro horas. Por mais acostumados que estivessem a experiências repulsivas, os policiais não deixaram de se emocionar com o que foi encontrado no sótão e sob a toalha vermelha xadrez no chão da sala. Todo o aspecto da fazenda, com sua desolação cinzenta, era terrível demais, mas os dois objetos desintegrados estavam além de todos os limites. Ninguém conseguiu olhar muito tempo para eles, e até mesmo o médico-legista confessou que não havia muito a ser examinado. Seria possível analisar amostras, é claro, e ele se ocupou em obtê-las, e então ocorreu algo muito desconcertante no laboratório da universidade para onde foram levados os dois frascos de pó. Sob o espectroscópio, as duas amostras emitiram um espectro desconhecido, em que muitas das faixas eram exatamente iguais às produzidas pelo estranho meteoro no ano anterior. A propriedade de emitir esse espectro desapareceu depois de um mês, e o pó passou a ser formado principalmente de fosfatos e carbonatos alcalinos.

Ammi não teria contado aos homens sobre o poço se pensasse que eles iriam fazer alguma coisa ali naquele momento. Já se aproximava o ocaso, e ele estava ansioso para se afastar dali. Mas, não conseguiu evitar um olhar nervoso ao guarda-corpo do poço e, quando um detetive perguntou, admitiu que Nahum tinha tanto medo de alguma coisa lá no fundo do buraco, que nem chegou a pensar em procurar Merwin e Zenas lá dentro. Depois disso, todos insistiram que seria necessário esvaziar e explorar o poço, e Ammi teve de esperar, tremendo, enquanto baldes e mais baldes de água fétida eram trazidos para cima e derramados no

terreno encharcado. Os homens cheiraram enojados aquele fluido, e perto do fim taparam o nariz por causa do fedor que sentiam. Não demorou tanto quanto esperavam, pois a água estava muito baixa. Não houve necessidade de descrever com muita exatidão o que tinham encontrado. Merwin e Zenas estavam lá, em parte, embora os restos fossem principalmente ossos. Encontraram também um pequeno cervo e um cachorro grande mais ou menos no mesmo estado, e vários ossos de animais pequenos. O lodo e a lama no fundo pareciam inexplicavelmente porosos e borbulhantes, e um homem que desceu com uma vara comprida descobriu que a vara descia até o fundo do poço sem encontrar nenhuma obstrução sólida.

O ocaso caíra, e trouxeram lanternas de dentro da casa. Então, quando se constatou que examinar o poço não traria mais nada de novo, todos entraram e discutiram na antiga sala de estar, enquanto a luz intermitente da meia-lua brincava com a desolação cinzenta de fora. Os homens estavam francamente embaraçados por todo aquele caso, e não conseguiam encontrar nenhum elemento comum que ligasse as estranhas condições vegetais, a doença desconhecida do gado e dos humanos e a morte inexplicável de Merwin e Zenas no poço envenenado. Haviam ouvido a conversa do povo, é verdade; mas não acreditavam que tivesse ocorrido algo tão contrário à lei natural. Não havia dúvida de que o meteoro envenenara o solo, mas a doença de animais e pessoas que não tinham consumido nada produzido naquele solo era outra história. Seria a água do poço? Muito possivelmente. Talvez fosse uma boa ideia analisá-la. Mas que loucura peculiar poderia ter levado os dois meninos a saltar dentro do poço? Os seus atos foram muito semelhantes, e os fragmentos mostraram que os dois sofreram a morte cinzenta quebradiça. Por que tudo ficou tão cinzento e quebradiço?

Foi o juiz criminal, sentado junto à janela que dava para o jardim, quem primeiro notou o brilho em torno do poço. Já era noite, e todo o

terreno horroroso parecia levemente iluminado para além da luz incerta do luar; mas esse novo brilho era algo definido e distinto, parecia sair de dentro do buraco negro como a luz suavizada de uma lanterna, dando reflexos embaçados nas pequenas poças do chão, onde a água derramara. Era uma cor estranha, e Ammi, bem como todos os homens reunidos em volta da janela, deu um salto violento. Pois, para Ammi, esse estranho raio de pálido miasma não era desconhecido. Ele já havia visto aquela cor, e tinha medo de pensar o que ela poderia significar. Já a vira no glóbulo, naquele aerólito, dois verões antes, já a vira na vegetação louca da primavera e, pensara tê-la visto por um instante naquela mesma manhã, contra a pequena janela gradeada daquele horrível sótão onde coisas sem nome tinham acontecido. Ela brilhou lá por um segundo, e uma corrente úmida e odiosa de vapor havia passado por ele… e depois Nahum fora tomado por alguma coisa daquela mesma cor. Havia dito, no fim, que era igual ao glóbulo e às plantas. Depois, vieram a fuga no jardim e o barulho de água no poço, e agora aquele poço emitia o raio pálido e insidioso com a mesma cor demoníaca.

Faz justiça à vigilância da mente de Ammi o fato de ele, mesmo naquele momento tenso, ter-se intrigado com um ponto essencialmente científico. Ele só conseguia pensar na impressão que também tivera quando viu um vapor durante o dia, contra uma janela que se abria para o céu da manhã, e na exalação noturna em forma de névoa fosforescente que encobria a paisagem negra e amaldiçoada. Não estava certo, era contra a natureza; e então se lembrou das terríveis últimas palavras do amigo ferido: “vem de algum lugar, de onde as coisas não são como são aqui… um daqueles professores disse…”.

Os três cavalos amarrados a dois arbustos retorcidos na estrada agora estavam relinchando e batendo os cascos freneticamente. O cocheiro foi à porta para tentar fazer alguma coisa, mas Ammi colocou a mão trêmula no seu ombro.

— Não saia — sussurrou. — Aí tem mais coisas do que sabemos. Nahum disse que alguma coisa vive dentro do poço e suga a sua vida. Disse que devia ser algo que cresceu de uma bola redonda como a que nós todos vimos na pedra do meteoro que caiu um ano atrás, em junho. Suga e queima, ele disse, e é da cor daquela luz que está lá fora agora, que mal conseguimos ver e não sabemos o que é. Nahum pensava que ela se alimenta de tudo que é vivo, e fica a cada dia mais forte. Ele disse que a viu nesta última semana. Deve ser alguma coisa que vem de muito longe no céu, como os homens da universidade disseram do meteoro no ano passado. Como é feito e como funciona não tem nada a ver com o mundo de Deus. É alguma coisa de mais longe.

Então os homens pararam, indecisos, enquanto a luz do poço ficava mais forte e os cavalos batiam os cascos e relinchavam num frenesi crescente. Foi um momento terrível; o terror imperava naquela casa antiga e amaldiçoada, quatro conjuntos monstruosos de fragmentos, dois na casa e dois saídos do poço, do barracão nos fundos, e o raio de iridescência desconhecida e diabólica do fundo lodoso na frente. Ammi conteve o cocheiro por impulso, esquecendo-se de que ele próprio não fora ferido pelo contato com o vapor úmido colorido no quarto do sótão; mas, talvez, tenha sido bom ele ter agido daquela forma. Ninguém jamais vai saber o que havia lá fora naquela noite, e embora a blasfêmia do além não tivesse ferido nenhum ser humano de mente sã, ninguém sabe o que ela poderia ter feito naquele último momento, com sua força aparentemente aumentada e os sinais especiais de propósito que ela logo passaria a exibir sob o céu enluarado e meio nebuloso.

De repente, um dos detetives à janela deu um suspiro forte e curto. Os outros se voltaram para ele e seguiram o seu olhar em direção ao alto. Não houve necessidade de palavras. O que tinha sido objeto de discussões na região já não era mais discutível, e isso porque todos os homens daquele grupo combinaram, sussurrando, que os dias estranhos

não seriam mais mencionados em Arkham. É necessário estabelecer a premissa de que não havia vento naquela hora da noite. Um vento começou pouco depois, mas naquele momento não havia absolutamente nenhum. Mesmo as pontas da cerca viva cinzenta e doente e as franjas do teto da charrete continuaram imóveis. E, ainda assim, em meio a essa calma tensa e ateia, os galhos mais altos de todas as árvores no jardim se moviam. Torciam-se de forma mórbida e espasmódica, agarrando as nuvens enluaradas numa loucura convulsiva e epilética; agitavam-se impotentemente no ar pernicioso, como se movidos aos trancos por uma linha de ligação incorpórea com os horrores subterrâneos que lutavam e se retorciam abaixo das raízes negras.

Nenhum deles respirou durante vários segundos. Então, uma nuvem mais escura passou diante da lua, e a silhueta dos galhos agitados desapareceu momentaneamente. Houve um grito geral abafado de horror, mas rouco e quase idêntico em todas as gargantas. Pois o horror não desapareceu com a silhueta, e num instante assustador da mais profunda escuridão eles viram, coleando no alto daquela árvore, mil pontos luminosos de uma radiância fraca e assustadora, tocando a ponta de cada galho como o fogo de santelmo ou as chamas que desceram sobre a cabeça dos apóstolos no Pentecostes. Era uma constelação monstruosa de luz antinatural, como um enxame de vaga-lumes nascidos de cadáveres dançando sarabandas infernais sobre um pântano amaldiçoado, e a sua cor era a mesma intrusão sem nome que Ammi acabou por reconhecer e temer. Durante todo esse tempo o eixo de fosforescência que saía do poço se tornava cada vez mais brilhante, trazendo à mente dos homens ali reunidos uma sensação de condenação e anormalidade que superava qualquer imagem que a mente consciente pudesse formar. Ela já não *brilhava* mais; *derramava-se*; e, enquanto a corrente disforme de cor inclassificável deixava o poço, parecia fluir diretamente para o céu.

O veterinário tremeu e foi até a porta da frente para colocar nela a barra extra. Ammi não tremeu menos e, por não conseguir controlar a voz, teve de arrastar as pessoas e apontar quando quis atrair a atenção para a luminosidade crescente das árvores. Os relinchos e pancadas dos cascos dos cavalos eram agora absolutamente assustadores, mas nenhuma alma daquele grupo na velha casa ter-se-ia se aventurado a sair, por nada neste mundo. Com o passar do tempo, o brilho das árvores aumentou, ao passo que os galhos agitados pareciam cada vez mais tensos, em busca da verticalidade. A madeira da alavanca do poço agora brilhava, e logo um policial apontou estupidamente alguns barracões de madeira e colmeias próximas da parede de pedra a oeste. Eles também começavam a brilhar, embora as carruagens amarradas dos visitantes parecessem ainda não ter sido afetadas. Então houve uma enorme comoção e o som de cascos de cavalos irrompeu na estrada; quando Ammi reduziu a lâmpada para verem melhor, eles perceberam que os cavalos, frenéticos, haviam-se soltado dos arbustos e fugido com a charrete.

O choque soltou várias línguas e sussurros embaraçados foram trocados.

— Isso contagia tudo que é orgânico por aqui — murmurou o médico-legista.

Ninguém respondeu, mas o homem que fora ao poço deu o palpite de que a longa vara que usara devia ter agitado alguma coisa intangível.

— Foi terrível — acrescentou. — Não tinha fundo, só lodo e bolhas, e a sensação de alguma coisa oculta lá embaixo.

O cavalo de Ammi ainda batia os cascos e relinchava ensurdecedoramente lá fora, e quase abafou a voz trêmula e fraca do dono ao murmurar as suas reflexões disformes.

— Ela veio daquela pedra… cresceu lá no fundo… sugou tudo que vivia… alimentou-se de mentes e corpos… Thad e Merwin, Zenas e

Nabby… Nahum foi o último… todos beberam a água… a coisa se fortaleceu deles… veio do além… onde as coisas não são como aqui… agora está indo embora.

A coluna de cor desconhecida de repente brilhou mais forte e começou a se tecer em sugestões fantásticas de formatos, que cada espectador descreveu de forma diferente; veio do pobre Herói amarrado um som que homem nenhum, nem antes nem depois, jamais ouviu de um cavalo. Todos naquela sala de estar de teto baixo taparam os ouvidos, e Ammi se afastou da janela com horror e náusea. Palavras não conseguiam explicar… Quando Ammi tornou a olhar, o infeliz animal jazia inerte no terreno, ao luar, entre os varais da charrete. Foi o último grito de Herói, enterrado no dia seguinte. Mas aquele não era um tempo de luto, pois quase nesse momento um detetive chamou silenciosamente a atenção para uma coisa terrível naquela mesma sala, com eles. Na ausência de luz, tornou-se claro que uma leve fosforescência havia começado a impregnar todo o aposento. Brilhava nas tábuas largas do chão e no pedaço de tapete rasgado, e tremulava sobre os vidros das janelas. Subia e descia pelos pilares expostos dos cantos, coruscava em volta da prateleira e da cornija da lareira e infectou as portas e a mobília. A cada minuto eles a viam fortalecer-se, e finalmente se tornou claro que todas as coisas vivas saudáveis tinham de sair da casa.

Ammi lhes mostrou a porta dos fundos e o caminho pelos campos, até o pasto de dez acres. Andaram e cambalearam como num sonho, e não ousaram olhar para trás até estarem muito longe, já no terreno alto. Estavam felizes pelo caminho, pois não poderiam ter saído pela porta da frente, passando pelo poço. Já era ruim demais ter de passar pelo celeiro e barracões brilhantes e pelas árvores do pomar que brilhavam com seus contornos retorcidos, demoníacos; mas graças aos Céus os galhos estavam mais retorcidos no alto. Quando cruzaram a ponte sobre o córrego Chapman, a lua se ocultou atrás de nuvens muito escuras, e

tiveram de tatear dali até os campos abertos.

Quando olharam para trás, para o vale e a distante fazenda Gardner no fundo, tiveram uma visão aterradora. A fazenda brilhava com uma mistura medonha e desconhecida de cores; árvores, casas e mesmo o capim e a vegetação que ainda não se tinham convertido à fragilidade cinzenta e letal. Todos os galhos se estendiam para o alto, encimados por línguas de chama repugnante, e rios tremeluzentes do mesmo fogo monstruoso rastejavam pelas vigas do telhado da casa, do celeiro e dos barracões. Era uma cena de uma pintura de Fuseli,[7] e acima de todo o resto reinava aquela exuberância de amorfia luminosa, aquele arco-íris estranho e unidimensional de veneno misterioso do poço, em ebulição, envolvente, sensível, penetrante, cintilante, extenuante, e malignamente borbulhante no seu cromatismo cósmico e irreconhecível.

Então, sem aviso, a coisa pavorosa partiu verticalmente para o céu, como um foguete ou meteoro, sem deixar vestígio, desaparecendo através de um buraco redondo e curiosamente regular nas nuvens antes que qualquer um deles tivesse tempo de suspirar ou gritar. Nenhum dos espectadores é capaz de esquecer aquela visão, e Ammi olhou estupefato as estrelas do Cisne, Deneb cintilando acima das outras, onde a cor desconhecida se fundiu na Via Láctea. Mas o seu olhar foi atraído em seguida para a terra, devido a estalos no vale. Foi apenas isso. Só o som de madeira rasgando e estalando, não uma explosão, como juraram muitos outros do grupo. Ainda assim, o resultado foi o mesmo, pois, num instante caleidoscópico febril, da fazenda amaldiçoada e condenada explodiu um cataclismo eruptivo cintilante de faíscas e substâncias antinaturais, ofuscando a visão de alguns que o viram e enviando para o zênite uma nuvem explosiva de fragmentos coloridos e fantásticos que o nosso universo deve por força repudiar. Atravessaram os vapores, que rapidamente se fechavam, e seguiram a grande morbidez que havia desaparecido e, após mais um segundo, eles também desapareceram.

Atrás e abaixo só havia uma escuridão a que os homens não ousaram voltar, e por toda parte um vento crescente pareceu cair sobre a escuridão, como rajadas geladas do espaço interestelar. Gritava e uivava, castigava os campos e distorcia as florestas num louco frenesi cósmico, até que pouco depois o grupo trêmulo percebeu que não valeria a pena esperar que a lua mostrasse o que havia sobrado lá embaixo na terra de Nahum.

Aterrorizados demais até para sugerir teorias, os sete homens trêmulos se arrastaram até Arkham pela estrada do norte. Ammi estava pior que os seus companheiros, e implorou para que o deixassem na sua cozinha em vez de seguirem diretamente para a cidade. Não queria cruzar sozinho a floresta amaldiçoada, castigada pelo vento, até a sua casa na estrada principal. Isso porque ele sofreu um choque a mais, de que os outros foram poupados, e ficou arrasado, com um medo melancólico que não ousou mencionar por muitos anos. Enquanto os outros naquela colina tempestuosa fixavam os olhos na estrada, impassíveis, Ammi olhou para trás, por um instante, para o vale de desolação que abrigara o seu desafortunado amigo. E, daquele ponto distante, viu alguma coisa se erguer languidamente para depois voltar a cair sobre o lugar de onde o grande horror disforme se lançara para o céu. Era apenas uma cor, mas não qualquer cor da nossa terra ou do céu. E, como Ammi reconheceu aquela cor, e sabia que aquele último resquício devia ainda se ocultar no fundo do poço, desde então nunca foi completamente são.

Ammi nunca chegou novamente perto daquele lugar. Já se passaram quarenta e quatro anos desde o horror, mas ele nunca mais foi lá, e ficará feliz quando o novo reservatório o apagar. Eu também vou ficar feliz, pois não gosto do modo como a luz do sol mudou de cor perto do poço abandonado por onde passei. Espero que a água fique para sempre muito profunda, mas mesmo assim nunca vou beber dela. Acho que não

volto mais à área rural de Arkham. Três dos homens que lá estiveram com Ammi voltaram na manhã seguinte para ver as ruínas à luz do dia, mas não havia ruínas. Somente os tijolos da chaminé, as pedras do celeiro, aqui e ali algum lixo metálico e mineral, e a boca daquele poço nefando. Não fosse o cavalo morto de Ammi, que eles arrastaram e enterraram, e a charrete que pouco depois lhe foi devolvida, toda coisa viva que passara por ali havia desaparecido. Ficaram cinco acres irreais de deserto cinzento, e ali nada mais cresceu. Até hoje a área se espalha para o céu como uma grande mancha queimada por ácido nas florestas e campos, e os poucos que já ousaram olhá-la, apesar das histórias do povo, lhe deram o nome de “charneca maldita”.

As histórias rurais são estranhas. Seriam ainda mais estranhas se os homens da cidade e os químicos da universidade se interessassem a ponto de analisar a água daquele poço abandonado, ou a poeira cinzenta que nenhum vento dispersa. Os botânicos também deveriam estudar a flora deformada nos limites daquele lugar, pois talvez lançassem luz sobre a noção popular de que a influência maligna está espalhando-se, pouco a pouco, talvez uma polegada por ano. Dizem que a cor da vegetação vizinha não é normal na primavera, que coisas estranhas deixam pegadas na neve fina do inverno. A neve nunca parece tão pesada na charneca amaldiçoada quanto em outros lugares. Cavalos, os poucos que sobraram nesta era motorizada, ficam agitados no vale silencioso, e caçadores que se aproximam da mancha de poeira cinzenta sabem que não podem confiar nos seus cachorros.

Dizem que as influências mentais também não são boas; muitos enlouqueceram nos anos que se seguiram à morte de Nahum, e sempre lhes faltou força para fugir. Então as pessoas mais corajosas deixaram a região, e somente os estrangeiros tentaram viver nas fazendas em ruínas. Mas não conseguiram ficar; e às vezes ficamos a imaginar que ideias além das nossas lhes deram as estranhas histórias de magia que correm

em rumores. Os seus sonhos à noite, protestam eles, são horríveis demais naquela região grotesca; e certamente a própria aparência do reino da escuridão é suficiente para agitar uma imaginação mórbida. Nenhum viajante já conseguiu escapar ao senso de estranhamento naquelas ravinas profundas, e os artistas tremem ao pintar florestas espessas cujo mistério tanto é do espírito quanto dos olhos. Eu mesmo sou curioso quanto à sensação que tive no meu único passeio sozinho antes de Ammi me contar a sua história. Quando veio o crepúsculo, desejei que algumas nuvens se juntassem, pois uma estranha timidez quanto aos vazios profundos do céu tinha penetrado a minha alma.

Não me peçam a minha opinião. Não sei, e isso é tudo. Não existe ninguém além de Ammi a quem se possa perguntar, pois o povo de Arkham se recusa a falar dos dias estranhos, e os três professores que viram o aerólito e o seu glóbulo colorido já estão mortos. Houve outros glóbulos, podem ter certeza. Um deles deve ter-se alimentado e fugido, e provavelmente havia outro que chegou muito tarde. Não existe dúvida de que ele ainda está no fundo do poço; sei que existe alguma coisa errada na luz do sol que vi acima daquela boca miasmática. Os rústicos dizem que a influência maligna avança uma polegada por ano, então talvez ainda haja uma espécie de crescimento ou nutrição. Mas qualquer que seja o filhote de demônio lá no fundo, ele deve estar amarrado a alguma coisa, caso contrário se espalharia rapidamente. Estaria preso às raízes das árvores que agarram o ar? Uma das atuais histórias de Arkham conta dos gordos carvalhos que brilham e se movem à noite, de uma forma inesperada.

O que é isso, só Deus sabe. Em termos de matéria, suponho que a coisa descrita por Ammi poderia ser chamada de gás, mas esse gás obedecia a leis que não são do nosso cosmos. Não era fruto dos mundos e sóis que brilham nos telescópios e placas fotográficas dos nossos observatórios. Não era a respiração dos céus cujos movimentos e

dimensões os nossos astrônomos medem ou consideram vastos demais para serem medidos. Era apenas a cor do espaço distante, um mensageiro assustador de reinos não formados do infinito, além de toda a natureza tal como a conhecemos; reinos cuja simples existência atordoa o cérebro e nos entorpece com as voragens que abre diante de nossos olhos em frenesi.

Duvido muito que Ammi tenha mentido para mim conscientemente, e não acredito que a sua história fosse apenas um ataque de loucura, como me disse o povo da cidade. Alguma coisa terrível chegou às colinas e vales naquele meteoro, e alguma coisa terrível, embora eu não saiba em que proporção, ainda está lá. Vou ficar feliz ao ver a água chegar. Enquanto isso, espero que nada aconteça a Ammi. Ele viu muito daquela coisa, e a sua influência era por demais insidiosa. Por que ele nunca foi capaz de se mudar? Com que clareza ele se lembrava das palavras de morte de Nahum: “não consegue fugir… atrai você… você sabe que alguma coisa vai acontecer, mas não adianta…”. Ammi é um homem muito bom, quando a turma do reservatório começar a trabalhar vou escrever para o engenheiro-chefe para cuidar bem dele. Não quero pensar nele como a monstruosidade cinzenta, retorcida e frágil que insiste cada vez mais em perturbar o meu sono.

O RIQUIXÁ FANTASMA



RUDYARD KIPLING

Que nenhum sonho mau perturbe o meu repouso,
Nem seja eu molestado pelos poderes da escuridão.
HINO DA NOITE.

Uma das poucas vantagens da Índia sobre a Inglaterra é a grande facilidade de travar conhecimentos. Depois de cinco anos de serviço, um homem já conhece na sua província, direta ou indiretamente, duas ou três centenas de funcionários imperiais indianos, todas as cantinas de dez ou doze regimentos ou baterias, e por volta de outras mil e quinhentas pessoas não pertencentes à casta oficial. Após dez anos, o seu conhecimento dobra e, ao fim de vinte, ele já conhece ou sabe alguma coisa sobre todos os cidadãos ingleses no Império e tem condições de viajar para onde quiser sem ter de pagar hospedagem em hotéis.



Viajantes que agem como se o entretenimento fosse um direito embotaram essa boa disposição, mas ainda hoje, se você pertence ao círculo íntimo, ou não é considerado absolutamente indesejável, todas as casas se abrem para você, e nosso pequeno mundo se apresenta gentil e disposto a ajudar.

Há mais ou menos quinze anos Rickett de Kamartha hospedou-se com Polder de Kumaon. Deveria ter ficado duas noites, mas foi derrubado por uma febre reumática e durante seis semanas desorganizou a casa de Polder, interrompeu o trabalho de Polder e quase morreu no quarto de Polder. Este se comporta como se tivesse contraído obrigações eternas com Rickett, e todo ano manda caixas de brinquedos e presentes para os filhos dele. É a mesma coisa em toda parte. Homens que não se preocupam em ocultar que consideram você um idiota incompetente e mulheres que mancham o seu caráter e não entendem as brincadeiras da sua mulher excedem-se em gentilezas se você adoece ou enfrenta problemas graves.

Além do consultório, Heatherlegh, o médico, mantinha por sua própria conta um hospital — de acordo com seu amigo, um sistema de estábulos para os incuráveis —, que era na verdade uma espécie de casa de recuperação para pessoas prejudicadas pelo estresse do clima. Geralmente, o clima na Índia é sufocante, o número de tijolos[1] é sempre uma quantidade fixa, a única liberdade aceita é a de trabalhar além do expediente sem merecer agradecimentos, e os homens às vezes entram em colapso e se tornam confusos, como as metáforas nesta frase.

Heatherlegh é o médico mais gentil que já existiu, e a sua receita invariável para todos os pacientes é: “não se exponha, não se apresse e mantenha a cabeça fria”. Diz ele que o excesso de trabalho mata mais homens do que justifica a importância deste mundo. Insiste em que o excesso de trabalho matou Pansay, que morreu sob os seus cuidados há cerca de três anos. Evidentemente, ele tem o direito de falar com

autoridade, e ri da minha teoria de que havia uma fenda na cabeça de Pansay, que por ela passou um pedaço do mundo da escuridão e o levou à morte.

— Pansay enlouqueceu depois do estímulo de uma longa licença no Reino Unido — disse Heatherlegh. — Ele pode ter-se ou não comportado mal com a Sra. Keith-Wessington. Acredito que o trabalho na Colônia Katabundi o perturbou e ele começou a sonhar, a dar excessiva importância a um simples namoro no navio da P&O. Estava noivo da Srta. Mannering, e ela com certeza rompeu o compromisso. Ele então teve um resfriado febril e desde então se desenrolou toda aquela tolice sobre fantasmas. O excesso de trabalho deu início à sua doença, mantendo-a ativa até matar o pobre-diabo. Sua morte pode ser atribuída ao Sistema: um homem assume o trabalho de dois homens e meio.

Não acredito. Às vezes eu me sentava com Pansay quando Heatherlegh saía para atender os seus pacientes e por acaso eu estava por perto. O homem me deixava profundamente infeliz quando descrevia, numa voz monótona e baixa, a procissão que sempre passava aos pés da sua cama. Falava na língua de pessoa doente. Quando se recuperou, sugeri que escrevesse todo o caso do começo ao fim, sabendo que a tinta poderia ajudá-lo a aliviar a mente. Quando os meninos aprendem um palavrão novo, não descansam enquanto não o rabiscam sobre uma porta. Isso também vale para a literatura.

Estava febril enquanto escrevia, e o estilo melodramático que adotava não o acalmava. Dois meses depois foi considerado apto para trabalhar, mas, apesar de ter sido convocado com urgência para ajudar uma comissão carente de pessoal a atravessar um período de dificuldade, ele preferiu morrer, jurando então que era amaldiçoado por pesadelos. Recebi o seu manuscrito antes de sua morte, e esta é a versão da história, datada de 1885:

> Meu médico me diz que preciso de repouso e mudança de ares. É provável que eu consiga os

dois dentro de pouco tempo — um repouso que não seja interrompido pelo mensageiro de casaco vermelho ou pelo canhão do meio-dia, e uma mudança de ares muito além da que me oferece um navio para a Inglaterra. Enquanto isso, estou resolvido a ficar aqui mesmo; em franco desafio às ordens do médico, oferecendo a todo mundo as minhas confidências. Vocês vão entender a natureza precisa da minha doença; assim poderão também julgar por si mesmos se algum homem nascido de mulher nesta terra cansada já sofreu os tormentos que sofri.

Falando agora como falaria um criminoso condenado antes de cair no ar, a minha história, por mais louca e horrivelmente improvável que possa parecer, exige pelo menos atenção. Que alguém possa acreditar nela, eu não creio de forma alguma. Há dois meses eu teria insultado como louco ou bêbado o homem que tivesse a coragem de contá-la a mim. Há dois meses eu era o homem mais feliz da Índia. Hoje, de Peshawur até o mar, não existe ninguém mais infeliz. O meu médico e eu somos os únicos que conhecem esta história. A explicação dele é que o meu cérebro, a minha digestão e a minha visão estão levemente afetados e provocam as "alucinações" frequentes e persistentes. Alucinações, quem diria! Eu o chamo de idiota; mas ele me atende com o mesmo sorriso tranquilo, a mesma amena atitude profissional, as mesmas suíças ruivas bem aparadas, até eu começar a suspeitar que sou um inválido ingrato e mal-humorado. Mas vocês vão julgar por si mesmos.

Há três anos tive a ventura — a minha grande desventura — de navegar de Gravesend até Bombaim, de volta de uma longa licença, com uma certa Agnes Keith-Wessington, esposa de um funcionário em Bombaim. Vocês não precisam saber que espécie de mulher era ela. Basta saber que, antes do final da viagem, estávamos ambos desesperada e irracionalmente apaixonados. Deus sabe que posso admiti-lo agora sem a menor partícula de vaidade. Em questões como essa existe sempre um que dá e outro que aceita. Desde o primeiro dia da nossa ligação desafortunada, tive consciência de que a paixão de Agnes era mais forte, mais dominante e, se me permitem a expressão, de um sentimento mais puro que o meu. Se ela reconheceu na época esse fato, não sei. Mais tarde ele se tornou amargamente evidente para nós dois.

Chegamos a Bombaim na primavera daquele ano, tomamos cada um o seu caminho e não nos encontramos mais durante os três ou quatro meses seguintes, quando a minha licença e o seu amor nos levaram a Simla. Lá passamos juntos aqueles dias; lá o meu fogo de palha chegou ao seu triste fim, no final daquele ano. Não procuro justificativas. Não ofereço desculpas. A Sra. Wessington renunciou a muita coisa por minha causa, e estava disposta a renunciar a tudo. Dos meus próprios lábios, em agosto de 1882, ela soube que eu estava farto da sua companhia e cansado do som da sua voz. Noventa e nove mulheres em cem ter-se-iam se cansado de mim tanto como eu me cansava delas; setenta e cinco entre aquelas cem ter-se-iam se vingado de pronto, flertando ativa e ofensivamente com outros homens. A Sra. Wessington era a centésima. Sobre ela, nem a minha aversão abertamente expressa nem as brutalidades cortantes com que eu ornava as nossas entrevistas tinham o menor efeito.

— Jack, querido! — era o seu eterno pio de cuco. — Tenho certeza de que isso tudo é um erro… um erro horrível; voltaremos a ser amigos algum dia. *Por favor*, me perdoe, Jack,

querido.

Eu era o ofensor, e sabia. Sabê-lo transformou a minha piedade em sofrimento passivo e, finalmente, em ódio cego — o mesmo instinto, suponho, que leva um homem a pisar com raiva uma aranha que quase o matou. E o ano de 1882 chegou ao fim com esse ódio no meu peito.

No ano seguinte nos encontramos novamente em Simla — ela com o seu rosto monótono e tímidas tentativas de reconciliação, e eu com ódio por ela em todas as fibras do meu ser. Várias vezes não consegui evitar encontrá-la a sós; e em todas as ocasiões as suas palavras eram exatamente as mesmas. Ainda o gemido irracional de que era tudo um erro; ainda a esperança de no fim "sermos amigos". Eu poderia ter visto, se me houvesse preocupado em olhar, que apenas aquela esperança a mantinha viva. Ela se tornava a cada mês mais abatida e magra. Vocês, pelo menos, hão de concordar comigo que essa conduta teria levado qualquer um ao desespero. Era injustificável, infantil, não feminina. Insisto em que grande parte da culpa era dela. E mesmo assim, por vezes, nas negras noites febris de vigília, cheguei a pensar que eu talvez pudesse ser um pouco mais terno com ela. Mas na verdade isso era uma "alucinação". Eu não seria capaz de continuar a fingir que a amava quando isso não era verdade, seria? Teria sido injusto para nós dois.

Encontramo-nos novamente no ano passado — nos mesmos termos de antes. O mesmo apelo cansado e as mesmas respostas ríspidas dos meus lábios. Eu queria pelo menos mostrar a ela o quanto eram desesperadas e erradas as suas tentativas de retomar a antiga relação. Com o passar do tempo, nós nos afastamos — ou seja, para ela ficou difícil me encontrar, pois eu tinha outros interesses, novos e mais absorventes. Quando relembro o ano de 1884 no silêncio do meu quarto de doente, parece um pesadelo confuso, em que se misturavam fantasticamente a luz e a sombra — a minha corte à pequena Kitty Mannering; as minhas esperanças, dúvidas e medos; os nossos longos passeios; as minhas juras trêmulas de afeto; a resposta dela; e vez por outra a visão de um rosto branco passando fugazmente no riquixá de libré branca e preta que antes eu procurava com tanta ansiedade; o movimento da luva branca da Sra. Wessington; e, quando ela me encontrava a sós, o que era muito raro, a monotonia enfadonha dos seus apelos. Eu amava Kitty Mannering; sinceramente, eu a amava do fundo do coração, e com o meu amor por ela aumentava o meu ódio por Agnes. Em agosto, Kitty e eu ficamos noivos. No dia seguinte encontrei os amaldiçoados *jhampanies*[2] ao voltar de um passeio, e, movido por um sentimento passageiro de pena, parei para contar tudo à Sra. Wessington. Ela já sabia.

— Fiquei sabendo que você está noivo, Jack querido — disse, e então sem uma pausa: — Estou certa de que é um erro. Um dia seremos muito amigos, Jack, como sempre fomos.

A minha resposta poderia ter feito até um homem cambalear. Cortou a agonizante mulher à minha frente como o estalo de um chicote.

— Por favor, me perdoe, Jack; eu não queria fazer-lhe raiva; mas é verdade, é verdade!

E a Sra. Wessington desabou por completo. Virei-me e deixei-a terminar o seu passeio em paz, sentindo, mas só por um instante, que eu havia sido indizivelmente cruel. Olhei para trás e vi que ela fizera o riquixá dar meia-volta, suponho que com a ideia de me ultrapassar.

A cena e tudo em volta ficaram fotografados na minha memória. O céu varrido de chuva

(estávamos no final da estação úmida), os pinheiros encharcados, a estrada lamacenta e os despenhadeiros negros formavam um cenário melancólico contra o qual se destacavam nitidamente as librés dos *jhampanies*, os painéis amarelos do riquixá e a cabeça loura abaixada da Sra. Wessington. Ela segurava o lenço na mão esquerda e, exaurida, se inclinava para trás sobre as almofadas do riquixá. Dirigi o meu cavalo por uma trilha morro acima, próxima ao reservatório Sanjowlie, e literalmente fugi. Cheguei a pensar ter ouvido um grito abafado: "Jack!". Mas talvez fosse imaginação. Não parei para verificar. Dez minutos depois encontrei Kitty a cavalo; e no prazer da longa cavalgada juntos, esqueci tudo relacionado àquele encontro.

Uma semana depois a Sra. Wessington morreu, e o peso inexpressivo da sua existência foi retirado da minha vida. Fiquei perfeitamente feliz. Antes que se passassem três meses eu já a tinha esquecido por completo, a não ser vez por outra, devido à descoberta de suas antigas cartas que me lembravam desagradavelmente a nossa relação. Em janeiro, eu já tinha desenterrado e queimado o que restava da nossa correspondência. No início de abril daquele ano, 1885, eu estava mais uma vez em Simla — uma Simla semideserta — e profundamente envolvido em colóquios de amor e passeios com Kitty. Foi decidido que devíamos casar-nos no final de junho. Vocês hão de entender, portanto, que, amando Kitty como eu amava, não exagero quando declaro ter sido o homem mais feliz da Índia naquela época.

Passaram-se quase catorze deliciosos dias sem que eu notasse. Então, estimulado pelo sentido do que era apropriado entre os mortais nas circunstâncias em que estávamos, mostrei a Kitty que um anel de noivado era o sinal exterior e visível da sua dignidade de noiva; que ela devia ir imediatamente à Hamilton's para tirar a medida do anel. Até aquele momento, dou a minha palavra, tínhamos esquecido completamente essa questão tão trivial. À Hamilton's, portanto, nós nos dirigimos no dia 15 de abril de 1885. Tenham em mente que, apesar do que o meu médico possa dizer em contrário, eu estava então na mais perfeita saúde, desfrutando uma mente perfeitamente sã e um espírito absolutamente tranquilo. Kitty e eu entramos juntos na Hamilton's. Ali, independentemente de outras questões, fiz a medição do dedo de Kitty para o anel, na presença de um atendente risonho. Era um anel de safira com diamantes. Dali, descemos a ladeira que leva à ponte Combermere e à loja Peliti's.

Enquanto o meu cavalo Waler tateava com cautela o caminho sobre as pedras soltas, Kitty ria e falava ao meu lado, e toda a Simla — ou melhor, a parte dela que tinha então vindo de Plains — se reunia em torno do salão Reading e da varanda Peliti. Percebi que alguém, aparentemente a grande distância, me chamava pelo nome de batismo. Impressionou-me o fato de ter ouvido aquela voz antes, mas quando e onde não consegui determinar de imediato. No pequeno espaço necessário para percorrer a estrada entre o caminho da loja Hamilton's e a primeira prancha da ponte Combermere, tentei lembrar a meia dúzia de pessoas que poderiam ter cometido aquele solecismo, e decidi que a voz devia estar cantando nos meus ouvidos. Imediatamente em frente à loja Peliti's, meus olhos foram atraídos pela visão de quatro *jhampanies* em libré branca e preta, puxando um riquixá amarelo barato. Depois de um momento, a minha mente voltou ao ano anterior — e à Sra. Wessington —, e tive uma

sensação de irritação e repugnância. Não bastava a mulher estar morta e acabada? Os seus serviçais em branco e preto tinham de reaparecer para estragar o meu dia de felicidade? Quem quer que os empregasse agora, pensei, eu o procuraria e pediria um favor pessoal: mudar a libré dos *jhampanies*. Eu próprio contrataria os homens e, se necessário, compraria os casacos das costas deles. É impossível descrever aqui o rio de lembranças indesejáveis que a presença desses serviçais evocava.

— Kitty — gritei —, lá estão novamente os *jhampanies* da pobre Sra. Wessington! Gostaria de saber quem os contratou agora.

Kitty conhecera brevemente a Sra. Wessington, no ano anterior, e sempre se havia interessado pela mulher doente.

— O quê? Onde? — perguntou ela. — Não os vejo em parte alguma.

No momento mesmo em que ela falou, o seu cavalo, desviando de uma mula carregada, lançou-se diretamente na frente do riquixá que avançava. Mal tive tempo de dizer uma palavra de aviso quando, e, para meu indescritível horror, cavalo e amazona passaram através de homens e carruagem, como se fossem feitos de vento.

— O que foi? — exclamou Kitty. — Por que você gritou de maneira tão tola, Jack? Se *estou* noiva, não quero que todo o mundo fique sabendo. Havia espaço de sobra entre a mula e a varanda; se você pensa que não sei montar, veja!

E a voluntariosa Kitty partiu a galope, a cabeça delicada erguida no ar, na direção do coreto, esperando, como ela própria me disse mais tarde, que eu a seguisse. O que tinha acontecido? Na verdade, nada. Ou eu estava louco ou bêbado, ou Simla estava assombrada por demônios. Fiz parar o meu cavalo impaciente e dei a volta. O riquixá também havia dado a volta e agora estava bem na minha frente, ao lado da grade de proteção esquerda da ponte Combermere.

— Jack! Jack, querido! — (Dessa vez não havia dúvida quanto às palavras; elas cantavam no meu cérebro como se fossem gritadas no meu ouvido.) — É um erro horrível, eu sei. *Por favor*, me perdoe, Jack, e vamos ser amigos novamente.

A capota do riquixá tinha caído e lá dentro — como espero e rezo de dia pela morte que temo à noite — sentava-se a Sra. Keith-Wessington, lenço na mão e a cabeça loura curvada sobre o peito.

Durante quanto tempo a olhei, imóvel, não sei. Finalmente, fui despertado pelo meu *syce*,[3] que tomou o freio e me perguntou se eu estava doente. Do horrível ao lugar-comum é apenas um passo. Saltei do meu cavalo e corri até o Peliti's, quase desmaiando, para tomar um cálice de licor de cereja. Dois ou três casais se reuniam em torno das mesinhas de café, discutindo os mexericos do dia. As suas trivialidades naquele momento eram mais reconfortantes que os consolos da religião. Entrei de imediato na conversa; conversei, ri e gracejei, meu rosto (o vi de relance num espelho) branco e alterado como o de um cadáver. Três ou quatro homens notaram a minha condição; e, com certeza atribuindo-a ao excesso de bebida, caridosamente tentaram afastar-me dos outros frequentadores. Mas eu recusava a me deixar levar. Queria a companhia dos meus, como uma criança corre para o meio do banquete depois de se assustar no escuro. Devia estar falando havia cerca de dez minutos (embora para mim parecesse uma

eternidade), quando ouvi a voz clara de Kitty lá fora perguntando por mim. Um minuto depois ela entrou e me censurou por falhar tão claramente nos meus deveres. Alguma coisa no meu rosto a interrompeu.

— Ora, Jack — exclamou —, o que você está fazendo? O que aconteceu? Você está doente?

Assim, induzido a contar uma mentira, eu disse que o sol fora demais para mim. Eram quase cinco horas de uma tarde enevoada de abril, e o sol estivera oculto o dia todo. Percebi o meu erro tão logo as palavras saíram da minha boca e tentei consertar; cambaleei, desesperado, e segui Kitty numa raiva régia até lá fora, entre o sorriso dos meus conhecidos. Inventei uma desculpa (não me lembro qual), relacionada com o fato de eu me sentir mal, e fugi para o hotel, deixando Kitty terminar sozinha a cavalgada.

No meu quarto, me sentei e tentei avaliar com calma a situação. Ali estava eu, Theobald Jack Pansay, um bem-educado funcionário imperial de Bengala, no ano da graça de 1885, presumivelmente em boa saúde mental, com certeza saudável, expulso aterrorizado da companhia da minha amada devido à aparição de uma mulher morta e enterrada oito meses antes. Eram fatos que eu não podia ignorar. Nada estava mais distante do meu pensamento que a lembrança da Sra. Wessington quando Kitty e eu saímos da loja Hamilton's. Nada era mais completamente normal que a parede diante da Peliti's. O dia estava claro. A rua, cheia de gente; ainda assim, aqui, veja bem, desafiando todas as leis das probabilidades, ofendendo o ordenamento da natureza, um rosto saído do túmulo aparecera à minha frente.

O cavalo árabe de Kitty havia passado através do riquixá: e assim se perdera a minha esperança de que uma mulher maravilhosamente parecida com a Sra. Wessington tivesse contratado a carruagem e os cules com a sua antiga libré. Vezes sem conta percorri aquela esteira de pensamentos, e vezes sem conta desisti, confuso e desesperado. A voz era tão inexplicável como a aparição. De início, ocorreu-me a ideia louca de contar tudo a Kitty; de lhe implorar que se casasse imediatamente comigo; de desafiar nos seus braços a fantasmagórica ocupante do riquixá. "Afinal", argumentei, "a presença do riquixá é em si suficiente para provar a existência de uma ilusão espectral. É possível ver fantasmas de homens e mulheres, mas com certeza não de cule e carruagens. A coisa toda é um absurdo. Imagine o fantasma de um homem das montanhas!".

Na manhã seguinte enviei uma nota penitente a Kitty, implorando que ela esquecesse a minha estranha atitude na tarde anterior. A minha Divindade ainda estava muito irada, e era necessário um pedido pessoal de desculpas. Expliquei, com a fluência nascida de toda uma noite de ponderações sobre a mentira, que tinha sido atacado por uma súbita palpitação resultante de indigestão. Essa solução eminentemente prática teve efeito; e Kitty e eu saímos aquela tarde, divididos pela sombra da minha primeira mentira.

Apenas um galope em torno de Jakko lhe agradaria. Com os nervos ainda esgotados pela noite anterior, protestei debilmente contra essa ideia, sugerindo a colina do observatório, Jutogh, a estrada de Boileaugunge, qualquer outra coisa que não o passeio por Jakko. Kitty estava com raiva e um tanto magoada: por isso cedi, temendo provocar mais mal-entendidos, e partimos juntos para Chota Simla. Caminhamos grande parte da estrada e, conforme o nosso

costume, seguimos a meio galope por mais ou menos uma milha abaixo do convento, até o trecho de estrada plana às margens do reservatório Sanjowlie. Os malditos cavalos pareciam voar, e o meu coração batia cada vez mais depressa à medida que nos aproximávamos do topo da subida. Durante toda a tarde a minha mente estivera ocupada com a Sra. Wessington; cada centímetro da estrada de Jakko era testemunha das nossas antigas caminhadas e conversas. As rochas estavam cheias delas; os pinheiros as cantavam acima de nós; sem serem vistas, as torrentes alimentadas pela chuva riam e tagarelavam sobre a história vergonhosa; e o vento nos meus ouvidos cantava em voz alta a iniquidade.

Como um clímax adequado, no meio do nível que os homens chamam de Milha das Senhoras, o Horror me esperava. Não se via outro riquixá, somente os quatro *jhampanies*, a carruagem amarela e a cabeça loura da mulher lá dentro, tudo aparentemente tal como eu os tinha deixado oito meses e quinze dias antes! Por um instante imaginei que Kitty tinha de ver o que eu via, pois possuíamos uma sintonia maravilhosa para todas as coisas. As suas palavras seguintes não me enganaram: “Nem uma alma à vista! Venha, Jack, eu o desafio até os edifícios do reservatório!”. O seu pequeno cavalo árabe nervoso partiu como um pássaro, seguido de perto pelo meu Waler, e disparamos nessa ordem sob os despenhadeiros. Meio minuto nos levou a cinquenta jardas do riquixá. Puxei o meu Waler e me atrasei um pouco. O riquixá estava exatamente no meio da estrada; mais uma vez o árabe passou por ele, seguido pelo meu Waler. “Jack! Jack, querido! Por favor, me perdoe.”. Aquele som chegou como um gemido aos meus ouvidos e, depois de um intervalo: “É um erro, um erro horrível!”.

Esporeei o meu cavalo como um homem possuído. Quando me virei na direção do reservatório, as librés pretas e brancas ainda esperavam, esperavam pacientemente, sob a ladeira cinzenta, e o vento trouxe até mim o eco zombeteiro das palavras que eu acabara de ouvir. Kitty reclamou muito do meu silêncio durante todo o resto do passeio. Até então eu vinha conversando loucamente e sem propósito. Não conseguia falar de forma natural, nem que disso dependesse a minha vida, e de Sanjowlie até a igreja controlei a língua com cautela.

Naquela noite eu devia jantar com a família Mannering, e mal tive tempo de correr até minha casa para me vestir. Na estrada para Elysium Hill ouvi dois homens conversando no escuro. “É uma coisa curiosa”, disse um deles, “como desapareceram por completo todos os traços dele. Você sabe como a minha esposa adorava loucamente aquela mulher (eu mesmo nunca consegui ver nada nela) e queria que eu obtivesse o velho riquixá e os cules a qualquer preço, se isso fosse possível. Um desejo mórbido, penso eu; mas tenho de fazer o que a *Memsahib*[4] manda. Você acredita que o homem que os alugou para ela me disse que todos os quatro, irmãos, morreram de cólera a caminho de Hardwar, pobres coitados, e que ele próprio quebrou o riquixá? Disse que nunca usou o riquixá de uma *Memsahib* morta, pois isso traz má sorte. Uma ideia esquisita, não é? Imagine a pobre Sra. Wessington acabando com a sorte de alguém que não a sua própria!”. Nesse ponto eu ri; quando ouvi minha própria risada fiquei chocado. Então *existiam* fantasmas de riquixás, e empregos para fantasmas no outro mundo! Quanto a Sra. Wessington pagava aos seus homens? Qual o horário de trabalho deles? Para onde eles haviam ido?

E, como resposta visível à minha última pergunta, vi a Coisa infernal me bloqueando a passagem no crepúsculo. Os mortos viajam depressa, e por atalhos desconhecidos dos cules comuns. Ri novamente em voz alta, depois contive o riso de repente, com medo de estar enlouquecendo. Até certo ponto eu devia estar ficando louco, pois me lembro de ter freado o meu cavalo à frente do riquixá e polidamente saudado a Sra. Wessington: "Boa noite". A resposta dela eu já conhecia muito bem. Ouvi até o final; respondi que já tinha ouvido tudo aquilo antes, mas ficaria encantado se ela tivesse mais alguma coisa a dizer. Um demônio maligno mais forte do que eu deve ter entrado em mim naquela noite, pois tenho a lembrança sombria de durante cinco minutos ter falado tolices sobre aquele dia à Coisa à minha frente.

— Louco como o chapeleiro, ou bêbado, coitado. Max, tente fazê-lo voltar para casa.

Aquela, com toda certeza não era a voz da Sra. Wessington! Os dois homens me ouviram falando com o ar, e voltaram para cuidar de mim. Foram muito gentis e cheios de consideração, e pelas suas palavras concluí que achavam que eu estava extremamente bêbado. Eu lhes agradeci, confuso, e parti para o meu hotel. Mudei de roupa e cheguei à casa de Kitty meia hora atrasado. Apresentei a escuridão da noite como desculpa; fui censurado pelo atraso tão pouco amável e me sentei.

A conversa já se tornara superficial; sob a cobertura dela, eu falava com a minha querida, quando percebi que na outra ponta da mesa um homem baixo, de suíças ruivas, descrevia com muitos floreios o seu encontro naquela noite com um desconhecido completamente bêbado.

Algumas frases me convenceram de que ele estava repetindo o incidente de meia hora antes. No meio da história ele olhou em volta esperando aplausos, como fazem os contadores profissionais de histórias, e então notou o meu olhar e se calou imediatamente. Houve um silêncio constrangedor, e o homem de suíças ruivas murmurou alguma coisa como ter esquecido o resto, sacrificando assim a reputação de bom contador de histórias que havia construído ao longo dos seis últimos anos. Abençoei-o do fundo do coração e continuei com o meu peixe.

No devido tempo o jantar chegou ao fim; com genuíno pesar eu me afastei de Kitty, pois tinha certeza, como da minha própria existência, que a Coisa estaria esperando-me lá fora. O homem de suíças ruivas, que nos fora apresentado como doutor Heatherlegh, de Simla, ofereceu-se para me acompanhar enquanto percorrêssemos a mesma estrada. Aceitei com gratidão a oferta.

O meu instinto não me enganara. A Coisa estava de prontidão no Mall, e, o que pareceu uma zombaria diabólica dos nossos costumes, estava de farol aceso. O homem de suíças ruivas tocou imediatamente no assunto, mostrando que estivera matutando durante todo o jantar.

— Ora, Pansay, que diabo aconteceu com você esta noite na estrada Elysium?

O repentino da pergunta arrancou de mim uma resposta antes mesmo de eu estar pronto:

— Aquilo! — respondi, apontando a Coisa.

— Pelo que sei, *aquilo* pode ser ou *delirium tremens*[5] ou os olhos. Ora, você não bebe. Notei durante o jantar, portanto não pode ser *delirium tremens*. Não há sinal dessa psicose, embora você esteja suando e tremendo de medo como um pônei assustado. Portanto, concluo que

sejam seus olhos. E quero entender tudo sobre isso. Venha para casa comigo. Moro na estrada baixa de Blessington.

Para minha intensa felicidade, o riquixá, em vez de nos esperar, continuou a cerca de vinte metros à nossa frente, e isso se estivéssemos a passo, trote ou meio galope. Durante toda aquela longa noite eu disse ao meu companheiro quase tudo que contei até aqui.

— Bem, você estragou uma das melhores histórias que já tive a oportunidade de contar — ele disse —, mas vou perdoá-lo devido ao que teve de passar. Agora, venha comigo e faça o que eu mandar; quando eu tiver curado você, jovem, que isso sirva como lição para evitar mulheres e comida indigesta, até o dia da sua morte.

O riquixá se manteve firme à nossa frente; e o meu amigo de suíças ruivas pareceu sentir grande prazer com o meu relato da posição exata do veículo.

— Olhos, Pansay, tudo Olhos, Cérebro, e Estômago. E, o maior dos três, o Estômago. Você tem um Cérebro muito convencido, muito pouco Estômago e Olhos completamente doentes. Faça o seu Estômago funcionar bem e o resto seguirá normal. E, acima de tudo, uma pílula para o fígado. A partir de agora, vou tratar sozinho de você, um fenômeno interessante demais para ser esquecido!

Nesse momento estávamos na sombra da estrada Blessington, e o riquixá estacou sob um despenhadeiro coberto de pinheiros. Instintivamente eu também parei, explicando a minha razão. Heatherlegh rogou uma praga:

— Ora, se você pensa que vou passar uma noite fria nesta ladeira por causa de uma ilusão de Estômago-*cum*-Cérebro-*iecum*-Olhos… Meu Deus do Céu! O que é aquilo?

Houve um ruído abafado, uma nuvem cega de poeira bem em frente, um estalo, o ruído de galhos arrancados, e, a cerca de dez metros, do lado do despenhadeiro, os pinheiros, o mato rasteiro e tudo mais rolou até a estrada, bloqueando-a completamente. As árvores, desenraizadas, oscilaram e tremeram por um tempo, como gigantes bêbados na escuridão, e então caíram entre o restante, fazendo um ruído ensurdecedor. Nossos cavalos ficaram imóveis e suando de medo. Quando terminou o estrépito da queda de terra e pedras, o meu companheiro murmurou:

— Homem, se tivéssemos prosseguido estaríamos agora sob um túmulo de três metros. “Há mais coisas entre o céu e a terra…”[6] Venha comigo, Pansay, e agradeça a Deus. Preciso urgentemente de uma bebida.

Refizemos o caminho pelo morro da igreja e cheguei à casa do Dr. Heateherlegh pouco depois da meia-noite.

As suas tentativas de cura começaram quase imediatamente, e durante uma semana não saí da sua vista. Ao longo daquela semana, muitas vezes agradeci a minha boa sorte por me colocar em contato com o melhor e mais gentil médico de Simla. Dia a dia eu me tornava cada vez mais inclinado a aceitar a teoria da “ilusão espectral” de Heatherlegh, aquela que falava sobre olhos, cérebro e estômago. Escrevi a Kitty. Disse-lhe que tive uma leve contusão ao cair do meu cavalo, o que me mantinha preso em casa por alguns dias, e que estaria recuperado antes de ela ter tempo para lamentar a minha ausência.

Até certo ponto, o tratamento do Dr. Heatherlegh era simples. Consistia em pílulas para o fígado, banhos de água fria e exercícios vigorosos no crepúsculo e ao amanhecer, pois, como ele observou sabiamente, “um homem com torção no tornozelo não caminha doze milhas por dia, e a sua jovem poderia ficar desconfiada se o visse”.

Ao final de uma semana, depois de muitos exames da pupila e do pulso, além de diversas instruções relativas à dieta e ao pedestrianismo, Heatherlegh me dispensou tão bruscamente como se encarregara de mim. Eis a sua bênção de despedida: “Homem, posso atestar a sua cura mental, e isso é como dizer que curei a maior parte dos seus males corporais. Agora, retire os seus pertences daqui o mais rápido possível, e vá falar de amor com Miss Kitty”.

Esforcei-me para expressar gratidão por sua bondade. Ele me interrompeu:

— Não pense que fiz isso por gostar de você. Calculo que se tenha comportado como um criminoso completo. Mas, ainda assim, você é um fenômeno, e tão estranho como fenômeno quanto como criminoso. Não — testou-me pela segunda vez —, nem uma rúpia, por favor! Vá e veja se consegue descobrir novamente o negócio do olhos-cérebro-estômago. Eu lhe darei um *lakh*[7] por cada vez que você conseguir.

Meia hora depois eu estava na sala de visitas com Kitty, bêbado pela felicidade contagiante e pela expectativa de que nunca mais seria perturbado pela presença odiosa da Coisa. Forte, no sentido da minha segurança recém-conquistada, propus de imediato uma cavalgada, de preferência um galope em torno de Jakko.

Nunca me sentira tão cheio de vitalidade e de reles espíritos animais como na tarde do dia trinta de abril. Kitty estava encantada com meu novo aspecto, e me cumprimentou à sua maneira, deliciosamente franca e ousada. Saímos juntos da casa dela, rindo e conversando, e cavalgamos como antes, ao longo da estrada Chota Simla.

Eu estava com pressa de chegar ao reservatório Sanjowlie e lá tornar a minha segurança duplamente garantida. Os cavalos faziam o máximo, mas pareciam lentos demais para a minha mente impaciente. Kitty estava espantada com a minha impetuosidade.

— Ora, Jack! Você está comportando-se como um menino. O que está fazendo?

Estávamos logo abaixo do convento e, por pura malícia, eu incitava o meu Waler a saltar e a corcovear na estrada, fazendo-lhe cócegas com o laço do chicote.

— Fazendo? Nada, querida — respondi. Só isso. Quando não se fez nada durante uma semana, a não ser ficar deitado, fica-se agitado como estou.

“Cantando e murmurando em alegria festiva,
Alegre por sentir-se vivo;
Senhor da natureza, Senhor da Terra visível,
Senhor dos cinco sentidos.”

Mal essa citação havia saído dos meus lábios, contornei uma curva acima do convento; alguns metros adiante podia-se ver além, na direção do Sanjowlie. No centro da estrada plana estavam as librés brancas e pretas, o riquixá amarelo e a Sra. Keith-Wessington. Freei o cavalo, olhei, esfreguei os olhos e creio ter dito alguma coisa. A próxima cena de que me lembro é

estar deitado na estrada, com o rosto para baixo, e Kitty acima de mim, aos prantos.

— Ele desapareceu, querida? — perguntei, ofegante. Kitty só chorava, cada vez mais triste.

— O que desapareceu, Jack querido? O que significa tudo isso? Tem alguma coisa errada, Jack. Um erro terrível — essas suas últimas palavras me fizeram levantar, enlouquecido, temporariamente desvairado.

— Sim, tem mesmo alguma coisa errada — repeti —, algo terrível. Venha e veja.

Tenho a lembrança indistinta de que segurei a mão dela e a arrastei pela estrada até onde estava a Coisa, implorando, em nome de Deus, que Kitty falasse com Ela; que lhe dissesse que estávamos noivos; que nem a morte nem o inferno seriam capazes de romper o laço entre nós; e só Kitty saberia o que mais dizer, com o mesmo intuito. Vez por outra eu apelava com paixão ao Terror no riquixá, para que fosse testemunha de tudo que eu havia dito, que me libertasse da tortura que estava matando-me. Enquanto falava, devo ter contado a Kitty sobre meu relacionamento do passado com a Sra. Wessington, pois a vi prestando atenção, de rosto pálido e olhos em brasa.

— Obrigada, Sr. Pansay — ela agradeceu —, isso é *mais* que suficiente; *Syce ghora láo*.

Os *syces*, impassíveis como sempre são os orientais, aproximaram-se com os cavalos, e quando Kitty saltou para a sela, segurei o freio do cavalo, insistindo para que ela me ouvisse e me perdoasse. A resposta foi uma chicotada no meu rosto, cortando-o desde a boca até o olho, e uma ou duas palavras de adeus que nem mesmo agora consigo escrever. Assim, calculei, e calculei corretamente, que Kitty sabia de tudo, e voltei cambaleando até o riquixá. O meu rosto estava cortado e sangrando, e o golpe de chicote deixou uma cicatriz lívida, azulada. Eu não tinha mais autoestima. Nesse momento, Heatherlegh, que devia estar seguindo Kitty — e eu, a distância —, se aproximou a meio galope.

— Doutor — eu disse, mostrando o meu rosto —, eis a assinatura da Srta. Mannering na carta de rompimento do noivado e… pretendo agradecer por aquelas cem mil rúpias quando for mais conveniente.

O semblante de Heatherlegh, mesmo na minha infelicidade abjeta, me fez rir.

— Aposto a minha reputação profissional… — ele começou.

— Não seja bobo. Perdi a felicidade da minha vida, e o melhor que você pode fazer é levar-me para casa.

Quando falei, o riquixá desapareceu. Então perdi todo conhecimento do que se passava. O cume do Jakko parecia oscilar e rolar como a crista de uma nuvem, desabando sobre mim.

Sete dias depois (ou seja, no dia sete de maio), tive consciência de que estava deitado no quarto de Heatherlegh, fraco como uma criança. O doutor me observava com atenção, atrás de alguns papéis na sua mesa. As suas primeiras palavras não foram encorajadoras, mas eu estava fraco demais para ser sensibilizado por elas.

— A Srta. Kitty mandou devolver as suas cartas. Vocês se corresponderam muito, jovem. Aqui está um estojo que parece de um anel; veio com um bilhete alegre do Papai Mannering, que tomei a liberdade de ler e queimar. O velho senhor não está feliz com você.

— E Kitty? — perguntei obtusamente.

— Menos decidida que o seu pai, pelo que diz. Você também devia estar expondo várias reminiscências estranhas pouco antes de eu conhecê-lo. Ela diz que um homem que se comportou como você fez com a Sra. Wessington devia matar-se, por compaixão pela humanidade. Ela é uma pequena virago de cabeça quente, a sua namorada. Também acredita que você estava sofrendo de *delirium tremens* quando aconteceu aquela confusão na estrada de Jakko. Diz que vai morrer sem voltar a falar com você.

Gemi e virei para o outro lado.

— Agora você pode escolher, amigo. Esse noivado tem de terminar; e os Mannerings não querem ser muito duros com você. Terminou por causa do *delirium tremens*, ou de ataques epiléticos? Sinto muito, não posso oferecer-lhe uma proposta melhor, a menos que você prefira insanidade hereditária. Decida e digo a eles que são convulsões. Toda Simla sabe daquela cena na estrada de Jakko. Vamos! Eu lhe dou cinco minutos para pensar.

Durante aqueles cinco minutos, acredito que eu tenha explorado completamente os mais baixos círculos do inferno que os homens têm permissão de percorrer na terra. E, ao mesmo tempo, eu próprio me via cambaleando pelos labirintos escuros da dúvida, da infelicidade e do completo desespero. Perguntei-me, como Heatherlegh deve ter-se perguntado na sua cadeira, que alternativa horrível eu deveria adotar. Imediatamente, numa voz que mal reconheci, me ouvi responder:

— Por aqui, as pessoas são escandalosamente reservadas em questões de moralidade. Dê a eles as convulsões, Heatherlegh, e o meu amor. Agora me deixe dormir um pouco mais.

As minhas duas personalidades se juntaram, e era só eu (o eu meio enlouquecido, meio compulsivo) quem rolava na cama, refazendo passo a passo a história do mês anterior.

— Mas estou em Simla — eu repetia para mim mesmo. — Eu, Jack Pansay, estou em Simla, e não existem fantasmas aqui. Não é razoável que aquela mulher finja que existam. Por que Agnes não me tranquilizou? Nunca lhe fiz mal. Poderia ter sido tanto eu como Agnes. Só que eu não voltaria de propósito para matá-la. Por que não posso ficar tranquilo, tranquilo e feliz?

Já havia passado metade da tarde quando despertei: o sol já estava baixo no céu e eu nem conseguira dormir, como dorme um criminoso condenado sobre a roda, exausto demais para sentir dor.

No dia seguinte não saí da cama. Pela manhã, Heatherlegh me disse que havia recebido uma resposta do Sr. Mannering, e que, graças aos seus (de Heatherlegh) bons ofícios, a história da minha doença tinha percorrido todo o comprimento e largura de Simla, onde por todos os lados eu era considerado digno de pena.

— E isso é mais do que você merece —concluiu simpaticamente —, apesar de, só Deus sabe, ter passado por um severo sofrimento. Não importa; vamos curá-lo, seu fenômeno perverso.

Recusei firmemente.

— Você já foi bom demais para mim, meu velho — eu disse —, acho que não preciso causar-lhe mais problemas.

Eu sentia, bem lá no coração, que nada que Heatherlegh fizesse aliviaria o peso que tinha sido lançado sobre mim.

Com essa certeza, também me veio um sentido de rebelião desesperada e impotente contra a irracionalidade de tudo aquilo. Muitos homens não eram melhores que eu e suas punições ao menos tinham sido reservadas para o outro mundo; eu sentia ser amarga e cruelmente injusto que somente a mim fosse reservado um destino tão horrível. Essa disposição, com o passar do tempo, daria lugar a outra, em que parecia que o riquixá e eu éramos a única realidade num mundo sombrio; que Kitty era um fantasma; que Mannering, Heatherlegh e todos os outros homens e mulheres que eu conhecia eram todos fantasmas; e as grandes colinas cinzentas eram, elas próprias, sombras vãs inventadas para me torturar. Alternando humores, me virei para a frente e para trás durante sete dias; o meu corpo se tornava a cada dia mais forte, até o espelho do meu quarto me dizer que eu tinha voltado à vida cotidiana, que eu era outra vez igual aos outros homens. Curiosamente, o meu rosto não mostrava sinais da luta que eu enfrentara. Estava de fato pálido, mas tão sem expressão e normal como sempre. Eu tinha esperado uma alteração permanente, evidência visível da doença que me consumia. Não descobri nada.

No dia quinze de maio, às onze horas da manhã, deixei a casa de Heatherlegh, e o instinto de solteiro me levou ao clube. Lá descobri que todos conheciam a minha história tal como contada por Heatherlegh, e foram excepcionalmente gentis e atenciosos. Entretanto, reconheci que pelo resto da minha vida natural eu deveria viver entre eles, mas não entre amigos, e invejei amargamente os cules que riam no Mall. Almocei no clube e às quatro horas andei sem destino pelo Mall, com a vaga esperança de encontrar Kitty. Nas proximidades do coreto, as librés pretas e brancas se juntaram a mim; então ouvi ao meu lado o velho apelo da Sra. Wessington. Eu já o esperava desde que saíra, só me surpreendi pela demora. Eu e o riquixá fantasma seguimos lado a lado pela estrada Chota Simla, em silêncio. Nas proximidades do bazar, Kitty e um homem a cavalo passaram por nós. Pela reação dela era como se eu fosse um cachorro na estrada. Sequer me concedeu a cortesia de aumentar o ritmo, mas a tarde chuvosa serviu de desculpa.

Assim, Kitty e o seu companheiro, e eu e a minha amante fantasmagórica nos arrastamos por Jakko em pares. A estrada estava inundada de água; os pinheiros pingavam como beirais sobre as pedras abaixo, e o ar estava tomado por uma chuva fina. Duas ou três vezes me vi dizendo a mim mesmo, quase em voz alta: “Sou Jack Pansay, de licença em Simla, *em Simla*! Todos os dias, a medíocre Simla. Não posso esquecer, não posso esquecer”. Então, tentava lembrar alguns dos mexericos que ouvira no clube: os preços dos cavalos de fulano; qualquer coisa, na verdade, que se relacionasse ao prosaico mundo anglo-indiano que eu conhecia tão bem. Cheguei mesmo a repetir rapidamente a tabuada de multiplicação, para mim mesmo, para garantir que não estava despedindo-me dos meus sentidos. Isso me reconfortou bastante, e deve ter evitado por algum tempo que eu tornasse a ouvir a Sra. Wessington.

Mais uma vez subi exausto a ladeira do convento e cheguei à estrada plana. Lá Kitty e seu companheiro partiram a meio galope, e fiquei sozinho com a Sra. Wessington.

— Agnes — perguntei —, você não poderia afastar o toldo e me dizer o que significa tudo isso?

O toldo caiu silenciosamente, e me vi diante da minha amante morta e enterrada. Ela vestia o vestido que usava quando eu a vi pela última vez; segurava o mesmo lencinho na mão direita e o mesma carteira na esquerda. (Uma mulher morta havia oito meses segurando uma carteira!) Tive de me concentrar na tabuada de multiplicação e apoiei as duas mãos no parapeito de pedra da estrada para ter a certeza de que pelo menos aquilo era real.

— Agnes — repeti —, pelo amor de Deus, diga-me o que significa tudo isso.

A Sra. Wessington se inclinou para a frente, com aquele movimento estranho e rápido da cabeça que eu conhecia tão bem, e falou.

Se a minha história ainda não tiver ultrapassado todos os limites das crenças humanas, devo desculpar-me já. Como sei que ninguém, nem mesmo Kitty — para quem isto é escrito como uma espécie de justificativa da minha conduta —, acreditará em mim, vou continuar. Caminhei com a Sra. Wessignton desde a estrada Sanjowlie até a curva abaixo da casa do comandante-em-chefe, como se estivesse andando ao lado do riquixá de qualquer mulher viva, conversando animadamente. O segundo e mais atormentador dos estados da minha doença de repente tomou conta de mim, e como o príncipe do poema de Tennyson, "eu parecia mover-me no meio de um mundo de fantasmas". Houvera uma festa no jardim na casa do comandante-em-chefe, e nós dois nos juntamos ao grupo de pessoas a caminho de casa. Tal como eu os via naquele momento, pareciam ser *eles* os fantasmas, sombras impalpáveis, fantásticas, que se dividiram, abrindo caminho para o riquixá da Sra. Wessington. O que dissemos durante aquele estranho encontro eu não posso, na verdade não ouso, contar. O comentário de Heatherlegh teria sido uma observação de que eu estava "triturando uma quimera de cérebro-olhos-estômago." Foi uma experiência assustadora e, ainda assim, de uma forma indefinível, uma experiência maravilhosa. Poderia ser possível, perguntei-me, eu estar nesta vida para cortejar pela segunda vez a mulher que eu havia matado com o meu descaso e a minha crueldade?

Encontrei Kitty na estrada para casa, uma sombra entre sombras.

Se tivesse de descrever em ordem todos os incidentes da quinzena seguinte, a minha história nunca chegaria ao fim, e a sua paciência se esgotaria. Toda manhã e toda noite o riquixá fantasma e eu passeávamos juntos por Simla. Onde quer que eu fosse, as librés brancas e pretas me seguiam e me faziam companhia, saindo e retornando ao hotel. Eu os via no teatro, no meio do povo ou dos *jhampanies* ruidosos; diante da varanda do clube, depois de uma longa noite de uíste. No Baile de Aniversário, esperando pacientemente o meu reaparecimento; e à luz do dia, quando saía em visita. Apesar de não lançar sombra, o riquixá era sob todos os aspectos tão real quanto outro de madeira e ferro. Mais de uma vez, de fato, tive de me conter para não avisar a algum amigo apressado para não passar a galope por ele. Mais de uma vez caminhei pelo Mall dialogando com a Sra. Wessington, para indizível espanto dos passantes.

Cerca de uma semana depois que comecei a andar pela rua, soube que a teoria da "convulsão" tinha sido abandonada em favor da teoria da insanidade. Mas não alterei em nada o meu modo de vida. Fazia visitas, cavalgava ou jantava fora com a mesma frequência de sempre. Sentia uma paixão pela sociedade dos meus iguais que jamais sentira; ansiava por me ver entre as realidades da vida, e, ao mesmo tempo, me sentia vagamente infeliz quando me

separava muito tempo da minha companheira fantasmagórica. Seria quase impossível descrever os meus variáveis estados de humor desde o dia quinze de maio até hoje.

A presença do riquixá me enchia, em turnos, de horror, de medo cego, de uma obscura espécie de prazer e de desespero completo. Não ousei sair de Simla; sabia que ficar ali estava matando-me. Sabia, também, que era o meu destino morrer lentamente, um pouco a cada dia. O meu único anseio era superar a penitência com a maior calma possível. Por outro lado, desejava ver Kitty e observava seus flertes ultrajantes com o meu sucessor — mais precisamente, os meus sucessores —, com interesse divertido. Ela havia saído da minha vida, como eu saíra da dela. De dia eu passeava quase contente com a Sra. Wessington. De noite, implorava aos céus que me permitisse voltar ao mundo tal como eu o conhecera. Acima dessas disposições variáveis estava a sensação monótona e entorpecedora de surpresa, por se misturarem o Visto e o Não Visto de forma tão estranha nesta terra para seguir uma pobre alma até o túmulo.

27 de agosto. Heatherlegh foi infatigável nos seus cuidados, só ontem me contou que eu devia enviar um pedido de licença médica. Um pedido para fugir da companhia de um fantasma! Um pedido para que o governo permita que, fugindo para a Inglaterra, eu me livre de cinco fantasmas e de um riquixá etéreo. A proposição de Heatherlegh quase me levou à gargalhada histérica. Disse a ele que devia esperar calmamente o fim em Simla, e tenho certeza de que o fim não está longe. Acreditem, temo a sua chegada mais que qualquer palavra pode expressar; torturo-me toda noite com mil especulações sobre como será a minha morte.

Vou morrer decentemente na minha cama, como deveria morrer um cavalheiro inglês; ou, durante um último passeio no Mall, a minha alma será arrancada de mim para tomar o seu lugar para sempre ao lado daquele fantasma espectral? No outro mundo, devo voltar à minha dedicação perdida, ou vou continuar encontrando Agnes, detestando-a e preso ao seu lado por toda a eternidade? Continuaremos pairando sobre a cena das nossas vidas até o fim dos tempos? À medida que se aproxima o dia da minha morte, o horror intenso que toda carne viva sente com relação aos espíritos fugidos de além-túmulo se torna cada vez mais forte. É horrível se ver caindo rapidamente entre os mortos tendo completado apenas a metade da vida. É mil vezes mais terrível esperar, como eu entre vocês, algum terror inimaginável. Tenham pena de mim, pelo menos por causa da minha “alucinação”, pois sei que vocês nunca vão acreditar no que acabei de escrever aqui. Mas digo, se um homem pode ser levado à morte pelos Poderes da Escuridão, eu sou esse homem.

Por justiça, tenham pena dela também. Pois, se uma mulher pode ser levada à morte por um homem, eu matei a Sra. Wessington. E a última parte do meu castigo paira agora e para sempre sobre mim.

© C*opyright* desta tradução: Editora Martin Claret Ltda, 2014.
Título original: The Mark of the Best; The Death of Halpin Frayser; Ethan Brand, A Chapter from an Abortive Romance, The Colour Out of Space; The Phanton Rickshaw.

Direção
MARTIN CLARET

Produção editorial
CAROLINA MARANI LIMA / FLÁVIA P. SILVA

Projeto gráfico e diagramação
GIOVANA GATTI LEONARDO

Direção de arte e capa
JOSÉ DUARTE T. DE CASTRO

Ilustração de miolo
YURI CAMARGO CAMPOS

Tradução e notas
PAULO C. CASTANHEIRA

Revisão
WALDIR MORAES

Conversão eBook
Hondana

A ORTOGRAFIA DESTE LIVRO SEGUE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contos de terror, tomo I [livro eletrônico] / [traduzido por Paulo Castanheira]. -- São Paulo : Martin Claret, 2015. -- (Coleção contos ; 10)

Vários autores.

ISBN 978-85-440-0068-7

1. Contos de terror - Coletâneas 2. Literatura fantástica I. Série.

15-02330 CDD-808.838762

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Coletâneas: Literatura fantástica 808.838762

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.
Rua Alegrete, 62 — Bairro Sumaré — CEP: 01254-010 — São Paulo — SP
Tel.: (11) 3672-8144 — Fax: (11) 3673-7146
www.martinclaret.com.br

[1] Mestre e Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista, Araraquara, professora de língua e literatura inglesa da Universidade Federal do Acre. Principal interesse na área de literatura inglesa, com estudos em Virginia Woolf e a crítica feminista.

[1] Poema escocês musicado para ser cantado durante a passagem do ano-novo. No Brasil, foi vertido como a “Valsa da Despedida”.

[2] Referência aos soldados negros do Sudão.

[3] Ventilador de teto acionado por cordas puxadas por um cule. Muito usado nas casas inglesas da Índia colonial.

[4] Nome de uma ópera cômica famosa do fim do século XIX.

[5] Noventa centímetros.

[6] Peixe da família das carpas, comum entre o Irã e a Índia.

[1] Morto-vivo, espírito maligno.

[2] Catorze quilômetros.

[3] Oitocentos metros.

[1] Três metros.

[1] Nome de uma cidade fictícia do estado de Massachusetts, nos EUA, usada pelo autor em diversos textos.

[2] Tipo de telhado de duas águas de base com duas inclinações de cada lado, muito usado para construções agrícolas, como o celeiro americano.

[3] Salvator Rosa (1615–1673) foi um pintor, poeta e músico italiano, pertencente à escola Barroca.

[4] Dois metros e dez centímetros.

[5] Um metro e meio.

[6] Setenta e cinco milímetros.

[7] Johann Heinrich Füssli (1741-1825) foi um pintor suíço. Em suas obras, apesar de mostrarem traços inicialmente classicistas, pode-se notar a predominância do Romantismo, das emoções e da composição dramática. (N. E.)

[1] Referência bíblica ao Êxodo 5-8: os judeus deveriam fornecer a mesma quantidade de tijolos, apesar de os egípcios deixarem de fornecer a palha necessária para a fabricação.

[2] Na Índia, homens que puxam o riquixá.

[3] *Syce*: cuidador de cavalos, na Índia.

[4] *Memsahib*: maneira indiana respeitosa de se dirigir a uma mulher europeia casada.

[5] *Delirium tremens*: forma intensa de psicose causada por abstinência de drogas lícitas ou ilícitas.

[6] Referência à peça de William Shakespeare *Hamlet*, Cena V, Ato I.

[7] Cem mil rúpias.

“(…). Decerto, a escolha dessa coletânea de contos não é aleatória, não se trata apenas de uma justaposição de histórias, mas, sobretudo, percebe-se que há nessa coletânea um fio narrativo que conecta essas histórias e seus autores de forma singular, como se houvesse uma linguagem em comum que os une, não só devido ao gênero, mas, também, ao estilo e às características próprias de cada autor, que se conectam, formando um conjunto coeso e coerente”.

A colocação da professora doutora Maria Oliveira esclarece o ponto chave desta coletânea, que é unir grandes mestres da literatura de terror e fantástica, estabelecendo uma linearidade e propondo a reflexão: por que estes grandes autores escreveram verdadeiras “teses” sobre a animosidade, medos e ganância dos seres humanos? Os contos selecionados são fascinantes, não deixam os leitores desprenderem-se dessa viagem ao terror e ao onírico.

AUTORES

JOSEPH RUDYARD KIPLING nasceu em Mumbai, na índia, no ano de 1865, por isso traz muitas referencias desse país e cultura, seu livro mais conhecido é *The jungle Book*, que deu fama ao pequeno Mogli. Mas poucos sabem que Kipling foi um dos maiores contistas da literatura inglesa e foi um inovador na arte do conto, em 1907 ganhou o prêmio Nobel de Literatura.

AMBROSE GWINNETT BIERCE é de Ohio, EUA, contista de excelência, uma de suas obras mais conhecidas é O *dicionário do Diabo*.

HOWARD PHILLIPS LOVECRAFT é de Providence, EUA, revolucionou o gênero de terror, junto com ficção científica,

seus contos são os mais conhecidos do gênero, tão influente quanto Edgar Allan Poe.

NATHANIEL HAWTHORNE escritor norte-americano conhecido como maior contista de seu país. Sua obra mais conhecida é *A Letra Escarlate*.



Este livro é o primeiro tomo de contos de terror da Editora Martin Claret. Neste volume há autores diversos que são verdadeiros ícones da literatura fantástica: Rudyard Kipling (“As dificuldades da vida — A marca da besta” e “O riquixá fantasma”); Ambro-se Bierce (“A morte de Halpin Frayser”), H.P. Lovecraft (“A cor do espaço distante”) e Nathaniel Hawthorne (“Ethan Brand — Capítulo de um romance abortivo”). São contos que contemplam o que há de mais fascinante nessa vertente literária.

MARTIN CLARET